

FUTEBOL DE PASSO FUNDO

Contribuição à sua história



Marco Antonio Damian

Marco Antonio Damian

Futebol de Passo Fundo

Contribuição à sua história



Passo Fundo
2011

Marco Antonio Damian

Futebol de Passo Fundo

Contribuição à sua história

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2011

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: zanette@zanette.com.br

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Do Livro: História, futebol. -Passo Fundo: Pe. Berthier, 1997.

1ª Edição atualizada Agosto 2018

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

[Creative Commons Atribuição-Compartilhalqual 3,0 Nao Adaptada.](#)

Para ver uma cópia desta licença, visite:

creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, Califórnia, 94041, USA.

Prefácio: Jorge Alberto Salton

Revisado pelo Autor em: 06/09/2011

D158f Damian, Marco Antônio

Futebol de Passo Fundo [recurso eletrônico] /
Marco Antônio Damian. – Passo Fundo : Projeto Passo
Fundo, 2011.

E-book (formato PDF).

ISBN 978-85-64997-08-0

Modo de acesso: World Wide Web:

<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Futebol – Passo Fundo (RS). 2. Clubes de
futebol – História. I. Título.

CDU: 796.33(816.5)

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

Sumário

PREFÁCIO.....	9
APRESENTAÇÃO.....	13
Capítulo I	15
OS CLUBES	17
Sport Club Gaúcho.....	20
Grêmio Esportivo e Recreativo 14 de Julho	30
Riograndese Foot Ball Club.....	38
Sport Club Cruzeiro	42
Independente Grêmio Atlético de Amadores	45
Esporte Clube Atlético.....	49
Esporte Clube Passo Fundo	52
Capítulo II	57
GRANDES JOGOS	59
Sport Club Gaúcho e a campanha de 39	60
14 de Julho x Internacional	65
Independente x Grêmio	68
14 de Julho x Veterano.....	71
Seleção de Passo Fundo x Olaria RJ.....	75
14 de Julho x Gaúcho	78
14 de Julho x Avenida.....	81
Gaúcho x Palmeiras	85
Gaúcho x Uruguaiana	88
Gaúcho x Grêmio.....	91
Capítulo III	95
JOGADORES E TÉCNICOS	97
Capítulo IV	129
A CRÔNICA ESPORTIVA.....	131

PREFÁCIO

Ao escrever sobre as nuances de nossa disputa futebolística, o autor coloca no papel bem mais. Registra a ponta de um *iceberg*, registra a parte consciente de um fenômeno político, social, psicológico e histórico marcante para todos que neste século por aqui viveram.

Certa vez escrevi um romance, *Milan Miragem*, onde conto que um técnico volta à sua cidade natal após muitos anos de exílio voluntário, contratado que fora para salvar um time prestes a cair para a terceira divisão.

Nesta sua volta, o passado também volta a se intrometer em sua mente. Acontecimentos estranhos o fazem se deparar com as conseqüências da tragédia que foi entre nós a Revolução Federalista.

Esta foi a maior guerra civil do Brasil, atingiu em cheio Passo Fundo. No período, nossa população foi reduzida de 25 para 15.000 mil habitantes. Muitos fora mortos, muitos fugiram.

A Batalha do Pulador, a maior desta guerra fratricida, se operou a 15km, creio, do centro da cidade. Envolveu mais de seis mil combatentes, mil ficaram mortos no campo de batalha.

O que fazer depois? A cidade dividida. A metade era Federalista, maragatos, liderados por Prestes Guimarães. A outra metade, Republicana, chimangos, liderados por Gervásio Annes.

A metade com as cores verde e branca dos Republicanos, a outra metade, com a cor vermelha dos Federalistas, o famoso lenço vermelho.

O que fazer com o ódio acumulado, com o desejo natural de vingança? Do outro lado da rua “eu” via o homem que matou meu sobrinho, meu pai. Na igreja, eu percebia a presença dos filhos de alguém que eu feri. A cidade era pequena, freqüentava-se os mesmos lugares, o mesmo cemitério. Gervásio Annes e Prestes Guimarães estão enterrados no

mesmo cemitério, o cemitério da Vera Cruz, a dez passos um do outro. O que fazer com o ódio acumulado?

Em 1918, um grupo de pessoas funda o S. C. GAÚCHO, curiosamente com as cores verde e branca dos Republicanos.

Em 1921, um grupo de pessoas funda o 14 de JULHO, curiosamente com a cor vermelha dos Federalistas.

E a cidade passou quase cem anos sem falar na Guerra Civil que aqui houve. Nossos avós e os nossos pais não falavam no assunto. Meu avô só uma vez deixou escapar que, adolescente ainda, viu um homem ser degolado. Nas escolas não se falava em Republicanos e Federalistas, mas se fala e se falava o tempo todo no GAÚCHO e no 14.

Durante todo esse tempo em que a cidade não falou no lenço vermelho e no lenço verde e branco, ela falou no GAÚCHO e no 14 de JULHO. Na bandeira vermelha do 14, na bandeira verde do GAÚCHO.

As disputas eram acirradíssimas. A cidade se dividiu entre esses dois clubes. Todos, homens e mulheres, participavam dos intermináveis debates. Os estádios enchiam.

Os homens da revolução saíram de cena e deram lugar aos homens do futebol.

Em Milan Miragem, a certa altura, eu promovo o encontro entre Pedro Nassar, coureiro, homem de várias mortes, que carrega consigo a faca que seu avô usou nas degolas da guerra civil, com Artur Jorge, o técnico. O encontro do homem da revolução com o homem do futebol.

Lutam. Pedro Nassar tem o técnico sobre seu domínio. Resolve fazer o que sabe, degolá-lo. Manda-o tirar a roupa, como faziam antigamente para que ela não se sujasse de sangue já que passaria a ser sua propriedade. Degola é boa de sangue quente. Uma troteada. Artur Jorge, pelado e de sapato, corre ao lado de Pedro Nassar, vestido, com revólver no coldre e a famosa faca na cintura, nas costas.

Num dado momento, de forma totalmente inesperada, Pedro Nassar inicia queda para frente. O técnico, ex-jogador de futebol, batera com o pé esquerdo no pé direito do coureador, bem no momento em que este, levantado, iria cruzar pelo pé de apoio. Tranco sutil e eficiente de zagueiro curtido no futebol da Segunda Divisão. Artur Jorge esticando rapidamente o braço conseguira alcançar o cabo prateado. Bem... a lâmina penetra por entre as costelas. O homem da revolução sai da cena histórica, eliminado pela chegada do homem do futebol.

Artur Jorge, antes de ir embora, reúne folhas e gramas e faz um travesseiro sobre o qual deposita, com cuidado, a cabeça morta de Pedro Nassar.

Um gesto... o reconhecimento de que Pedro Nassar era também seu passado. O *homem do futebol* é a continuação atenuada do *homem da revolução* das degolas. É o homem que aprende a disputar sem matar. É o homem que trilha o caminho da pacificação.

GAÚCHO e 14, Verdes e Vermelhos, continuaram a ser depositários de nossos demônios.

Sartre dizia: “os demônios são os outros”.

Enquanto existiram as disputas acirradíssimas entre GAÚCHO e 14, nossa cidade vivia o futebol local numa rivalidade ainda mais intensa do que a do Grêmio e Inter, em nível estadual.

Quando o 14 foi extinto, a disputa terminou, o futebol de Passo Fundo se esvaziou, numa prova de que a sua pujança, a sua força não era devido ao espetáculo, havia uma outra função bem mais profunda.

Nós sabíamos onde estavam os demônios. Para alguns, os demônios eram verdes e estavam na *montanha*... Para os outros, eram vermelhos e estavam no Estádio Celso Fiori...

Nossas disputas futebolísticas representam para o Brasil m pequeno estudo de caso. O estudo da função forte do futebol numa pequena cidade, ajudando seus habitantes a digerir uma tragédia.

Os dados pacientemente coletados e habilmente colocados no papel por Marco Antonio Damian preenchem uma grande lacuna. De agora em diante, e para sempre, teremos uma fonte de pesquisa à mão. Sabemos quem foram os *homens do futebol*, os imprescindíveis *homens do futebol*.

Ao autor, o nosso muito obrigado.

Jorge Alberto Salton

APRESENTAÇÃO

Contribuição à História do Futebol de Passo Fundo. O título já explica o objetivo do livro. Contribuir com informações para que se mantenha viva essa riquíssima área da história do Município de Passo Fundo. O desejo do autor, em princípio, seria o de contar a História do nosso futebol. Tarefa impossível, porque a História em si é inesgotável. Toda a narração histórica fica dentro dos horizontes da pesquisa, sempre limitada.

Isto não invalida a tentativa de conhecer os fatos passados. É próprio do homem, ser temporal, o interesse pelas origens e o processo de desenvolvimento do que lhe envolve.

O futebol em Passo Fundo começou a ser jogado em 1913, ou seja, 84 anos. Um livro sobre o tema se faz necessário, dada a importância do esporte na vida das pessoas e da sociedade. Evidentemente, que ao longo desse período, muitas pessoas a ele ligadas mais diretamente já faleceram e os clubes, em sua maioria, deixaram de existir. Com eles se perdeu parte da história documentada.

Este livro está dividido em quatro capítulos. O primeiro, sintetiza a história dos principais clubes, com dados importantes: a origem da idéia da fundação do clube; os fundadores, procedentes de famílias com tradições que marcaram a história passo-fundense; a escolha das cores da bandeira; do nome do clube; as rivalidades que se estabeleceram; as conquistas e os grandes times. Tudo tem um sentido de implicância maior que fica aberta aos estudiosos de nossa história. O segundo, baseado em depoimentos orais de pessoas que vivenciaram os jogos, na imprensa da época, em matérias fotográficos, procura fazer a descrição dos jogos, com a repercussão causada não só aos diretamente ligados ao esporte, como a todos os passo-fundenses. O terceiro, busca colocar dados biográficos de jogadores e técnicos, que se destacaram na história do futebol. O quarto, presta homenagem a crônica esportiva, que enriqueceu o documentário sobre o futebol passo-fundense.

Para tanto foram entrevistados cerca de sessenta pessoas, entre jogadores, dirigentes, jornalistas e torcedores. Mais de dois mil exemplares de jornais foram consultados. Os principais: O Nacional, Diário da Manhã, A Época, todos locais, e a Folha Esportiva de Porto Alegre. As pesquisas se estenderam aos arquivos da Liga Passo-fundense de Desportos e à Federação Gaúcha de Futebol. Para tornar tudo isso possível, foi indispensável presteza e a atenção das funcionárias do Arquivo Histórico Regional da UPF, dos funcionários dos jornais, do Sr. Santo Verzeletti, ex-presidente da Liga, e do Sr. Edir de Quadros, Secretário Executivo da Federação.

O autor.

Capítulo I

OS CLUBES

O primeiro clube, que se tem notícia, da história do futebol de Passo Fundo, foi o União Sport Club, fundado em 1913, e que tinha entre seus jogadores, João Willing, Maurício Lângaro, Teodoro Homrich, Homero Leite, Ivo Ferreira, Helmut Homrich e Platão Motta, entre outros. Em 1916, fez fusão com o Clube Comercial, passando a denominar-se Clube União Comercial, até 1921, quando a fusão foi desfeita.

Em 1918, surgiu o Gaúcho, e, em 1921, o 14 de Julho. Ambos nasceram, além de clubes de futebol, clubes sociais. Promoviam bailes, quermesses, palestras e outras atividades culturais. Possuíam igualmente departamentos femininos. Do Gaúcho, chamavam-se Legendárias Gaúchas, como conta a Sra. Hilda Loureiro Zimmermann: “usavam saia branca e blusa verde, e impunham numa mão a bandeira do clube e na outra uma sombrinha, que era as vezes utilizada como arma, para irem aos estádios”. O 14 de Julho, chamava-se Estrellário, composto por senhoras e senhoritas, que elegiam suas diretorias anualmente, e tinham poder paralelo nos destinos do clube.

A rivalidade, entre os dois, era assustadora. Conta o Capitão Oswaldo Di Primio, em seu depoimento, que, após os jogos, dirigentes e torcedores dos dois clubes iam até o quiosque da praça Marechal Floriano para conversar a respeito deles. O detalhe era que ficavam separados. Os do Gaúcho sentavam virados para a rua Moron. Os do 14 de Julho, para a rua Independência.

Aliás, sobre a rivalidade Ga-Qua existe uma tese, defendida pelo médico psiquiatra e escritor Dr. Jorge Alberto Salton, que afirma vir desde os tempos da Revolução Federalista. Os Republicanos utilizavam, em sua bandeira, a cor verde. Os Federalistas ou Maragatos, a cor vermelha. No pós-guerra, as famílias, que haviam lutado em lados opostos, tinham de ocupar o mesmo espaço: nas igrejas, nas escolas, nas praças, até mesmo no cemitério, pois a cidade era pequena. Então o ódio que carregavam,

levaram ao campo esportivo. Quem era Republicano, era do Gaúcho. Quem era Federalista ou Maragato, era do 14 de Julho.

Os clássicos dificilmente não acabavam em grossas pancadarias, incluindo aí, além de jogadores, torcedores e torcedores, na sua “guerra de sombrinhas”. Conta, ainda, a Sra. Hilda Loureiro Zimmermann: “era uma sombrinha por semana”.

Existiram momentos pacíficos, como em 1986, quando as duas direções, atravessando momentos difíceis, em questões financeiras, resolveram efetivar uma fusão em termos de futebol. Nascia assim o Esporte Clube Passo Fundo. A unificação durou apenas um bem sucedido ano, mas a velha e birrenta rivalidade falou mais alto, e o Gaúcho retirou-se. Restou ao novo clube incorporar o 14 de Julho, fato consumado até está data.

Após a criação dos dois grandes, outras agremiações surgiram. Algumas ligadas a empresas ou segmentos profissionais, como o Riograndense, da Viação Férrea, várias vezes campeão citadino e regional. Afamado e temido pelos adversários, principalmente na década de 1940. O Cruzeiro, da Brigada Militar, que formou grandes times nos anos de 1930. A Samrig, do Moinhos Rio-grandese. O Bancários, o Corinthians, da Cia. Cervejaria Brahma, o Gutemberg, time dos gráficos, o Gerdau, da fábrica de pregos, o SKF, o Socimbra, e, mais recentemente, o Planaltina, pertencente ao frigorífico do mesmo nome, campeão regional de amadores, em 1971, 1973 e 1975.

Outros clubes vieram, varzeanos ou amadores, como outrora o grandioso Independente, um colecionador de títulos, que tantas glórias trouxe a Passo Fundo. O Esporte Clube Atlético, de fugaz existência, formado por ex-alunos do Instituto Educacional. O União, da Vila Santa Maria, bi-campeão regional de amadores em 69/70. O Carlos Gomes, América, Vasquinho, São Paulo, Juventude, Santos, Vera Cruz, Aimoré, Guarany, Juvenil, Santa Maria, Bonsucesso, 15 de Novembro, Náutico, Palmeiras, Rio Branco, Coral, Gauchinho, Operário, Olaria e tantos outros, que representavam entidades de bairros e vilas. Foram celeiros de jogadores que atuaram em grandes clubes locais e até nacionais.

Graças ao Poder Público Municipal, através da Secretaria de Turismo, Desporto e Cultura, a cidade manteve durante vários anos, um competitivo e bem organizado campeonato amador, reunindo dezenas de clubes, na primeira e segunda divisões. Isto deu oportunidade para que surgissem novos valores.

Sport Club Gaúcho

A residência do casal Augusto Schell Loureiro e Carlota Bordallo Rico ficava na Avenida Brasil nº 1305. Nos fundos da espaçosa casa, tinha um varandão coberto, e nele um poço de águas límpidas e cristalinas. Ali, em volta do poço, um grupo de jovens, entre eles Gil Rico Loureiro e Alfredo Rico Loureiro, filhos do dono da casa, mais seus primos, Victor Loureiro Issler e Antonio Pimpão Loureiro, além dos amigos, Antônio Junqueira da Rocha, Aníbal e João Colavin, fundaram um clube de futebol. Gil sugeriu o nome de Gaúcho. As cores verde e branca foram escolhidas por Alfredo. Conforme conta a Sra. Hilda Loureiro Zimmermann, o nome e as cores surgiram em razão da revolução. Era o dia 12 de maio de 1918. Nascia assim o clube, que mais tarde viria a ser um dos maiores orgulhos do futebol de Passo Fundo e Rio Grande do Sul: o Sport Club Gaúcho.

A primeira diretoria foi composta pelas seguintes pessoas: presidente, Cel. Lauro Xavier de Castro; vice-presidente, Antonio Junqueira da Rocha; secretário, Alfredo Rico Loureiro; 1º tesoureiro, Antonio Pimpão Loureiro; 2º tesoureiro, Victor Loureiro Issler. Coube ao primeiro tesoureiro a compra da primeira bola, adquirida na Ourivesaria Aliança, por oito mil e quinhentos réis. Outros amigos foram convidados a integrarem o clube, entre eles, Mário Marcondes Loureiro, Martim Xavier (conhecido por Bugre), Amadeu de Fellippo, Moisés Lima Morsch, Salatiel Sperry, Vicente Silva, os irmãos Marques, Argemiro, Jerônimo e Felipe, Dionísio Lângaro (que três anos após, seria fundador do 14 de Julho), Nenê Bortolacci, Brígido Miranda (filho de Lalau Miranda), Olmiro de Almeida Bueno e Antão Chagas.

O primeiro time do clube foi formado por: De Felippo, Souza e Avancini; Egers, Pimpão e Moisés, Valter, Paco, Deoclécio, Porto Alegre e Perez. Seu primeiro campo de jogo foi exatamente onde hoje está o Estádio Wolmar Salton.

A primeira grande conquista ocorreu em 1926, quando o Gaúcho sagrou-se campeão citadino e regional, ao vencer espetacularmente o

Guarany de Cruz Alta, por 2 a 1, gols de Javel e Brasileiro, anotados nos últimos cinco minutos de jogo. No prosseguimento, o Gaúcho perdeu para o Guarany de Cachoeira do Sul, por 3 a 2. O alvi-verde protestou, pois o árbitro designado pela Federação se recusou a apitar, sendo substituído por um árbitro local, que, segundo os jornais da época, favoreceu o time da casa. A equipe do Gaúcho era a seguinte: Marques I, Honorino Malheiros e Marques II; Elpídio, Alfredo Delvaux e Ernesto Delvaux; Vinte e Um, Javel Silveira, Lili, Brasileiro e Julio Culmann.

Em 1927, o alvi-verde foi novamente brilhante. Bi-campeão citadino e bi-campeão regional, vencendo inicialmente o Ítalo Brasileiro, de Erechim, por 7 a 1, gols de Brasileiro (2), Culmann (2), Rosseli (2) e Javel. Depois o Guarany de Cruz Alta, por 3 a 1, os três gols de Brasileiro. Na seqüência, empatou com o Riograndense, em Santa Maria, em três gols, com derrota por 1 a 0 na prorrogação, tendo seu time base: Pereira, Honorino, Malheiros e Lili; Zica, Borlantin (Nei) e Heitor; Brasileiro, Rosseli (Ramãozinho), Alfredo Delvaux, Javel Silveira e Julio Culmann. Em 1928, dominando o futebol da região, o Gaúcho tornou-se tri-campeão citadino e tri-campeão regional. Passou pelo Riograndense de Cruz Alta, pelo Riograndense de Santa Maria e pelo Nacional de São Leopoldo, jogando todas as partidas fora de casa, em seqüência. Parou na semifinal ante o Americano, em Porto Alegre, já extenuado, com as lutas das conquistas anteriores. Sua equipe básica: Mendes, Lili e Elpídio; Alcides, Nei e Zica; Javel Silveira, Alfredo Delvaux, Brasileiro, Julio Culmann e Chagas.

Em 1929, o “periquito” encerrou suas atividades, temporariamente, em razão de graves problemas financeiros. A crise do começo dos anos 30 atingiu todos os clubes locais.

Após fracassadas tentativas de fusão com o 14 de Julho, também inativo, foi marcada uma reunião entre mais de 40 torcedores alvi-verdes para estudarem a possibilidade da volta às atividades. No dia 18 de julho de 1937, nas dependências da redação do jornal Diário da Manhã, deu-se o renascimento do Gaúcho. Acordou de sua longa hibernação para voltar a brilhar. Sua nova diretoria ficou assim composta: presidente de honra, Major

Creso de Barros Monteiro; presidente honorário, Dr. Nicolau Araújo Vergueiro; presidente, Frederico Graeff Filho; Vice-Presidente, Antonio Junqueira da Rocha; 1º secretário, Daniel Dipp; 2º secretário, Julio Heitor Valente; 1º tesoureiro, Eduardo Durgante; 2º tesoureiro, Ruy Vergueiro; orador, Dr. Mauro Pereira Machado; diretor técnico, Honorino Malheiros; guarda-esportes, Paulo Carneiro de Mattos; enfermeiro-massagista, Germano Casagrande. Conselho Fiscal: Capitão Carmelo Baptista da Silva, Dr. Odalgiro Correa, Pedro Silveira Avancini, Lauro Loureiro Lima e Pedro Clímaco Ribeiro. Conselho Deliberativo: Dr. Antonio Bittencourt Azambuja, Dr. João Junqueira da Rocha, Mario L. Braga, Túlio Fontoura, Aristóteles Lima, Brasília Lima, Gustavo Kuchembecker, Walter Barbieux, Salatiel Sperry, Mario Garcia, Salvador de Felippo, Sebastião Castilhos, Mario Goelzer, Juvenal Xavier, Alfredo Rico Loureiro, Ivo Porto, Bráulio Estivalet, Amadeu De Felippo, Jerônimo Marques Sobrinho, Hermínio Silveira, Florindo Rigon, Sabino Santos e Wolmar Salton.

O resultado foi excelente, com tanto esforço e capacidade. Inicialmente, o Gaúcho conseguiu um campo para treinos e jogos. Localizava-se em frente ao Quartel do Exército, onde hoje é o Estádio Fredolino Chimango. Como o local não satisfazia, o Sr. Nicolau Araújo Vergueiro cedeu, temporariamente, o terreno onde antes tinha sido o campo do 14 de Julho, na Vila Vergueiro.

No dia 17 de março de 1938, foi inaugurado o primeiro Estádio da Montanha, com o jogo entre Gaúcho e Cruzeiro da Brigada Militar. A partida terminou empatada em três gols. Célio Barbosa, para o Cruzeiro, marcou o primeiro gol no Estádio e Polaco ampliou, ainda no primeiro tempo. Na segunda etapa, grande reação dos donos da casa. Nino, Ruy e Armandinho viraram o jogo para novamente Polaco empatar. Os times jogaram assim: Gaúcho, com Lângaro, Josino e Bijuca; Rosson, Batista e Célio Leite; Armandinho, Ruy, Nino, Brasileiro e Darcy. O Cruzeiro, com Toró, Alfredo Rasga-Diabo e Ismar; Alberico, Alemão e Jerônimo; Elpidio, Peixe, Célio Barbosa, Polaco e Aristeu.

Ainda, em 1938, o alvi-verde conquistou o campeonato citadino. No ano seguinte, foi bi-campeão, campeão da 6ª região serrana, campeão da serra e campeão da fronteira-sul, numa campanha memorável. Caiu na fase semifinal ante o Grêmio Santanense.

Entusiasmado por estas conquistas, o jornal Diário da Manhã realizou pesquisa popular para eleição do “clube mais querido da cidade”. A vitória coube ao Gaúcho, com 1902 votos contra 578 do 14 de Julho. Isto valeu a frase inicial do “hino periquito”, composto pelo Maestro Alfredinho Custódio e Ruth Vieira, que diz: “Avante meu clube alviverde, o mais querido da cidade...”.

Depois de um jejum de nove anos sem conquistas, voltou a sorrir com o tri-campeonato de 1948 a 1950. Contudo, a primeira metade da década de 1950 foi ingrata com o clube. Viu seu arquiinimigo, 14 de Julho, ser o primeiro clube a aderir ao profissionalismo. Começou e parou no meio das competições citadinas de 1952 e 1953. Em 1953, profissionalizou o futebol. Participou de seu primeiro campeonato regional da 2ª divisão de profissionais em 1954, saindo-se muito mal. Em 1955, permaneceu inativo, voltando, em 1956, com um time formado por estudantes, militares e funcionários de empresas locais.

Antes disso, em 1953, o presidente Armando Menegaz e seu vice-presidente Nilo Zimmermann adquiriram um imóvel localizado no Boqueirão, exatamente onde tinha sido seu primeiro campo. O lugar era denominado “Cancha do Gaúcho”, e pertencia a Sra. Antonia Vieira Barreiro. Ocorre que o Clube estava sem local onde jogar desde 1951, pois o estádio da Vila Vergueiro havia desaparecido para que a família, dona da área, pudesse fazer um loteamento. A transação custou ao clube CR\$ 150.000,00 (cento e cinquenta mil cruzeiros).

A construção do estádio custou muitas dificuldades. Foram feitas várias campanhas para arrecadação de fundos, inclusive o sorteio de um automóvel Bel-Air. Funcionários da firma Menegaz trabalhavam nos finais de semana, gratuitamente, na soldagem do alambrado. A prefeitura municipal cedeu o maquinário, também nos finais de semana, para a

terraplenagem do terreno. As equipes varzeanas do São Paulo e Carlos Gomes, a fim de terem local para treinos e jogos, ajudaram nas colocação das traves e sinalização do campo. Enfim, foi uma grande luta.

No dia 31 de agosto de 1957, foi oficialmente inaugurado o estádio, que ainda não tinha nome. O convidado foi o Grêmio Porto-Alegrense, que apresentando superioridade técnica, arrasou o Gaúcho por 8 a 2. Armando Rebecchi, jogando pela primeira vez como centro-avante, do Gaúcho, marcou o primeiro gol no estádio. Algum tempo depois, o Sr. Wolmar Salton, grande benemérito do clube, procedeu uma série de benfeitorias, como a construção de um pavilhão coberto. Mereceu a homenagem de dar seu nome ao estádio, que passou a denominar-se Estádio Wolmar Salton.

Melhor estruturado, o Gaúcho começou a trazer jogadores de fora da cidade, especialmente de Porto Alegre. Eram atletas juvenis, cujas idades ultrapassavam a categoria, sem chances no time principal de seus clubes. Foi, então, campeão citadino de 1961, quebrando uma série de sete anos consecutivos de vitórias do 14 de Julho, com o seguinte time base: Cavalheiro, Chita (Prinche), Amâncio, Daizon Pontes e Maneca (Jacy); Valentin (Branco), e Sariba; Moreninho, Tuta, Montezzana e Banana (Noiran). Repetiu o feito, sendo tetra-campeão de 1963 a 1966.

No dia 18 de janeiro de 1964, inaugurou um moderno departamento de piscinas, as primeiras da cidade, numa iniciativa muito arrojada e feliz do então presidente Sr. João Maluli. Com isso conseguiu incrementar o número de associados, o que projetou um salto de qualidade em seu futebol.

Em 1965, foi pela primeira vez campeão regional, na era profissional. Disputou um supercampeonato com o 14 de Julho, e venceu sensacionalmente as duas partidas, por 2 a 0 em casa e 1 a 0 fora. Prosseguindo na competição, o Gaúcho abateu o Tamoio de Santo Ângelo e o São José de Porto Alegre. Perdeu na dramática semifinal para o Rio-grandense em Rio Grande, na disputa de pênaltis. A base do esquadrão alvi-verde era a seguinte: Nadir (Carabajal), Machado, Amâncio, Daizon Pontes e Maneca; Adair e Gitinha; Meca, Tuta (Joãozinho), Raul (Olavo) e Antoninho (Newton Queiróz).

O melhor momento do futebol na vida do clube ocorreu em 1966. foi bi-campeão regional e campeão estadual da 1ª divisão de profissionais (corresponde, hoje, à segundona). O primeiro clube da região a chegar à divisão de honra do futebol gaúcho. A equipe venceu o Tamoio, o São José, e, na decisão, o Uruguiana. Os heróis da grande conquista foram: os presidentes, Daniel Viuniski e Anielo D'Árienzo, os diretores, Honorino Malheiros, Flávio Araújo e Aroldo Madureira Freire, os médicos, Dr. Elton Ventura e Rudah Jorge, o patrono, Wolmar Salton e os jogadores, Nadir, Machado, Amâncio, Daizon Pontes, Maneca, Honorato, Gitinha (que também era o técnico), Meca, Raul, Arthur, Antoninho, Olavo, Carabajal, Newton Queiróz, Longa, além do massagista Genovêncio de Moraes.

Junto ao convívio com os grandes, já mostrou sua força no Torneio Início de 1967, quando conquistou segundo lugar. Em pouco tempo a mística camisa verde e branca era temida e respeitada. Dificilmente algum clube, incluindo a dupla Gre-Nal, saía do Estádio Wolmar Salton, levando algum ponto, sem ter dado o máximo de suas forças. O Gaúcho permaneceu na divisão especial durante 14 anos consecutivos. Nesse período, quase sempre teve ótimos desempenhos, como as quintas colocações, nos anos de 1967 e 1973. foi vencedor da Copa Everaldo Marques da Silva, competição em nível estadual, em 1970. Tri-campeão regional da Copa Governador do Estado, em 1975, 1976 e 1977. Vice-campeão da Copa Governador do Estado, em 1975, perdendo a final para o Juventude de Caxias do Sul, nos pênaltis. Neste ano, o Gaúcho tinha a seguinte formação básica: Ricardo (Jorge), Gringo, Mário Tito (Lívio), Antonio Carlos e Cláudio (Pingo); Jair (Paraná), Roberto e Pedro; Mosquito, Bebeto e Serginho.

Em 1980, houve uma reformulação no campeonato gaúcho que, até aquele ano, contava com muitos clubes. E para o ano seguinte, haveria uma drástica redução de participantes. E na queda de seis agremiações para a segunda divisão, lá se foi o Gaúcho, juntamente com Esportivo, Pelotas, Lajeadense, Grêmio de Bagé e Farroupilha de Pelotas.

Disputou a divisão menor em 1981 e 1982, sem muito brilho. Licenciou-se em 1983, não participando de nenhuma competição.

O Ano de 1984, não haveria de ser diferente. O time tinha voltado a competir, mas vinha mal no campeonato. As dificuldades financeiras eram grandes, o apoio muito pouco, e o presidente Marco Stefani renunciou o cargo. Assumiu a presidência Augusto Ricardo Ghion, trazendo consigo Roberto Roggero, diretor de futebol. Contrataram o técnico Machado e mais alguns reforços, entre eles, Jurandyr, que estava no Inter de Lages, e que havia jogado no Grêmio.

Na última rodada, seu adversário era o 14 de Julho. Coincidentemente foi o último clássico disputado na história. Foi uma partida dramática, com o Gaúcho vencendo por 1 a 0, gol de Bebeto, de pênalti, aos 27 minutos do segundo tempo. A classificação para a divisão especial foi comemorada com muito entusiasmo. Os times que jogaram o último clássico Ga-Qua foram os seguintes: Gaúcho, com Juarez, Nico, Joubert, Carlos Alberto e Túlio; Jair, Bim e Mica (Zeca); Jurandyr, Bebeto (Anselmo), e Ciro. 14 de Julho, com Mazaropi, Arno, Luiz Carlos, Xavier e Serginho; Wilsinho, Deco e Flávio (Cabeça); Loreno, Valduíno e Inácio.

As dificuldades eram enormes e, entre trocas de direção e técnicos, o Gaúcho foi rebaixado, em 1985. Então seus dirigentes, juntamente com os do 14 de Julho, com a colaboração do Poder Público Municipal, resolveram efetivar uma fusão provisória em termos de futebol, e se fosse o caso, patrimonial. Após um ano disputando a segundona, com sucesso, o Gaúcho deixou a fusão, restando ao E. C. Passo Fundo incorporar o 14 de Julho.

Em 1987, o alvi-verde voltou a disputar a segundona, mas se deu muito mal. Voltou a encerrar as atividades no ano seguinte.

Em 1990, o Gaúcho voltou a disputar a segunda divisão. Passou à segunda fase do certame, e perdeu a classificação para as finais, dentro de sua casa, para a Associação Santa Bárbara por 1 a 0. em 1991, fecharia, mais uma vez, para não mais voltar.

Em 1993, Jorge Salton, Carlos Dornelles, Moacir Della Valentina e sua esposa Elida começaram um trabalho, junto às escolas da cidade, de

“garimpagem” de meninos entre 9 e 10 anos para formarem o embrião das escolinhas de futebol do Sport Club Gaúcho.

Passados pouco mais de três anos apenas, o trabalho sério e competente se tornou realidade. Hoje as escolinhas reúnem seis categorias, de 10 a 15 anos, e os resultados chegaram: campeã estadual do Gaúchão Esperança, em 1994, para a categoria dos nascidos em 1984; vice-campeão do torneio internacional Carlos Menem Junior, disputado na Argentina, em 1995, na categoria, 1984; campeão regional, em 1996, categoria 1985; campeão regional 1996, categoria 1986; campeão estadual do Gaúchão Esperança, em 1996, categoria 1984; campeão estadual do Gaúchão Esperança, 1996, categoria 1986; campeão sul-americano, em 1997, categoria 1986.

Contando com a colaboração técnica de ex-jogadores do próprio Gaúcho, casos de Adair Bicca e Luiz Carlos, o clube firmou convênio com o São Paulo Futebol Clube para intercâmbio de atleta, métodos de trabalho e tecnologia no esporte.

No ano 2000 um grupo de torcedores, tendo a frente Juracy Antonio Vieira e vice-presidente Jesus Castanho Mendes Neto, fizeram retornar o clube ao futebol profissional, extinguindo precipitadamente as vitoriosas categorias de base, onde poderia frutificar jogadores para seu elenco ou para transação, rendendo dividendos ao clube. Porém, em campo, disputando a terceira divisão, o alviverde sagrou-se mais uma vez campeão estadual. Treinado por Bebeto realizou uma boa campanha. Mas, no ano seguinte, o presidente renunciou, sem dinheiro, fechou suas portas.

Em 2004, um grupo de funcionários da empresa Semeato, que estava envolvido no futsal, resolveu encampar o Gaúcho de forma terceirizada. Tinham plenos poderes para gerir o futebol, apenas o futebol. Com competência montaram um bom time, sob o comando técnico de Celso Freitas. Foi vice-campeão e nessa condição, subiu para a divisão especial. No mesmo ano disputou a série C do campeonato brasileiro.

Com a empresa Semeato enfrentando as primeiras dificuldades financeiras o grupo abriu mão de continuar no futebol e deixou o Gaúcho. Em 2007, o clube com vários problemas de ordem econômica e de gestão convidou o ex-jogador do clube nos anos de 1950, Armando Rebechi, para dirigi-lo tecnicamente, além de arrumas um “mecenas” que pusesse dinheiro no clube. Rebechi aceitou o desafio, mas por pouco mais de um mês. Também deixou o clube. No final do ano um rebaixamento vexatório.

O clube sofria com ações trabalhistas e judiciais e seu patrimônio estava penhorado em vários processos. Em 2007, foi adjudicado por um dos credores pelo valor da dívida. Aproximadamente um milhão e meio de reais. Aí o Gaúcho perdia seu único e valioso patrimônio. Não tinha mais presidente, não tinha mais diretoria, não tinha mais futebol. Foi então que entrou em cena o empresário e professor Gilmar Rosso, que assumiu o caos, como presidente do clube. Passou a lutar contra a anulação do leilão, por ter sido adjudicado por preço vil (muito aquém do valor comercial do imóvel). Agregou alguns periquitos históricos como os advogados Alberi Ribeiro e Dárcio Vieira Marques e conquistou no Tribunal de Justiça, o que queria. Anulou o leilão e a área voltava às mãos do Gaúcho.

Ao mesmo tempo colocou o clube a disputar a terceira divisão. Sem campo para jogar (o estádio Wolmar Salton estava depredado), foi jogar na vizinha cidade de Marau. Disputou jogos sensacionais, como a vitória por 1 x 0, no clássico contra o Passo Fundo. Tudo para manter o clube em atividade, sensibilizar a população e provar que o Gaúcho não estava morto.

Depois de muita luta e sacrifício, em 2012, a Justiça autorizou o clube a vender seu patrimônio e a pagar seus credores. A negociação foi feita com a Fundação Sociedade Hospitalar São Vicente de Paulo. De posse dos valores, sempre sob os auspícios da Justiça, o Gaúcho se livrou de rigorosamente todas as suas dívidas. Ainda sobraram valores que foram depositados para construção de um novo estádio, cuja área havia conseguido por comodato, por 30 anos, com o Município.

Este estádio foi construído anexo ao Ginásio Poliesportivo Teixeira, também da municipalidade. O ginásio foi incorporado ao

patrimônio do comodato e hoje o clube tem sob sua direção um invejável patrimônio.

Desde então continua disputando competição da terceira divisão de profissionais.

Nesses cem anos de história, o Sport Club Gaúcho foi dirigido por esportistas que amaram seu clube, que ajudaram a construir seu patrimônio, e a alcançar suas maiores glórias. Dentre muitos, nominaremos alguns, como o grande patrono Wolmar Salton, Nicolau Araújo Vergueiro, Victor Loureiro Issler, Antonio Junqueira da Rocha, Gil Rico Loureiro, Alfredo Rico Loureiro, Olmiro de Almeida Bueno, João Junqueira da Rocha, Aristóteles Lima, Lauro Loureiro Issler, Dario Rostro, Pedro Silveira Avancini, Deoclécio Rostro, Frederico De Marco, Paulo Loureiro Lima, Bráulio Estivalet, Walter Barbieux, Ruy Vergueiro, Daniel Dipp, Frederico Graeff Filho, Honorino Malheiros, Amadeu De Felippo, João Mader, Armando Ferreira da Silva, Mário Garcia, Lauro Menna Barreto, Francklin Mader, Armando Mendes da Costa, Basílio Antunes, Armando Menegaz, Nilo Zimmermann, Ramon Sander Rico, Centenário Índio do Amaral, Seu Anibinha, Paulo Loureiro Azambuja, Delmidio Ferreira, Guilherme Venhofen, João Maluli, Flávio Lima Araújo, Orestes Paganelli, Anielo D'Arienzo, Daniel Viuniski, Antonio Loureiro Kruehl, Nilo Salton, Hélio Bernardon, Danilo Zimmermann, Nilo Fernandes, Ruy Mattos de Souza, José Mário Lima Cruz, Ivânio Bernardon, Antonio Augusto Meirelles Duarte, Paraguassú Soares, Hermes de Almeida Cruz, Pedro Batista Nunes, Eblen Kalil, Luiz Castro, Nicolau Malheiros, Ruy Rosing, Elton Ventura, Daniel Winick, Silvio Carrão de Lima, Rudah Jorge, Augusto Ricardo Ghion, Jesus Mendes Castanho Neto, Ernesto Tochetto Filho, Otelmo Borowski, Rudimar Pedro, Jorge Alberto Salton e Gilmar Rosso.

Grêmio Esportivo e Recreativo 14 de Julho

No início do século, vieram para o Brasil professores franceses da Congregação Marista. Com eles, trouxeram os costumes, as tradições, enfim, a cultura de seu País. Não foi diferente no Colégio Santa Maria, onde estudavam dois passo-fundenses: Dionísio Lângaro e Telêmaco Pires. Lá, eles jogavam futebol no time do Colégio, que se chamava 14 de Julho, por influência dos professores, em homenagem a data máxima da Revolução Francesa.

Voltando a Passo Fundo, Dionísio Lângaro encontrou dois times de futebol. O Gaúcho e o Grêmio Esportivo, este último, fraco. Ingressou no Gaúcho, onde acabou descontente. Procurou então alguns amigos, entre eles, Telêmaco Pires e Herculano Araújo Annes, para criarem um novo clube.

No dia 27 de junho de 1921, reunidos na casa comercial de Oribe Marques, situada onde hoje está edificado o prédio do INSS, foi concretizada a fusão entre o Grêmio Esportivo e o novo clube que estava surgindo. Para lembrar o time do Colégio Santa Maria, nasceu o Grêmio Esportivo 14 de Julho (a palavra recreativo foi acrescentada ao nome muitos anos depois). Constituindo a primeira diretoria: presidente, Arthur Lângaro; vice-presidente, Valdemar Oliveira; 1º secretário, Itaboraí Sarmento; 2º secretário, Dario N. Pereira; 1º tesoureiro, Dionísio Lângaro; 2º tesoureiro, Nativo Oliveira; orador, Herculano Araújo Annes. Conselho Fiscal: Eugênio Franco Di Primio, Laudelino Annes Monteiro, Otto Bade, Oribe Marques, José de Castro, João Lângaro, Cantídio Pinto de Moraes, Dr. Brasil Cabral, Maximiliano Ávila e Faustino Rodrigues.

O time do 14 de Julho foi montado em condições de enfrentar seu adversário. Já em 1922, no primeiro jogo do ano, os rubros venceram o alvi-verde por 3 a 2, com gols de Brasileiro, Mundica e Paco. Amadeu e Deoclécio marcaram para os vencidos. O time do 14 formou com Dionísio,

Basso e Brasil; Borgreve, Paco e Genico; Carvalho, Mundica, Atílio, Brasileiro e Maurício.

Ainda em 1922, o Sr. Armando Annes cedeu ao clube uma área de sua propriedade, situada próximo ao Tiro de Guerra, na rua Lava Pés, para construção de seu estádio. O Engenheiro Arthur S. Ribeiro constatou ser dispendiosa a construção, devido o terreno acidentado. Sabedor disso, o intendente Nicolau Araújo Vergueiro cedeu, sem ônus, uma área localizada à margem direita da linha férrea, na saída para Santa Maria. Ficava exatamente onde depois o Gaúcho construiu seu estádio, na Vila Vergueiro.

Jogando ali, o 14 de Julho foi campeão cidadão em 1925, após bater o Gaúcho por 2 a 0, gols de Otacílio e Alcides. A formação básica do campeão era: Dionísio, Borlantin e Filinho; Alarite, Paco e Lavoratti; Maurício, Gradin, Maguins, Valandro e Otacílio.

O clube ficou na Vila Vergueiro até 1928. Neste ano, na gestão do presidente Henrique Scarpelini Ghezzi, foi construído novo estádio. Localizava-se em terreno pertencente ao Estado, na Vila Rodrigues, onde hoje se situa a Corsan. Ficava retirado do centro da cidade, mas tinha a vantagem do terreno ser plano. Sua inauguração deu-se no dia 12 de agosto de 1928, quando o 14 de Julho, treinado por Victor Graeff, bateu o Riograndense por 2 a 1.

Em 1930, sem ter com quem jogar, pois Gaúcho e Riograndense haviam se licenciado, o 14 de Julho representou a cidade no campeonato da serra, jogando contra o Clube Militar e o Clube Floresta, ambos de Santa Maria. Nossos valorosos atletas, cujo o time base era: Periquito, Souza e Borlantin; Zica, Bijuca e Darcy; Brasileiro, Bica, Celso Fiori, Lili e Culmann, sagraram-se campeões serranos. Na seqüência, uma derrota para o Guarany de Alegrete, time muito forte, por 3 a 2, após duas exaustivas prorrogações, alijou os rubros da competição.

No ano seguinte, o 14, enfrentando problemas financeiros, encerrou suas atividades. Seu campo passou a ser ocupado pela Brigada Militar e seu time, o Cruzeiro. Foram oito anos de inércia.

Em 1937, com a reorganização do Gaúcho, os colorados, por conta da rivalidade, reuniram forças para seu retorno. Isso ocorreu em 1939. Comandados pelo presidente, Dr. Celso Da Cunha Fiori, e pelo Tenente Gonçalves Curio de Carvalho, encarregado de esportes, o Estádio da Vila Vergueiro foi reformado e novo time começou a surgir. No dia 6 de outubro, fez sua reestréia, perdendo para o Riograndense por 4 a 2. No ano seguinte, voltou a disputar o cidadão.

Em 1941 e 1942, o 14 de Julho montou grandes times, mas não conseguia vencer o Riograndense, uma máquina de jogar futebol, o tricampeão cidadão. Em 1943, os rubros voltaram a sentir o doce sabor da vitória, ao vencerem o Gaúcho por 3 a 1, tornando-se campeão da cidade. O time da decisão era: Lângaro, Peixe, e Cauduro; Centenário, Pupe e Gradin; Noio, Souza, Gojo, Djalma e Litwin.

Em 1945, outro título cidadão, quando o 14 de Julho formou uma constelação de craques. Eis sua formação básica: Susin, Sabino e Pupe; Nardo, Pouca-Roupa e Gradin; Moisés, Nery Simão, Padilha, Pregentino e Chinês.

Em 1946, o clube ficou sem campo para jogar. No local foi construída a caixa de água da Cia. Hidráulica, que abastecia a cidade com água potável. O time então jogava no campo do Gaúcho e treinava nos colégios. Os jogadores improvisaram uma sede, na rua Morom, onde localizava a Alfaiataria Luz, de propriedade do Sr. Juvenal da Luz, dirigente colorado. Antes dos jogos, eles se fardavam na sede e depois se deslocavam em táxis ou carros particulares, prontos para jogarem.

O Gaúcho venceu o 14 de Julho, numa dramática partida, por 2 a 1, na decisão do título de 1947. Mas os rubros protestaram pela inclusão de jogadores chamados “não amadores” no time adversário. Após dois julgamentos, a antiga CBD deu ganho de causa ao 14 de Julho, que se sagrou, no “tapetão”, mais uma vez campeão da cidade. Declarado vencedor, o rubro partia para a conquista do campeonato regional, vencendo ao Glória de Carazinho por 1 a 0; ao Atlântico de Erechim por 4 a 1, e ao GEPO de Tupanciretã por 1 a 0. Na semifinal, após derrotarem o

Flamengo de Caxias, em casa, por 1 a 0, perderam, na serra, por 3 a 0 no tempo regulamentar, e 2 a 0, na prorrogação. O time jogava com Timpa, Sabino e Pupe; Nardo, Tau e Gradin; Gafanha, Nery, Célio Barbosa, Prinche e Pregentino.

Em 1946, reassumiu a presidência do clube o Dr. Celso da Cunha Fiori. Logo no dia 1º de fevereiro, o clube adquiriu, do Sr. Ernesto Formigheri, uma área de 12.000 m² para construção de seu novo Estádio. No dia 20 de novembro de 1949, foi inaugurado o moderno, para a época, Estádio Dr. Celso da Cunha Fiori, que ficou conhecido também por “Baixada Rubra”, e ficava localizado onde, hoje, funciona a Estação Rodoviária. Num dia de muita chuva, o anfitrião foi impiedosamente goleado pelo convidado, o S. C. Internacional, com seu “rolo compressor”, por 8 a 1. No ano de 1952, foi inaugurado o sistema de iluminação do estádio, o primeiro da região a sediar jogos noturnos.

O 14 de Julho foi o primeiro clube da cidade a aderir ao regime profissional, em 1952. Na realidade, os jogadores eram semi-profissionais, pois tinham de trabalhar em outra atividade. O clube passou a disputar, além do cidadão, o campeonato regional da 2ª divisão de profissionais.

Sua coleção de títulos é memorável, como o hexa-campeonato cidadão, de 1955 a 1960, que disputava com o Gaúcho. Em 1955 foi campeão da Zona Norte e Missões do Estado. Seu time principal era formado por Magalhães, Léo e Alfredo (Celso); Vete, Getúlio e Gentil; Caíco, Omir (Sadi), Gringo, Tubino e Cale (Ademar). Em 1957, sagrou-se campeão do Centenário de Passo Fundo, título único a engalanar sua sala de troféus. Em 1959 e 1962, sagrou-se supercampeão da cidade, vencendo o Gaúcho, numa série de três partidas.

Depois de ter sido campeão dentro de campo, o 14 de Julho perdeu o título regional de 1963, no tapetão, para o Ipiranga de Erechim. Reconquistou-o em 1964, numa super-decisão contra o Atlântico, em Getúlio Vargas, campo neutro, por 1 a 0, gol de Tuta, de pênalti.

Na seqüência da competição, uma vitória consagradora frente ao Riograndense de Santa Maria, em melhor de três jogos. Quando do jogo em Passo Fundo o massagista rubro, Crisante Cezar, faleceu de ataque cardíaco em pleno campo de jogo, no instante que o Riograndense, que perdia por 2 a 0, empatava a partida. No final, vitória de 5 a 2 para o 14 de Julho.

Depois de uma vitória e uma derrota frente ao Avenida de Santa Cruz, um terceiro jogo disputado em Porto Alegre foi ainda pior. Após estar perdendo por 2 a 0, e empatar no último minuto de jogo, os rubros foram vencidos nas cobranças de pênaltis. A formação principal do 14 de Julho era a seguinte: Nelcy, Piranha, Caneco (Oswaldo), Paulinho e Chita; Délio e Ubiratã; Tuta, Mariotti (Verardi), Armando e Zoca.

No dia 14 de novembro de 1964, na gestão do presidente Dr. Oswaldo Rodrigues de Lara, efetivou-se uma permuta com o Poder Público Municipal, na pessoa do prefeito Sr. Mário Menegaz. O município ficou com a área do Estádio da Baixada para a construção da Estação Rodoviária. Em troca, o clube recebeu o imóvel, localizado na saída para a cidade de Marau, para a construção do Estádio Vermelhão da Serra. No mesmo ano, o clube lançou títulos patrimoniais, que tiveram grande aceitação.

Em 1965 e 1966, o 14 de Julho perdeu duas decisões regionais para o Gaúcho. Foi uma época gloriosa para o futebol passo-fundense que comandava o futebol da região.

A maior conquista da história do clube ocorreu em 1968, quando foi campeão regional e campeão estadual da 1ª divisão, ascendendo à divisão de honra do futebol gaúcho. Seu presidente era o Sr. Hilário Rebechi. Seu treinador, Armando Rebechi, e seus jogadores: Cavalheiro, Wilson, Oswaldo, Rochinha, Gringo, Moisés, Zé Carlos, Tomé, Betão, Aldo, Amâncio, Noé, Vacaria, Ilmo, Bira, Abílio, Tuta, Arthur, Mariotti, Santarém, Gitinha, Picão, Pedruca e Liminha.

Na terceira rodada do gauchão de 1969,, deu-se a inauguração do Estádio Vermelhão da Serra, ainda que em caráter precário, pois estava

inacabado. Foi no dia 9 de fevereiro, na vitória frente ao Aimoré de São Leopoldo, com grande público que vibrou intensamente, quando Mariotti teve a primazia de marcar o primeiro gol no novo estádio.

Em 1971, o 14 de Julho realizou a grande proeza de, além de fazer um excelente campeonato, derrotar o Internacional de Porto Alegre por 1 a 0, gol de Pedrada. Foi a primeira vitória passo-fundense ante um time da dupla Gre-Nal.

No ano seguinte, enfrentando grave crise financeira, o 14 formou um time fraco, e caiu fora do campeonato gaúcho ainda na primeira fase. Alguns dias depois, em razão principalmente da proibição por parte do governo federal de sorteio de carros e eletrodomésticos, o 14 de Julho mais uma vez parou. Os gastos com o futebol e com a construção do estádio eram grandes, mas dentro do planejado, graças aos carnês de sorteios. Com dívidas acumuladas, era preciso parar. Os jogadores foram dispensados e o clube fechou, temporariamente, para pôr a casa em ordem.

Somente em 1976, na gestão do presidente Dr. Oswaldo Rodrigues de Lara, os rubros voltaram às atividades. Humildemente foram disputar a segunda divisão com um time mesclando jovens valores da cidade com veteranos, que haviam passado por vários clubes. Na primeira fase, venceu o Guarany de Espumoso, Pratense e Taguá. Ganhou a segunda fase de forma invicta, batendo o Pratense, Juventude de Guaporé, Taguá, Associação Santa Bárbara e Glória de Vacaria. Na terceira fase, chamada Copa Governador do Estado, ficou entre o três melhores de sua chave, o que lhe valeu o acesso à divisão especial. O grupo era formado ainda pelo Juventude de Caxias do Sul, Ipiranga de Erechim, Glória de Vacaria e Taguá de Getúlio Vargas. A equipe base que recolocou o 14 de Julho novamente entre os grandes era a seguinte: Cesar (Orso), Bugre (Ademir), Palito, Daizon Pontes e Victor Ivo (Dico); Laerte (Vanderlei), Odir (Kita) e Paulinho (Kiko); Dorval, Ismael (Ilo) e Isaías. Esse elenco era dirigido tecnicamente por Egydio Reolon.

Em 1979, o 14 de Julho estava novamente na segunda divisão. Licenciou-se em 1980 e 1981. Retornou ao futebol em 1982 até 1985.

Em 1986, efetivou uma fusão em termos de futebol com o Gaúcho, nascendo dessa união o Esporte Clube Passo Fundo. No final do ano, após a conquista da vaga à divisão especial, o alvi-verde desistiu de continuar, e o 14 de Julho foi incorporado pelo novo clube. O E. C. Passo Fundo ficou com seu estádio e sua estrutura. Morreria, ali, um clube que teve uma belíssima história. A garra, o suor da camisa vermelha foi enterrada junto com a maior rivalidade que existiu no futebol passo-fundense.

Os quatorzeanos sempre se orgulharam do pioneirismo do qual eram protagonistas. Foi o primeiro clube a ter estádio iluminado na região. Primeiro a utilizar túnel de acesso ao campo. Primeiro clube a colocar números nas costas das camisas. Primeiro a aderir ao profissionalismo. Primeiro a construir concentração no estádio, e primeiro clube a construir cabines radiofônicas no estádio.

Foram muitos os que contribuíram com sua competência e dedicação para que o 14 de Julho fizesse sua história, que tanto orgulha os esportistas de Passo Fundo. Sem desmerecer ninguém, cita-se alguns nomes: Dionísio Lângaro, Herculano Araujo Annes, Arthur Lângaro, Valdemar Oliveira, Eugênio Franco Di Primio, Nativo Oliveira, Victor Graeff, João Manoel Pereira, Henrique Scarpelini Ghezzi, Diogo Morsh, Frederico Cúrio de Carvalho, Tenente Gonçalves Cúrio de Carvalho, Juvenal da Luz, Dino Lângaro, Waldemiro Carvalho Raupp, Hidebrando Ribeiro, Celestino Dozza, Dr. Celso da Cunha Fiori, patrono e maior benemérito, Tranquilino Zanin, José de Maman, Gaspar Coitinho, Antonio Giovanina, Luiz Cúrio de Carvalho, Ernesto Formigheri, Maggi de Cesaro, um dos grandes presidentes, Frederico Guilherme Morsh, Ruy Barbisan, Oswaldo Rodrigues Lara, um dos nomes sagrados na linhagem quatorzeana, Gentil Rebechi, Florisbela Ferreira, Angelo Busato, Orlando Gerhard, Hilário Anacleto Rebechi, o presidente campeão, Nery Simão, jogador e presidente do clube, Devino Ughini, Egidyo Reolon, Delvo Ughini, Nicolau Campanilli, Adelvino Parizzini, Ermelindo Tonet, Ernesto Busato, Antoninho Busato, Celso Busato, Sergio Morsch Cardoso, Pedro Grunewald, Antonio Kunhasque, Manoel Portella, Mário Menegaz, Manoel Falcão, Alfredo Vasconcellos,

Hermes Albuquerque, Raul Lima Lângaro, Ivar De Cesaro, Egidio Bonotto, Elóy Selésio Taschetto, Celso Gonçalves e Celso Willi Guerra.

Riograndese Foot Ball Club

Entre os funcionários da Viação Férrea do rio Grande do Sul, havia um consenso: criar um time de futebol, somente entre os ferroviários. Seguindo o caminho de outras cidades, como Rio Grande, Santa Maria, Cruz Alta e Porto Alegre, que possuíam times disputando competição estadual. No dia 8 de agosto de 1925, numa reunião na residência do Sr. Leopoldo Ritzel, foi fundado o Riograndese Foot Ball Club, que usaria em seu uniforme as cores vermelha e verde.

Na ocasião, foi eleita a primeira diretoria que ficou assim constituída: presidente, José Escobar; vice-presidente, Rodolfo Engelsing; 1º secretário, Humberto Della Méa; 2º secretário, Theodoro Della Méa; 1º tesoureiro, João Covalin; 2º tesoureiro, Guerino Biazus; orador, João de Paula; guarda-esportes, Albino Bortolon. O conselho fiscal era composto por Leopoldo Ritzel, Luiz Langoni, Francisco Denovaro, Aristides Velho e Attilio Della Méa.

No dia 30 de maio de 1926, o Riograndense jogou sua primeira partida contra time da cidade. Enfrentou o Gaúcho no campo deste, e perdeu pelo escore mínimo, gol consignado por Javel Silveira. O “ferrinho” formou com Sperandin, Lângaro e Filinho; Rondinha, Thealdo e Mascote; Tigre, Dom Pedro, Veado, Goelzer e Espinoza.

Em 1927, começou a disputar o campeonato citadino, ficando na terceira colocação.

Conforme relatou, em entrevista, o Capitão Oswaldo Di Primio, em 1928, dirigentes do Gaúcho e 14 de Julho resolveram não mais comprar chuteiras para os jogadores de seus segundos quadros. Em represália, todos os atletas transferiram-se para o Riograndense, que estava um pouco enfraquecido, passando a aceitar jogadores não-ferroviários.

Em 1929, juntamente com o S. C. Gaúcho, o Riograndense encerrou suas atividades em razão de problemas financeiros. Após quatro anos, voltou em 1933, mas de forma precária, pois tornou a fechar.

Já com o Cruzeiro da Brigada Militar em franca atividade, o Riograndense ascendeu ao futebol em 1935. neste ano, foi o primeiro clube de Passo Fundo a filiar-se à Federação Riograndense de Futebol.

Ainda em 1935, foi campeão cidadão pela primeira vez. E então sob os auspícios da Federação, disputou o campeonato estadual, correspondente a 8ª região serrana, juntamente com Glória de Carazinho, 19 de Outubro de Ijuí, e Riograndense de Cruz Alta. Fazendo excelente campanha, o time passo-fundense terminou como vice-campeão, atrás apenas de seu homônimo de Cruz Alta. A equipe de 35 era de ótima qualidade. Apenas Osmar e Gaspar eram ferroviários. O restante eram soldados do 8º R. I. Formava o “ferrinho” com Osmar, Josino Marques e Bijuca; Gaspar, Pitágoras e Bino; Charuto, Nino, Vadila Marques, Orestes e Darcy. O time jogava e treinava em seu próprio campo, localizado na vila Lucas de Araújo, onde hoje fica a rua Daltro Filho, distante mais ou menos 150 metros da Avenida Presidente Vargas.

Em 1938, aventou-se, segundo os jornais da época, a possibilidade do Riograndense chamar-se 14 de Julho, pois ninguém acreditava que o original pudesse voltar a existir. A proposta foi veementemente rechaçada pelo então presidente Braziliiano Costa e sua diretoria.

Foi a partir de 1940 que começou a fase de ouro do chamado “rubro-esperança”. Numa partida espetacular contra o Gaúcho, o Riograndense venceu por 3 a 2, com três gols de Célio Barbosa, tornando-se campeão da cidade. Naquele jogo os times formaram assim: o Riograndense com Sitoni, Alfredo Rasga-Diabo e Barão; Chispa, Sabino e Otacílio; Orestes, Moacir, Damásio, Nativo Lopes e Quero-Quero. O Gaúcho com Harry Becker, Armandinho e Josino Marques; Gury, Sudeto e Itagiba; Avas, Jamegão, Clóvis Aita, Ivo Aguiar e Papagaio. Representando Passo Fundo, sagrou-se campeão da 10ª região e campeão serrano.

Em 1941, tornou-se bi-campeão da cidade, aplicando sonora goleada de 6 a 0 no 14 de Julho. Em seguida seria bi-campeão serrano e semifinalista do estadual de amadores. Perdeu somente para o Internacional e seu “rolo compressor”, por 7 a 1. O jogo foi no Estádio da

Baixada, pertencente ao Grêmio. O único que possuía iluminação. A grande maioria dos jogadores do “ferrinho” nunca haviam jogado à noite, o que atrapalhou demais seus rendimentos. Os times jogaram assim: o Riograndense com Lângaro, Alfredo Rasga-Diabo e Gury; Custódio, Sabino e Nativo Lopes; Come-Bola, Polaco, Marcondes, Célio Barbosa e Orestes. O Internacional venceu com Julio Petersen, Alfeu e Álvaro; Assis, Brandão e Ávila; Tesourinha, Russinho, Vilalba, Rui e Carlitos.

Em 1942, o Riograndense foi tri-campeão citadino, vencendo o 14 de Julho por 2 a 0. Neste ano já contava, em suas fileiras, com o extraordinário Jamegão.

Em 1944, foi mais uma vez campeão da cidade. sagrou-se também campeão da serra, vencendo o Atlântico de Erechim e o São Luiz de Ijuí, ambos por 2 a 1. Perdeu a semifinal do estadual de amadores para o Eberle de Caxias do Sul.

Neste ano, o Riograndense, segundo afirmações de pessoas que assistiram jogar, formou a melhor linha atacante de Passo Fundo, em sua história. Era composta por Adão Galinha Morta, Jamegão, Marcondes, Célio Barbosa e Polaco. Conta com entusiasmo o Sr. Valentin Viana de Oliveira, em seu depoimento: “Todos eles jogariam hoje em qualquer time do mundo”.

A partir de 1945, a equipe começou a se desmanchar. Alguns craques abandonaram o futebol. Outros foram para clubes rivais. O Riograndense continuou a disputar o citadino, já sem a mesma eficiência.

Depois de 1953, com a adesão do 14 de Julho e Gaúcho ao profissionalismo, passou a defrontar-se somente contra o Independente pelo campeonato de amadores. Foi campeão da cidade em 1959, além de vários torneios, como o de encerramento da temporada, em 1958.

Em 1962, aderiu também ao regime profissional, participando da 2ª divisão até o ano de 1965. Nessa fase profissional, treinava em seu campo de terra batida, na Vila Petrópolis, que se chamava Estádio Guilherme Rebechi. Mandava seus jogos no Estádio da baixada, do 14 de Julho. Em 1966, encerrou suas atividades de forma definitiva.

Nos seus pouco mais de 40 anos de existência, o Riograndense foi dirigido por abnegados ferroviários que, com denodo e espírito esportivo, levaram seu clube de coração a tantas glórias e grande sucesso. Entre muitos podemos destacar os Srs. Álvaro G. de Mello, José Escobar, Theodoro Della Méa, João Covalin, Humberto Della Méa, Rodolpho Ribas, Angelo Gracha; José Denovaro, João Sitoni Filho, João Curio de Carvalho, Sérgio Osório, João Bauer Nogueira, Braziliano Costa, Diogo Ribeiro, Delmar Sitoni, Eurico Machado Soares, Bernardino Guimarães, Dary Pinto, Henry Nunes Olsen, João Lamachia.

Sport Club Cruzeiro

Fundado no dia 8 de junho de 1931 por integrantes do 3º Regimento da Cavalaria da Brigada Militar, o Sport Club Cruzeiro ostentava nas listras verticais de sua camiseta as cores verde, vermelha e amarela da bandeira Farroupilha.

A sua primeira diretoria foi constituída pelos militares, Capitão Horácio Alves Machado, Tenente Itamar Marques Guimarães, Sargento Deusdedit Paiva Bueno, Sargento Basílio de Oliveira Bueno e Cabo Dorival Assunção Prestes.

Infelizmente, na época da sua fundação, o futebol de Passo Fundo estava amargando um dos seus períodos mais apáticos. Gaúcho, 14 de Julho e Riograndense haviam encerrado suas atividades em razão de problemas financeiros e do pouco interesse da população. Por isso o Cruzeiro participava apenas de torneios internos da Brigada e partidas de basquete.

Esse marasmo durou aproximadamente dois anos, tempo em que o Cruzeiro tinha como principal adversário o 8º Regimento de Infantaria do Exército. Mas, em vista da rivalidade exacerbada que começou a despontar, os respectivos Comandos resolveram encerrar os confrontos.

A estréia contra clube local aconteceu somente no dia 17 de setembro de 1933 ante o Riograndense que ensaiava um tímido retorno. No antigo campo do 14 de Julho na Vila Rodrigues, agora do Cruzeiro, esse bateu o “ferrinho” por dois gols a zero.

Em 1935, sob o comando do Tenente Octavino Lerina Lopes, eleito presidente, o Cruzeiro cresceu. E nos anos seguintes formou um elenco de altíssimo nível, com oficiais e soldados de outras praças.

Com o retorno definitivo do Riograndense, nesse mesmo ano, a rivalidade entre brigadianos e ferroviários, no terreno esportivo, atraiu a

atenção da comunidade. Os estádios voltaram a ser ocupados por torcedores.

Filiado à Federação Rio-Grandense de Futebol, em 30 de abril de 1936, passou a participar oficialmente de campeonatos. Neste ano foi campeão citadino ao derrotar o Riograndense, seu único adversário.

Representando a cidade no estadual de amadores, venceu em casa, o Riograndense de Cruz Alta por 3 a 2, com gols de Polaco, Jamegão e Alfredo Rasga-Diabo. Sagrou-se então campeão serrano. Na seqüência da competição, perdeu, fora de seus domínios, para o Riograndense de Santa Maria por 3 a 1. Mesmo assim o feito cruzeirense foi considerado extraordinário, e seu time base tinha: Toró, Alfredo Rasga-Diabo e Lavico; Jerônimo, Zica e Alfredo; Peixe, Célio Barbosa, Polaco, Jamegão e Rádio.

Em 1937, o tricolor chegou ao bi-campeonato citadino ao vencer novamente o Riograndense por 9 a 1. Jogando vários amistosos naquele ano, aplicou sonoras goleadas em seus adversários, como 6 a 1 no Gaúcho e os 11 a 0 no Glória de Carazinho.

No estadual, porém, foi outra vez batido pelo Riograndense de Santa Maria, time experiente em competições intermunicipais e várias vezes campeão de sua cidade.

Quando estava em seu melhor momento, tendo participado da inauguração do novo estádio do Gaúcho, na Vila Vergueiro, veio a surpreendente e desalentadora notícia: o alto comando da Brigada Militar no estado havia criado a Liga Militar Interna e exigiu a extinção do Sport Club Cruzeiro, pois os novos estatutos assim determinavam. Após requerer a sua desfiliação junto à FRGF, exatamente no dia 23 de agosto de 1938, o clube enrolava sua bandeira.

Graças ao trabalho de abnegados, como os militares Octaviano Lerina Lopes, Lothário de Miranda, Enio Nápoli, Léo Barreto dos Santos Loureiro, Octávio Ferreira Coelho, Artur Silveira, Anulpho Veloso de Linhares, Álvaro dos Santos Loureiro, entre outros, num período difícil e em

condições adversas, o Cruzeiro conseguiu manter viva a paixão pelo futebol em Passo Fundo. Marcou época.

Independente Grêmio Atlético de Amadores

Descontentes com decisões tomadas por alguns diretores do S. C. Gaúcho, um grupo de dirigentes resolveu criar uma dissidência, dando vida a outra agremiação. Esse grupo arregimentou pessoas integrantes da elite da sociedade passo-fundense. No dia 21 de outubro de 1941, nos salões de festa do Hotel Avenida, fundaram o Independente Grêmio Atlético de Amadores, com as cores preta e branca.

Na oportunidade definiram o quadro social e elegeram a primeira Diretoria: presidente Deoclécio Rostro; 1º vice-presidente, Elpidio Ferreira Barbosa; 2º vice-presidente, Vitalino Trindade; 1º secretário, Leorino Reis; 2º secretário, Jaime Laus. Conselho Fiscal, Dr. Miguel Kozma, Dr. Oscar Klein, Tulio Fontoura, Dr. Sabino Arias e Paulo Coelho. Conselho Consultivo, Waldir Ceconi, Adolfo João Floriani, Dr. José Carré, Dorval Rodrigues, João Schapke, Mucio Martins de Castro e Joaquim Musa. Primeira Comissão Técnica, Tenente Maximiliano Ferreira, Ulisses Laus e Alceu Laus.

No primeiro mês de existência, o clube contabilizava exatos 118 sócios. Definiu seu elenco, buscando jogadores nos colégios Conceição e Instituto Educacional, especialmente.

Agora, era começar a jogar. No dia 4 de janeiro de 1942, disputou sua primeira partida, sem o cuidado de escolher o adversário. Convidou para um amistoso o Riograndense, bi-campeão citadino e serrano. Achando uma grande petulância do clube debutante, o “ferrinho” aplicou indiscutíveis 7 a 2. Foi a primeira lição do Independente, formado com Susin, Dossa e Gerdy; Rádio (Sororó), Elpídio e Áureo; Pastor, Flávio, Rico, Nino e Noio. Flávio fez o gol inaugural da história do clube.

No dia 19 de fevereiro de 1942, filiou-se à Federação Riograndense de Futebol de Futebol, e no mesmo ano disputou seu primeiro citadino. Nessa época, o clube treinava nos campos dos colégios e jogava nos estádios adversários. A primeira tentativa de possuir campo próprio foi o

sonho de adquirir a área onde hoje está situado o Estádio Wolmar Salton, não conseguindo acordo para a transação.

Em 1946, bastante reforçado, o alvi-negro conseguiu conquistar seu primeiro campeonato citadino. Venceu o 14 de Julho numa partida memorável por 3 a 2. Com o Estádio da Vila Vergueiro lotado, o IGAA saiu perdendo, com gol de Pregentino. Vadila Marques e Nino viraram ainda no primeiro tempo. Flávio fez o terceiro e Pupe descontou. Os times jogaram assim: o Independente com Caio, Josino e Barão; Bino, Célio e Dall'Agnol; Noio, Avas, Vadila Marques, Nino e Flávio. O 14 de Julho com Timpa, Pupe e Nardo; Nery, Gradin e Bazei; Camboim, Pregentino, Gojo, Chinês e Lili. O árbitro da partida foi o então Promotor Público Dr. Abbadé dos Santos Ayub.

Nessa época, era presidente do clube o Sr. Hugo Lisboa, representante de laboratório e pessoa vastamente relacionada na cidade e região. Foi um dos grandes beneméritos do clube alvi-negro. Em sua gestão, o IGAA recebeu do Sr. Aparício Lângaro a doação de uma área para construção de seu estádio. O doador estava fazendo um loteamento nas proximidades e, como conta o Dr. Murilo Annes, deduziu que a construção de um estádio, pertencente a um clube de elite, não só valorizaria a área, como também atrairia compradores para os lotes. O termo de doação teria a seguinte cláusula: na área, necessariamente se construiria o estádio do Independente. Se algum dia o clube deixasse de existir, a doação reverteria ao Poder Público Municipal, desde que mantivesse no local uma praça de esportes. Caso contrário, o imóvel voltaria a pertencer à sua família.

O estádio, todo cercado, tinha um pequeno pavilhão, um excelente gramado, com drenagem, a primeira em estádio da cidade, pista de atletismo, copa e espaço reservado para construção de quadra de basquete. O anfitrião recebeu, para inauguração, a visita do Grêmio Porto-Alegrense, no dia 1º de abril de 1951. Ao estádio deu-se o nome de Tingaúna, que, na língua tupy-guarani, quer dizer preto e branco. As cores do clube.

O Independente sagrou-se hepta-campeão citadino de amadores de 1952 a 1958. Salienta-se que, a partir de 1953, competia somente com o Riograndense. Gaúcho e 14 de Julho haviam aderido ao regime profissional.

Nesse período, venceu três vezes o campeonato regional. Em 1953, chegou à semifinal do estadual de amadores, perdendo para o Internacional de São Borja, na terceira partida realizada em Santo Ângelo. Em 1954, perdeu novamente a semifinal, também para o Internacional de São Borja, na decisão em Santa Maria. Em 1957 foi vice-campeão estadual, perdendo a final para o Internacional, em São Borja. O elenco vice-campeão era composto pelos seguintes jogadores: Bertóglio, Egídio, Godinho, Alceu, Níveo, Valdemar, Demóstenes, Pisseti, Paulo Afonso, Evaldo, Paulistinha, Reissoli, Hansen, Sarandi, Alberi e Daltro Pinto.

Em 1960 a 1964, somou um tetra-campeonato citadino. Nesse período foi campeão serrano em 1962 e 1964.

Em 1962, realizou uma campanha digna de registro. Superou na primeira fase o Grêmio de Marau, Santa Isabel de Gaurama e Guaíba de Getúlio Vargas. Na seqüência, bateu o Gaúcho de Serafina Corrêa. Daí foi disputar a final da série azul do campeonato estadual contra o Brasil de Farroupilha, hoje representante da divisão do futebol profissional. No primeiro jogo, na serra gaúcha, vitória do IGAA por 4 a 3, gols de Bertóglio (2), Anselmo e Edú. Em casa foi derrotado por 5 a 2. O confronto decisivo se deu em Guaporé, vitória por 4 a 2, gols de Bertóglio (2), Juarez e Carmo, e festa pela maior conquista da história do clube passo-fundense. Presidido pelo inigualável Alceu Laus, o clube tinha como preparador técnico Antonio Severo de Freitas, o ex-goleiro Pirata, e os seguintes jogadores: Luiz Sacchet, Flávio Belotti, Jatir Bilibio, Lindomar Franzon, Miguel Ambrósio, Ben-Hur Fontana, Walter Machado, José Juarez Rodrigues, Carmo Lammel, Edino Bertóglio, Juan Garcya Reyes, Anselmo Alves dos Santos, Wilmar de Souza, Headerley Lopes, Edú Pimentel, Zilmar Varella, Aldo Bonisoni e João Mamedes.

Em 1964, conquistou o terceiro lugar no campeonato estadual. Em 1966 e 1967 foi bi-campeão regional. Após amargar um longo período sem conquistas, o IGAA venceu a Copa Pedro Sirângelo, em 1976, competição em nível estadual. Foi seu último grande feito.

O Independente Grêmio Atlético de Amadores continua disputando o certame municipal. Sua história mais marcante compreende o dia de sua fundação até a morte do Sr. Alceu Laus, seu nome mais ilustre. Alceu Laus foi o incansável dinamizador do futebol amador da cidade, especialmente do Independente, clube que tanto amou.

Muitos nomes fizeram parte da história do clube, engrandecendo o futebol amador passo-fundense, como Deoclécio Rostro, Elpídio Ferreira Barbosa, Vitalino Trindade, Dr. Herculano Araújo Annes, Breno Reis, Eduardo Barreiro, Ulisses Laus, Jaime Laus, Hugo Lisboa, outro expoente da história alvi-negra, Vitorio Verardi, Constantino Pelegrini, Ivo Risieri Tasca, Arlindo Agostini, Avelino Andreis, Capitão Geraldo Majela Bernardes, Capitão Oswaldo Di Primio, Genuíno Di Primio, Osmar Zerwes, Dr. Murilo Coutinho Annes, Flávio Annes, Arthur Culmann Canfield, José Bertóglio, Constante Tasca, Ivo Biazus, Alady Berleze de Lima, Agostinho Dall'Agnol, Pedro Bertagnoli, Miguel Wairich, Pedro Piovesan, Amilcar Rostro, Egidio Reolon, Sady Viana, Américo Otero, Talito Fauth Mendonça, Paulo Giongo, Ney Lucca e outros.

Esporte Clube Atlético

Era o mês de novembro de 1949. Descontentes em seus times e envergonhados pelas acachapantes goleadas sofridas pelo 14 de Julho e Gaúcho ante o Internacional de Porto Alegre, um grupo de jogadores resolveu formar outro clube. Eram liderados por Centenário Índio do Amaral, José Ecil dos Santos Borges, Nery Simão, Jorge Berthier de Almeida e Avas Lima. Reunidos na residência de José Ecil Borges, na rua Bento Gonçalves, onde funciona o Bar Ouro Verde, deram a nova agremiação o nome de Esporte Clube Atlético. Como todos eram ex-alunos do Instituto Educacional, seu uniforme tinha as cores azul e branca. Era o dia 25 de novembro de 1949.

No campo do IE, em dezembro do mesmo ano, disputou sua primeira partida não oficial, contra o Comercial de Passo Fundo. Vitória por 7 a 3, com Nery marcando o primeiro gol. O time dessa partida foi o seguinte: Vinícios, Noio e Moisés; Avas, Centenário e Marcos; Nê, Danésio, Berthier, Nery e Ganducha.

Em fevereiro de 1950, o Atlético solicitou sua filiação junta a Liga Passo-fundense e à Federação Rio-Grandense de Futebol e elegeu sua primeira Diretoria: presidente, Maurício Sirotski Sobrinho; 1º vice-presidente, Luiz Carlos Silveira; 2º vice-presidente, Mário Machado; 1º secretário, José Carnacini Filho; 2º secretário, Segundo Brasileiro dos Reis; 1º tesoureiro, Nilson Figueiredo; 2º tesoureiro, Odil Perez; Consultor Jurídico, Dr. Carlos Galves. Conselho Deliberativo: Dr. Sabino Arias, Dr. Alberto Lago, Dr. Herculano Annes, jornalista Múcio de Castro e Raul Lângaro. Conselho Fiscal: Clemente Almeida, jornalista Túlio Fontoura, Alberto Berthier de Almeida e Adônis Lima.

Formal e juridicamente constituído e também filiado às entidades esportivas, o Atlético passou a treinar no campo da Vila Exposição, em área pertencente ao Sr. Vitória Verardi, situada onde hoje está edificada a unidade número 1 da Semeato.

O primeiro compromisso oficial deu-se no dia 29 de abril de 1950 ante o Independente, na rodada inaugural do cidadão. O resultado foi empate em um gol. O alvi-anil jogou com Flávio, Costamilan e Edson; Zizi, Centenário e Avas; Berthier, Nery, Micuim, Ari e Pepino Silva. Coube a Nery anotar o primeiro gol, agora oficialmente.

Nesse mesmo ano o Atlético sagrou-se vice-campeão da cidade, ao vencer uma partida extra, contra o 14 de Julho.

Em 1951, o clube chegou ao seu auge. Tornou-se campeão passo-fundense ao bater o 14 de Julho no Estádio Dr. Celso da Cunha Fiori. O jogo realizou-se numa quarta-feira, dia 29 de agosto, ante um grande público. Após empate em um gol no tempo regulamentar, a vitória do caçula por 1 a 0 veio na prorrogação. O Atlético venceu com Flávio, Avas e Edson; Vete, Zizi e Centenário; Berthier, Eblen, Nery, Silveira e Caíco. O meio Eblen jogou no lugar do titular Sebo, machucado. O 14 de Julho perdeu com Vêncio, Gago e Pilar; Celso, Silvestrim e Auro; Cauduro, Zeca, Pupe, Gradin e Célio. Os gols foram marcados por Caíco e Nery para os campeões e Célio para os vencidos.

Representando a cidade no estadual de amadores, venceu o Lutador de Estação Getúlio Vargas por 3 a 2 fora e 6 a 0 em casa. Na seqüência da competição, jogou contra o Ypiranga de Erechim, no dia 16 de novembro, quando inaugurou o Estádio Vitório Verardi, na Vila Exposição. Derrota por 7 a 0 e fim de um sonho.

Novamente foi vice-campeão cidadão em 1952, ao perder para o Independente por 3 a 1.

Em 1953, o campeonato da cidade esvaziou-se, pois o 14 de Julho e o Gaúcho aderiram ao profissionalismo. O certame restringiu-se a apenas três disputantes. Então, com duas rodadas, o Atlético retirou-se para nunca mais voltar.

A verdade é que o clube não tinha sócios, nem torcedores. As despesas eram custeadas pelos próprios jogadores e dirigentes. As despesas com o futebol começavam a se avolumar e como o propósito do

clube era ser essencialmente amador, seus comandantes acharam por bem encerrar as atividades. Alguns jogadores voltaram a seus clubes de origem e o Esporte Clube Atlético passou para a história.

Esporte Clube Passo Fundo

No ano de 1985, o S. C. Gaúcho foi rebaixado à segunda divisão de Ascenso (hoje segundona). O 14 de Julho, que ameaçava pedir licença, permanecia na divisão menor. A crise financeira estava instalada nos dois grandes clubes de futebol da cidade. Foi quando seus dirigentes, em conjunto ao Poder Público Municipal, representado pelo prefeito Fernando Machado Carrion, começaram a tratar de uma fusão, que permitisse a continuidade do futebol profissional.

Várias reuniões foram efetivadas e, em consulta à Federação Gaúcha de Futebol, foi por essa aprovada a fusão provisória, com data de validade até o dia 12 de novembro de 1986, uma vez que o clube não possuía patrimônio. A fusão acordada pelos dirigentes era limitada ao futebol, sem a inclusão dos bens dos dois clubes.

Na noite de 10 de janeiro de 1986, no plenário da Câmara Municipal de vereadores, com a presença de diretores do Gaúcho, 14 de Julho, autoridades municipais e representantes dos sindicatos e associações do comércio e indústria, foi lavrada e lida a ata de fundação do Esporte Clube Passo Fundo. Seu estandarte levava as cores vermelha (14 de Julho), verde (Gaúcho) e branca (comum a ambos).

Em reunião posterior, no dia 20 de janeiro de 1986, foi eleita a primeira diretoria, tendo como presidente o desportista Elóy Selésio Taschetto. Na 1ª vice-presidência, Daniel Winick e na 2ª vice-presidência, Nelson Lanza. Diretor de Futebol, Ivanir Rodighero (que posteriormente se ausentou para assumir a presidência do 14 de Julho, sendo substituído por Ingo Spelmeyer), tendo como assessor Jarbas Sampaio Correa. Comissão de Finanças, Eloy Pinheiro Machado, Edson Franco Nunes, Guilherme Wolff, Celso Guerra, Paraguassú Soares e Oswaldo Lima. Conselho Fiscal, Tranqüilo Grazziotin, Hélio Bernardon e Nestor Buaes. O presidente do

Conselho Deliberativo foi Ivânio Bernardon, tendo como vices, Bruno Borella Borges e Alberto Poltronieri.

O primeiro jogo extra-oficial ocorreu no dia 9 de março de 1986, em Soledade, contra o time amador do Pampeiro. Vitória do Passo Fundo por 4 a 2. O primeiro time a entrar em campo com a camisa tricolor foi o seguinte: Mazaropi, Miranda (Cacaio), Volmir (Darcy Munique), José e Ricardinho; Djalma Lima, Cláudio Freitas e Flávio (Valmor); Doval (André), Edenir e Jorginho (Darlan). O primeiro gol foi marcado por Edenir.

O time começou perdendo a primeira partida do campeonato para o Ypiranga por 1 a 0. No decorrer da competição, o Passo Fundo mudara o técnico Raul Tagliari por Altino Nascimento, e, posteriormente, este por Paulo Sérgio Poletto. Vários jogadores novos foram contratados e outros tantos dispensados. O clube era forte candidato à classificação à divisão especial, quando ocorreu um problema administrativo. O prazo de validade para a fusão provisória estava por vencer. Como nada se havia definido entre Gaúcho e 14 de Julho, sobre a fusão patrimonial, e para não ser excluído do campeonato, o E. C. Passo Fundo incorporou o 14 de Julho, fato que permanece como definitivo até hoje.

Um empate com o São José em Porto Alegre em 0 a 0, serviu para dar ao Esporte Clube Passo Fundo o título de campeão da divisão de Ascenso de 1986. Pela quarta vez, em sua história, a comunidade passo-fundense comemorava essa conquista. Jogando todas as partidas no estádio Wolmar Salton, o técnico Paulo Sérgio Poletto teve em suas mãos os seguintes jogadores campeões: Mazaropi, Donizete, Betão, Ximbica, Darcy Munique, Zé Ricardo, José, Sergio Roth, Rebechi, Walmor, Doval, Castor, Flávio, Toco, Claudio Freitas, Zé Carlos, Valduíno, Alfredo, Leonel, Anchieta e Almir.

O São José ingressou com um protesto junto à Federação, alegando não estar o Passo Fundo em condições legais de participar oficialmente de competições. O clube passo-fundense foi defendido pelo advogado Luiz Carlos Silveira Martins, Cacalo. Após vários julgamentos de recursos

interpostos pelo clube da Capital, o E. C. Passo Fundo teve reconhecimento também, no “tapetão”, o direito de permanecer na divisão especial.

Após ter participado muito bem dos campeonatos de 1987 e 1988, foi, em 1989, que o E. C. Passo Fundo deixou sua melhor marca no Gauchão, em sua breve história. Com um ótimo time chegou à classificação no hexagonal (turno final), terminando em quinto lugar no geral. Treinado por Geraldo Duarte, tinha a seguinte base: Clodoaldo (Nelson), Jarbas, Ademar, Zé Ricardo (Mauro) e Edson Mineiro (Pavão); Tim, Edson Lima (Casanova) e Claudio Freitas; Feijão (Bira-Irineu), Luiz Freire (Leonel- Zeca) e Cabrinha (Hudson).

Num campeonato bastante desorganizado e deficitário, disputado em 1994, o E. C. Passo Fundo foi rebaixado à série B do Gauchão. Uma espécie de divisão intermediária entre a especial e a segundona.

Embora realizando boas campanhas entre 1995 e 1997, permaneceu na segunda divisão. Porém, em 1998, ao bater o São José de Cachoeira nas cobranças de pênaltis, conseguiu o acesso à série A.

Permaneceu na série A desde 1999 até 2006, realizando boas campanhas, principalmente em 1999 e 2000. Em 2001, participou da série C do campeonato brasileiro.

Numa campanha pífia, em 2006, foi mais uma vez rebaixado. Esteve em licença do futebol profissional em 2007, retornando de forma no ano seguinte. Mais uma vez esteve licenciado em 2009.

Retornou no ano seguinte e conseguiu conquistar o acesso à série A do gauchão, em 2012. Em 2013, venceu a Copa Serrana, competição que reuniu vários clubes do interior. Mas, em 2017, foi mais uma vez rebaixado à divisão de acesso, onde se mantém até esta data.

Em sua história, o E. C. Passo Fundo teve a felicidade de ter um enorme de dedicados dirigentes. Seu grande nome, no entanto, é o Sr. Elóy Selésio Taschetto, vários anos presidente e maior colaborador. Mas teve ao seu lado outros grandes beneméritos, como os Srs. Daniel Winick, Nelson

Lanza, Ivanir Rodiguero, Paraguassú Soares, Rovilio Siviero, Odolir Di Domenico, Mauro Sparta, Wilsom Heurich, Ivânio Bernardon, Celso Willy Guerra, Antonio Augusto Meirelles Duarte, Antonio Migliorini, Jorge Carlos Ferreira, Lori Brandolli, Alberto Poltronieri, Itamar Sbeghen, Paulo Nazari, Demétrio Bertol, David Nazari, Antonio dos Reis Almeida, Luiz Paulo Valério, Alberi dos Santos, Daltro José Wesp, Cláudio Nazari, Darcy Padilha, Antonio Augusto Alves, Ivo Bertol, Marcos Antonio Susin, Teofanes Ildefonso Tortelli, João Arthur Fortes, Gilmar Calheirão, Wilsom Boscatto, Flávio Paim, Paulo Cesar Rigon, Antonio Bilibio, Carlos Schleder, Silvino Ferrão, Elvoni Piaia, Evandro Zambonato.

Capítulo II

GRANDES JOGOS

Grandes jogos faz uma narrativa de algumas partidas espetaculares que envolveram os clubes de Passo Fundo. Esta narrativa procura trazer não a análise tática dos times ou individuais dos jogadores, mas, sim, o que aconteceu dentro de campo, nos bastidores, antes ou após os jogos, contados a partir de depoimentos dos próprios atletas que protagonizaram o espetáculo.

Grandes jogos procura mostrar os diálogos entre os jogadores, dentro de campo, com os árbitros, as artimanhas dos dirigentes, a tensão pré-jogo, a festa pós-conquista, enfim, o que é desconhecido do público.

Foi muito difícil escolher apenas dez grandes jogos, eles foram centenas. Os clássicos entre Gaúcho e 14 de Julho, os campeonatos citadinos da era amadorista, a fase de ouro do Riograndense, os títulos do Independente, as partidas contra a dupla Gre-Nal, sempre acirradas, os jogos dos campeonatos estaduais e as rivalidades com Erechim e Carazinho. Tudo isto daria para escrever outros livros.

Sport Club Gaúcho e a campanha de 39

Em 1939, o Gaúcho sagrou-se campeão citadino de futebol. Por isso era o representante de Passo Fundo no campeonato estadual de amadores. A competição funcionava da seguinte forma: os campeões de cada cidade, cuja liga era filiada à Federação Rio-grandense, disputavam entre si, no sistema eliminatório, até se chegar aos dois finalistas.

Coube ao alvi-verde disputar a primeira eliminatória contra o Riograndense, campeão de Cruz Alta. A partida inicial, em casa, marcou a inauguração do pavilhão coberto do Estádio da Vila Vergueiro, cujo ingresso custava 4\$000. E o Gaúcho, jogando muito mal, perdeu por 2 a 0, gols de Marcondes (que depois jogou no Riograndense daqui) e Moreira, ambos no primeiro tempo. O desânimo tomou conta dos torcedores, que não acreditavam mais na recuperação. Mas os jogadores conheciam seu potencial e viajariam a Cruz Alta com o objetivo da vitória. E lá não deu outra. Goleada periquita por 5 a 1. Micuim (2), Brasileiro (2) e Laus fizeram os gols. No Riograndense jogava o goleiro Otto, que não tinha dois dedos de sua mão direita. Em seu lugar colocava um pedaço de ferro e enfaixava a mão. No primeiro tempo, numa cobrança de escanteio, Otto bateu com o ferro na cabeça de Micuim e o cortou. O avante do Gaúcho voltou com uma bandagem, e marcou seus dois gols de cabeça. Só por isso já se tinha uma idéia da garra dos jogadores passo-fundenses. Novo jogo marcado, em campo neutro. De trem seguiu o Gaúcho para Santa Maria. Partida nervosa e tumultuada e empate em dois gols. Passadas 48 horas e o quarto jogo. Vitória alvi-verde por 2 a 0. Nessa partida, os times jogaram assim: o Gaúcho – Harry Becker, Josino e Armandinho; Carlos Alberto, Zica e Sudeto; Brasileiro, Papagaio, Micuim, Nino e Laus. O Riograndense – Otto, Edgar e Bibe; Bibi, Gago e Perereca; Ivo, Ivo Aguiar, Aita, Louzada e Marcondes. O primeiro obstáculo foi superado com extrema dificuldade.

Já com o título de campeão da 7ª região serrana nas mãos, o Gaúcho teria outro Riograndense pela frente. Essa vez o de Santa Maria. Por falta de datas, a Federação determinou fosse jogada uma única partida,

cujo sorteio da cidade foi realizado em Porto Alegre. Deu Santa Maria. Novamente de trem seguia o Gaúcho. O time santa-mariense era campeão de sua cidade há vários anos e tinha o apelido de “ataque arrasador da serra”. Era outra pedreira, mas o Gaúcho, consciente de seu poderio, teria de pelo menos lutar pela vitória, contra todas as adversidades. O time da cidade sai na frente com gols de Dudu. O alvi-verde corre atrás e empata ainda na primeira etapa, com um golão de Nino Di Primio. O segundo tempo é angustiante, e fica ainda pior quando o árbitro Agnello Gallo marca pênalti em favor dos locais. Tremeu o estádio. Empalideceram os jogadores do Gaúcho. Os atletas do ferrinho confabulam para ver quem terá a responsabilidade de efetuar a cobrança. Adão do Canto, um meia direita de habilidade chega para cobrar. Harry, muito seguro, olha nos olhos do atacante que, por um breve instante desvia o olhar, corre para a bola e chuta no alto. Harry, como um felino, salta e cai no chão com a bola em seus braços. Os jogadores do Riograndense desanimam. Aproveita-se disso o ponta Brasileiro, lança Papagaio, esse domina e com categoria tira a bola do alcance do goleiro Salaberry. Gaúcho 2 a 1. Eram exatos 40 minutos do segundo tempo. Praticamente não há tempo para mais nada. O Sport Club Gaúcho é campeão serrano. Harry, Papagaio e Zica foram os heróis dessa jornada.

Recebidos na Gare da Viação Férrea pelo Sr. Prefeito municipal, Arthur Ferreira Filho, os jogadores são ídolos da cidade. Mas sabem que têm muita coisa a fazer pela frente. E o próximo compromisso deveria ser ainda mais difícil e eles não tinham nem idéia da dificuldade. Dias depois, a Federação comunica que o adversário seguinte seria o Grêmio de Bagé. A equipe da fronteira tinha um apelido: eram chamados “milionários”, em razão de terem em seu time jogadores profissionais vindos do Uruguai. Desta feita não houve acordo entre os clubes para a realização do sorteio da cidade que sediaria o jogo. A Federação, então, manda jogar em campo neutro. Novamente Santa Maria. A partida é adiada duas vezes, pois o Grêmio Bagé tem dois jogadores convocados para a Seleção Gaúcha. São eles, o ponteiro direito Balejo e o atacante Tupã. O Gaúcho só treina e perde um pouco o ritmo de jogo.

Finalmente o dia do jogo. Em Passo Fundo, a já tradicional Casa Rádio, pertencente à família Laus, manda instalar alto-falantes defronte ao Cine Coliseu, onde depois funcionou o cinema Real. Durante a partida uma multidão se aglomera para receber informações. A recepção vinha via rádio-amador, pertencente ao Sr. Amaral, então gerente do Banco do Brasil, que repassava o desenrolar da partida ao alto-falante. O Gaúcho tinha uma séria defecção. Sudeto ficara doente e não poderia jogar. Em seu lugar entrou Rosson. Iniciada a partida, logo aos 5 minutos Nino faria o primeiro gol do jogo.

O Bagé controla a partida e perde várias oportunidades. Aos 35 vem o empate, por intermédio de Fierro, jogador Uruguaio de muita raça. Na etapa final, Balejo põe o time da fronteira em vantagem. O sofrimento é atroz. Era difícil ganhar daquele timaço. Mas, aos 42 minutos, novamente Nino, empata o jogo, que termina assim no tempo regulamentar. Uma prorrogação de 20 minutos é necessária para apurar o vencedor. Logo no início, Micuim coloca o Gaúcho em vantagem. As informações, desconstruídas, saem dos alto-falantes e ninguém entende exatamente o que está acontecendo. O Gaúcho quase chegando lá. Falta apenas um minuto para acabar, quando uma falta dentro da área faz o árbitro marcar pênalti, favorecendo ao Grêmio Bagé. Tupã, um grande craque, pai do jogador Tupanzinho do Palmeiras, corre para bola e tira Harry da foto. Novo empate. O regulamento era desumano. Outra prorrogação de 20 minutos teria de ser jogada. A tarde já escurecia, dificultando a movimentação dos jogadores. A exaustão já não deixava o raciocínio ser tão rápido. Faltando 10 minutos para o término, Brasileiro, de fora da área, faz um golaço. Gaúcho 4 a 3. Ninguém tem forças para comemorar. Saída de bola, jogada na área do alvi-verde e outro pênalti para os bageenses. Os jogadores do Gaúcho apavorados partem para cima do árbitro e não deixam que se faça a cobrança. Nisso surge o nome do jogo, até então, Harry Becker. Ele pega a bola e a coloca na marca do pênalti. Pede aos seus companheiros que se afastem. Tupã, já cansado, novamente cobra no canto esquerdo. Harry, especialista nestas defesas, voa e manda a bola para escanteio. Todos pulam em cima do goleiro. A partir daí, os jogadores jalde-negros desistem

do jogo. Tinham pego uma camiseta mística pela frente. O Gaúcho venceu com Harry Becker, considerado o melhor goleiro do estado naquele ano, Josino e Armandinho; Rosson, Zica e Carlos Alberto; Brasileiro, Papagaio, Micuim, Nino e Laus. O grande Grêmio Bagé formava com Veliz, Jorge e Gauchinho; Laerte, Cabeça e Ripalda; Balejo, que depois brilhou no Grêmio Porto-alegrense, Fierro, Tupã, Rubillar e Rodriguez. Exatamente às 18h50min chegava a notícia, o Gaúcho havia ganho. Euforia nunca vista na cidade.

Agora o alviverde já era campeão da Fronteira. O próximo obstáculo seria o Grêmio Santanense. Time respeitado, também recheado de jogadores vindos do Uruguai, onde o profissionalismo já era realidade há muitos anos. Feito o sorteio da cidade, deu Passo Fundo. Meio caminho andado. Não era preciso viajar, apenas esperar o adversário cansado, era tudo que se queria. O Gaúcho gestionou junto a Federação para que o jogo se realizasse em seu campo, que era desnivelado e difícil de adaptar. Mas os mandatários do futebol determinaram que a partida fosse jogada no campo da Vila Rodrigues, do 14 de Julho, menor, porém plano.

O Grêmio Santanense tinha sido campeão estadual dois anos antes, ou seja, 1937, e tinha nos uruguayos Morozini e Pepe Garcia seus grandes nomes. Também o meia direita Sorro, integrante da Seleção Gaúcha que havia se sagrado campeã brasileira em 1936, era seu destaque.

Mais de 2.500 pessoas compareceram ao estádio para ver o Gaúcho vencedor. Nada mais havia a temer, depois das vitórias em Santa Maria. O jogo começou equilibrado, com as duas equipes se estudando e esperando o melhor momento para atacar. O respeito era mútuo. Aos 20 minutos, Laus recebe pela esquerda e já dentro da área fuzila o goleiro. Gaúcho 1 a 0. Os rubros não perdem o equilíbrio seu jogo e continuam bem. Aos 42 minutos, numa falha gritante do árbitro, Beca ajeita a bola com a mão, os jogadores do Gaúcho param, todo o estádio viu e grita, mas o homem de preto manda a jogada seguir e o mesmo Beca empata. Logo no início da etapa complementar, Beca chuta com pouca força em direção ao gol. No caminho desvia em Zica e engana Harry, entrando mansamente

para o fundo do gol. Grêmio Santanense 2 a 1. Os periquitos avançam em bloco, tentando o gol de todas as formas e poderiam ter conseguido, não fosse a não marcação de um pênalti claríssimo de Pedro em cima de Brasileiro Trindade. A partida termina e o Gaúcho perde a chance de seguir em frente na competição por erro da arbitragem.

Gaúcho – Harry Becker, Josino e Armandinho; Rosson, Zica e Carlos Alberto; Brasileiro, Papagaio, Nino, Micuim e Laus.

Grêmio Santanense - Morozini, Ito e Pedro; Filinho, Pepe Garcia e Chuna; Sorro, Bido, Raul, Beca e Bento.

Árbitro – Sr. Álvaro Silveira, que teve dificuldade em sair da cidade.

Mas de qualquer forma, a campanha de 39 foi dramática, heróica e fica como uma das maiores da história do clube e da cidade de Passo Fundo. Uma homenagem aos heróis: Dr. Armando Ferreira da Silva, presidente, Honorino Malheiros, dirigente e técnico, Mario Garcia, tesoureiro, e os jogadores, Harry Becker, Josino Marques, Armandinho Mendes da Costa, Mário Garragory (Zica), Carlos Alberto, Abey Simão, Ariovaldo Telli, Brasileiro Trindade, Nino Di Primio, Hélio Corá, Luiz Borges (Micuim), Miguel Oliveira Monteiro (Papagaio), Ulisses Laus, Itagiba de Almeida, Olimpico Rosson e José Moja Moreno (Sudeto).

14 de Julho x Internacional

Foi no dia 10 de abril de 1941, numa quarta-feira à tarde, que aconteceu um dos maiores jogos de futebol que a cidade de Passo Fundo já presenciou.

O Internacional de Porto Alegre, campeão estadual, iria jogar no domingo seguinte, na cidade de Erechim, contra o Atlântico, na inauguração do campo deste. Na passagem por Passo Fundo, foi convidado pelo 14 de Julho para uma partida amistosa, aproveitando o feriado Municipal, em comemoração ao cinqüentenário da elevação de Passo Fundo de vila para cidade, em 1891. Convite aceito começa os preparativos para o grande embate. O colorado porto-alegrense havia montado um esquadrão, apelidado de Rolo Compressor pela imprensa da capital, tal a forma avassaladora com que passava pelos adversários.

Os dirigentes do 14 de Julho, até certo ponto temerosos em dar vexame, tomaram algumas providências. A principal foi mandar a partida para o campo da Vila Vergueiro, pertencente ao Gaúcho, que era bastante desnivelado. Evidentemente o Inter não estava acostumado a atuar em campo assim, e os quatorzeanos já sabiam como jogar ali. O campo do 14 de Julho, situado na Vila Rodrigues, era plano, mas a despeito de uma maior arrecadação, pois na Vergueiro tinha pavilhão, conseguiram ludibriar a direção do Inter. A outra providência era montar uma espécie de selecionado da cidade. foram convidados para jogar, Jamegão, Marcondes e Polaco, todos do Riograndense. Mas essa iniciativa não produziu efeito, pois os jogadores do 14 de Julho, feridos em seus brios, não permitiram que isso acontecesse, e prometeram muita luta e dignidade, e a derrota, se houvesse, era contingência do futebol e do poderio adversário.

Estádio lotado e todos certos que o Internacional iria golear. Começa a partida. O nível técnico do campeão estadual era altíssimo. Jogadas de efeito e malabarismos com a bola deixavam a platéia maravilhada. Aos 5 minutos, com o 14 de Julho atacando para cima. Pupe

manda uma bomba de fora da área. Rubens só olhou a bola entrar no seu gol. 14 de Julho 1 a 0. A vibração foi tímida, uma vez que ninguém acreditava na vitória. “Cutucaram a onça com vara curta”, foi a reação. E os torcedores estavam certos. Aos 9 minutos, Tesourinha avança pela direita dá um drible em Ferrari e passa a Vilalba, que manda a bola para a rede de Susin, que nada pôde fazer, 1 a 1. O Internacional impondo sua maior categoria desempata aos 16 minutos num chute de Carlitos quase dentro da pequena área. Inter 2 a 1. O 14 de Julho espertamente jogava fechado atrás, esperando tomar poucos gols no primeiro tempo, pois no segundo iria atacar para baixo. Aos 40 minutos, Carlitos cruza uma bola alta para a área do 14. Alberico pula pra rebater com a cabeça, quando Susin, saindo do gol, grita pra seu companheiro: “é minha”. Alberico sai da bola, que se encaminha em direção às mãos do goleiro. Mas, repentinamente, Vilalba salta em direção a Susin e dá um soco na bola, mandando-a para as redes. Para desespero do quatorzeanos, o árbitro Harry Becker, mal colocado, valida o gol. Inter 3 a 1. E assim termina a etapa inicial.

Começa o segundo tempo, e os planos do técnico, tenente Maguins, do 14 de Julho, ameaçam ir por água abaixo, em razão de dois lances. O primeiro, logo aos dois minutos, Castilhos, aproveitando uma bobeadada da defesa, marca mais um. Inter 4 a 1. O segundo, numa disputa de bola, o argentino Vilalba entra com a sola da chuteira na canela de Alberico. Rasga-lhe a pele e o cravo entra na perna, perfurando-lhe o osso. O lateral é retirado de campo, levado direto para o hospital. Entra em seu lugar Jerônimo.

Mas a estratégia de jogo estava certa, e o Inter começou a cansar, ao atacar para cima. Aos 13 minutos, Miléo, um uruguaio alto e magro, e que jogava muito, desvia de Rubens uma bola cruzada, à meia altura, para Maneca, que desconta. Inter 4 a 2. Três minutos mais tarde, Pupe, que tinha um canhão nos pés, chuta da entrada da área e marca mais um. Inter 4 a 3. A torcida quatorzeana explode de alegria. O jogo pega fogo, pois o time da casa foca a marcação do gol de empate, e o adversário tem dificuldades em conter aquele ímpeto. Gojo, o melhor em campo, estava estilhaçado. Tesourinha, bem marcado e cansado, nada faz. Vilalba, chateado com a

jogada que lesionou Alberico, nada produz. O jogo estava equilibrado, e o 14, numa tarde de raça e vontade, tinha tudo para empatar. Além de todos os seus problemas, o Inter passava a ter mais um: o sol do entardecer mandava seus raios exatamente na goleira de baixo, e o goleiro Rubens praticamente não enxergava nada. Aproveitando-se disso, Maneca chuta de longe, a bola vai, à meia altura, em direção a Rubens que não vê a bola passar pelo seu lado e entrar no gol. Empate 4 a 4. Ninguém acreditava no resultado final. A partida terminou com o escore igual, mas venceu a garra, a hombridade e a malandragem dos jogadores e dirigentes do clube passo-fundense.

14 de Julho – Susin, Barão e Edú; Alberico (Jerônimo), Heitor Moura e Ferrari; Tico Trindade, Pupe, Gojo, Miléo e Maneca.

Internacional – Rubens, Alfeu e Borges; Assis, Osvaldo Brandão (Celso) e Pedrinho; Tesourinha, Salvador (Ivo), Vilalba, Castilhos (Rui) e Carlitos.

Árbitro – Harry Becker, indicado pela Liga Passo-Fundense de Futebol.

Independente x Grêmio

Foi um grande acontecimento na vida da sociedade passo-fundense, no ano de 1951, a inauguração do Estádio da Tingaúna, pertencente ao Independente, quando o clube comemorava 10 anos de sua fundação. Os dirigentes, liderados pelo presidente Hugo Lisboa, não pouparam esforços para que a festa fosse grandiosa. Convidaram o Grêmio Porto-Alegrense, que jogaria em Passo Fundo, pela primeira vez, para ser o paraninfo da praça de esportes. Mas existia ainda uma segunda razão para a vinda do Grêmio: o clube da capital tinha uma “dívida” com o Independente: a compra do passe do volante Valdemar Verardi.

No dia anterior ao jogo, muitas festividades: recepção da delegação gremista no Aeroporto de São Miguel; visitação à sede do Clube Náutico Capingüi, recém-construída; coquetéis; baile em homenagem à direção do clube visitante e a Federação Rio-Grandense de Futebol. No âmbito social, tudo perfeito.

No que se refere ao futebol, a direção alvinegra, contrariando seus atletas, que ficaram ressentidos, resolveu convidar meio time do Glória de Carazinho e outros reforços somente para a partida, com temor de sofrer uma goleada. Do Glória, vieram o goleiro Zeno, o zagueiro Helio Barleze, o volante Nelson Webber, o lateral Mocotó e o atacante Mauro. Do Gaúcho, Vete. Do Bonsucesso do Rio de Janeiro, o atacante Toinho, que havia jogado no Fluminense, e era engenheiro agrônomo em visita à cidade. E mais Rubens Hofmeister, jogador do Grêmio Santo-Angelense, que estava de passagem por Passo Fundo, pois iria a Porto Alegre defender o Cruzeiro. Do time que começou o jogo, apenas Hiran Verardi, Ratinho e os irmãos Noio e Flávio Annes eram do Independente.

Estádio completamente lotado, com delegações vindo de toda a região para ver o Grêmio. Público de 3.445 pagantes, que propiciaram uma renda de CR\$ 29.980,00, embora o céu estivesse carregado de nuvens negras, pois já havia chovido, cancelando-se a preliminar.

Às 16 horas, o árbitro Dirceu Bezerra, FRGF, trila o apito e começa a magnífica partida. O IGAA surpreendentemente joga de igual para igual. Os torcedores vibram intensamente com belíssimas jogadas, quando Hofmeister recebe a bola pela meia-direita, dribla o zagueiro Sarará e da entrada da área toca com o pé em baixo da bola. Ela toma elevação, encobre o goleiro Sérgio, que estava adiantado, e cai no fundo do gol. Independente 1 a 0. Ninguém acredita. O Grêmio, time profissional, estava perdendo para o amador Independente. Porém, logo após, o tricolor pressiona no ataque e, num “entrevero” na área, a bola sobra pra o ponteiro-esquerdo Gorrion, que encosta a bola para dentro do gol. 1 a 1. O Grêmio continuava melhor, mas Zeno estava muito seguro, e Hélio Barleze, o melhor em campo, anulava com tranqüilidade e elegância o melhor do Grêmio, o avante Geada. Num contra-ataque, Noio é derrubado na entrada da área por Sarará. Barreira formada, Mocotó parte para a bola e chuta para dentro do gol. O árbitro manda voltar, pois não tinha autorizado a cobrança. Novamente a barreira postada e Mocotó perto da bola. O árbitro apita e, para surpresa de todos, Ratinho, que também havia se posicionado, sai na frente de Mocotó e chuta com força. A bola desvia na barreira e engana o goleiro Sérgio Moacir, indo parar no fundo do gol. Independente 2 a 1. No dia seguinte, os jornais deram o gol para Mocotó, que passou para a história como seu autor. Eram decorridos 34 minutos e Pedrinho passa por três adversários, entra na área e, na saída de Zeno, dá uma ginga de corpo no goleiro e marca um golaço. 2 a 2.

Na segunda etapa, aconteceu o que ninguém queria. Desabou um aguaceiro. Torcedores de terno e gravata, senhoras e senhoritas, todos enopados. Ninguém arredava o pé do estádio. O Grêmio fez várias modificações e visivelmente se poupava. O Independente, ao contrário, continuava bem com Ratinho e Hofmeister, que pareciam jogar juntos há muito tempo, demonstrando um grande entrosamento. O restante do time também jogava além do que deles se esperava, principalmente a zaga com Hélio Barleze e Vete. Quando parecia que o placar não iria mais ser movimentado, eis que surge Hofmeister pela direita, avança sozinho e dentro da área, mesmo resvalando, consegue o chute que passa pela

vigilância de Sergio Moacir. Independente 3 a 2. O Grêmio “enlouqueceu” e foi todo para cima. Os jogadores alvinegros, já cansados, se defendiam como podiam. O gramado continuava excelente, mesmo com a chuva, graças a ótima drenagem que possuía o estádio. Aos 41 minutos, Dirceu entra quase no bico da grande área, com a bola dominada, e é derrubado por Vete, que lhe atinge o peito com a sola da chuteira. Pênalti marcado. O lateral Bexiga parte para a bola e bate no canto oposto ao que saltou Zeno. Novo e derradeiro empate, 3 a 3.

Graças ao presidente Hugo Lisboa e seus pares, Passo Fundo foi presenteado com um novo e moderno (para os padrões da época) estádio, e presenciou um dos mais espetaculares jogos de futebol de sua história.

Independente – Zeno, Hélio Barleze e Vete; Hiran Verardi, Webber (Beto) e Mocotó; Noio (Mauro), Toinho (Miro), Rubens Hofmeister, Ratinho e Flávio.

Grêmio – Sergio Moacir, Crespo e Sarará; Bexiga, Valdemar Verardi (Orly) e Heitor Moura; Lori (Dirceu), Ferraz (Geadinha), Geada (Clori), Pedrinho e Gorrion.

Árbitro – Dirceu Bezerra da FRGF.

14 de Julho x Veterano

A chave 4 da 2ª divisão estadual de profissionais, no ano de 1953, era composta pelo 14 de Julho de Passo Fundo, o Veterano de Carazinho, o Ouro Verde de Palmeira das Missões e o Ipiranga de Erechim. Na semana do início da competição, o representante palmeirense, que teria que jogar em Passo Fundo, desistiu. Em Carazinho, o Veterano venceu o Ipiranga pelo placar de 2 a 0, e o time erechinense também desistiu, ele que havia sido campeão do ano anterior. Restaram apenas 14 de Julho e Veterano.

O representante passo-fundense havia montado um bom time com o seu presidente Gaspar Coitinho. Não poupando esforços, contratou o zagueiro Pedro e os atacantes Guido e Bruxo, do Renner de Porto Alegre. O Veterano tinha uma equipe experiente. Seu futebol era de muita força e técnica.

A primeira partida foi realizada no Estádio Dr. Celso da Cunha Fiori, e terminou empatada em dois gols. Mas o time da casa jogou desde os 13 minutos do primeiro tempo com 10 homens, uma vez que o atacante Tubino saiu de campo lesionado, vítima de uma entrada violenta e desleal de Alambique, atacante jalde-negro. Naquela época não havia substituição. Mesmo com um jogador a menos, os rubros venciam quase até o final por 2 a 0, gols de Gradim e Bruxo. Mas, cansados, cederam o empate. Chinês e Jorginho marcaram para os visitantes. Tudo ficaria para a segunda partida.

Em Carazinho, novo empate, jogando no campo do Glória. Desta feita 1 a 1, com Hugo anotando de pênalti para o Veterano e Plínio Mafessoni, de cabeça, empatando já no segundo tempo. A Federação Rio-Grandense de Futebol designou que o terceiro jogo fosse realizado no Estádio Tiradentes, pertencente ao Renner de Porto Alegre, situado, à época, na Av. Farrapos.

No dia 18 de outubro, o terceiro e mais sensacional encontro. Era um sábado à tarde, e a chuva que caía em abundância poderia prejudicar o espetáculo. Surpreendentemente um ótimo público compareceu para

prestigiar um jogo com times do interior. Até os 25 minutos, o Veterano foi melhor. Chegava com mais facilidade à meta de Magalhães, porém seu ataque não produzia chances de gols. A rigor, até aquele momento da partida, somente a defesa quatorzeana se portava bem. Os demais setores da equipe simplesmente não conseguiam corresponder. Aos 25 minutos, o zagueiro Pedro fraturou a clavícula num lance com o centromédio Hugo. Saiu do estádio diretamente para o Pronto Socorro. Lá estava o 14 de Julho com um jogador a menos, novamente. A partir daí os passo-fundenses cresceram. Jogando com uma garra extraordinária, e, também, com técnica e habilidade. Dois minutos após o lance infeliz, Bruxo marcaria o primeiro gol do jogo, mas o árbitro o anulou. Conforme entrevista de Gradin, muito mal anulado por Aparício Viana da Silva, que comandava o jogo. Foi marcado um impedimento inexistente. O zagueiro Agnello cobra a infração, jogando a bola nos pés do mesmo Bruxo. O avante bate de primeira no ângulo de Xavier. Agora valeu. 14 de Julho fazia 1 a 0. O time carazinhense passou a errar muitos passes e, perturbado, perdia bolas fáceis. Aos 33 minutos, Bruxo parte pela esquerda em direção à linha de fundo. De repente para, olha para a área e vê Guido entrando pelo meio. A bola é cruzada para o centroavante que bate com o lado interno do pé, para dentro do gol. 14 de Julho 2 a 0. Os rubros jogavam um futebol de luxo. Velocidade, técnica e feroz marcação davam aos jogadores a certeza da vitória. E ela ficou mais próxima quando, aos 40 minutos, novamente Bruxo, o melhor em campo, bateu espetacularmente dois adversários, na mesma finta, e chuta à meia altura, deslocando Xavier, que viu a bola balançar sua rede. 14 de Julho 3 a 0, e um “banho” de bola. Aí aconteceu o pecado. Aos 46 minutos, numa confusão na área quatorzeana, a bola sobra para Afonso que chuta rasteira, ela passa por Magalhães e vai entrando. Na corrida surge Ari do Monte, que corta a trajetória da bola na linha fatal. Os jogadores do Veterano reclamam o gol. Aparício Viana da Silva consulta o auxiliar Helio Salerno, que confirma ter entrado a bola. Desconta o Jadel-negro, 3 a 1. Esse gol deu moral ao clube de Carazinho.

O Veterano entra no segundo tempo com a cabeça na guilhotina. Era matar ou morrer. O terror quatorzeano começou logo aos 3 minutos,

quando Jorginho, entrando pela meia esquerda, bate na bola exatamente quando Magalhães saía do gol, pegando-o no contra-pé, fazendo o segundo de seu time. Agora já era 3 a 2. Praticamente todo o segundo tempo pela frente, e o 14 de Julho com 10 jogadores. A violência, em razão da forte tensão do jogo e do gramado embarrado e escorregadio, começou a imperar. Ari do Monte, lateral que vinha bem, se contundiu seriamente, ficando em campo até o final apenas para fazer número, na ponta esquerda. Agora os rubros somente se defendiam. Atacante Guido fazia as vezes de zagueiro e, junto com Edson, atuava com uma raça impressionante. Logo depois, Bruxo, o único atacante, foi atingido por Agnello, permaneceu em campo, também no sacrifício. Na prática, eram somente 8 homens de vermelho, contra 11 vestidos de preto e amarelo. Mas o 14 de Julho se defendia bem, e quando todos imaginavam que sairiam com a vitória, Jorginho pega a bola na ponta esquerda e cruza para Alambique empatar. Eram decorridos 48 minutos. Empate em 3 a 3. O crime estava consumado.

Mas quem pensava que o sofrimento estava terminado, se enganou. O regulamento previa uma prorrogação de mais 20 minutos para se apurar o vencedor. Não se agüentavam mais os jogadores. Extenuados, os oito heróis, apenas eles, acreditam que poderiam se superar. Começa a prorrogação e ninguém acredita no que vê. O time passo-fundense, ou melhor, o que sobrava dele, superava todo o esforço físico e emocional. Em duas oportunidades, num mesmo lance, o zagueiro Egon salvou, debaixo dos paus, com seu goleiro já batido, o gol que seria a consagração daquele exército espartano. Edson, um zagueiro pequeno e de uma impulsão extraordinária, que veio de Chapecó para Passo Fundo, era um monstro. Demonstrando um enorme amor à camiseta que vestia, mal conseguia ficar em pé, defendendo como nunca e puxando os ataques de seu time. Numa de suas investidas ao campo contrário, recebeu um violento pontapé após um drible desconcertante em Alambique. O complacente árbitro Aparício Viana da Silva se viu obrigado a expulsar o terrível jogador carazinhense. Mesmo com todo o esforço, a prorrogação terminaria em 0 a 0. Para, no sábado seguinte, no mesmo estádio, ser realizado o quarto confronto. Era muita coisa.

O último jogo foi antecipado para quinta-feira. As duas equipes, seriamente desfalcadas, vão ao campo de batalha e, desta feita, jogando melhor, o Veterano acaba vencendo por 2 a 0, com gols de Tia Rosa e Vaninho, um em cada tempo. Entre as duas equipes nunca mais houve decisões tão heróicas, dramáticas e bonitas como aquelas. Os times do terceiro jogo:

14 de Julho – Magalhães, Pedro e Edson; Ari do Monte, Vete e Zizi; Paulista, Plínio Mafessoni, Guido, Bruxo e Gradin.

Veterano – Xavier, Egon e Agnello; Tia Rosa, Hugo e Jorge; Payé, Alambique, Felipe, Afonso e Jorginho.

Árbitro – Aparício Viana e Silva, que 24 anos após seria treinador do 14 de Julho.

Seleção de Passo Fundo x Olaria RJ

Choveu durante quase toda aquela quarta-feira, dia 14 de abril de 1955. Os aficionados do futebol estavam ansiosos que a chuva parasse, pois a noite seria de gala, no Estádio Dr. Celso da Cunha Fiori. Uma seleção composta por jogadores da cidade iria enfrentar o Olaria, chamado “Fantasma da Rua Bariri”, a sensação do campeonato carioca de 1954. O clube do Rio de Janeiro excursionava por Santa Catarina e veio realizar única partida em gramados gaúchos. Era a primeira vez que um time carioca jogaria na cidade. Para alívio e felicidade geral, parou de chover.

Treinando no Estádio Tingaúna, cercado de curiosos e caçadores de autógrafos, o Olaria, dirigido pelo técnico Jair Boaventura, tinha em seu elenco nomes famosos. Eram os casos dos atacantes Maxwell, ex-América, Mário, ex-Vasco da Gama, do zagueiro Osvaldo, ex-Flamengo, e Olavo, considerado pela imprensa esportiva como o jogador mais violento do futebol brasileiro.

A seleção passo-fundense foi orientada pelos treinadores Vicente Souza, do Gaúcho, e Sargento Moisés, do Independente. Foram convocados os seguintes jogadores: Dindo, Djalma, Omir, Caíco e Prinche, todos do Gaúcho. Bruno Palma, Evaldo, Demóstenes, Nívio, Egydio e Antoninho, do Independente. Gentil, Gradin e Hugo Loss, do 14 de Julho, e Calé do Riograndense.

A equipe carioca, desde o começo, jogava com o intuito de dar exibição, com fintas e gingas que faziam a numerosa platéia delirar. A seleção, jogando com mais seriedade, marcou aos 12 minutos, com Djalma, aproveitando uma bola mal atrasada pelo zagueiro Jorge, desviando-a do goleiro. Seleção 1 a 0. Apenas quatro minutos depois, Toledo acerta uma bomba de fora da área. A bola bate na trave e encontra as malhas de Dindo. 1 a 1. Olavo, que, além de violento, era o armador das jogadas de seu time, estava muito bem controlado em suas duas características por Prinche. Aos 22 minutos, Caíco achou Omir bem colocado e lhe passou a bola. Omir

driblou dois adversários e, na cara do goleiro, manda a bola para as redes. Seleção 2 a 1. O time da Rua Bariri passou a forçar o jogo, e aos 27 minutos empatou. Rafael cobrou escanteio no peito de Gauchinho. Esse lhe devolveu a bola rasteira. Rafael, quase sem ângulo, bateu de primeira, e a bola fez uma curva, entrando no lado oposto, por cobertura. Um golaço. 2 a 2. Embora a iluminação do estádio fosse deficiente, o espetáculo era altamente qualificado. A torcida delira quando Gradin recebe um passe “açucarado” de Omir, e, na frente do goleiro desvia a bola que mansamente vai à linha de fundo. Aos 38 minutos, redimindo-se do gol perdido, Gradin bateu de escanteio da direita com o pé trocado, a bola sobre, e desce dentro do gol de Fernando. Gol olímpico. Seleção 3 a 2. Terminava assim o primeiro tempo.

Logo no início da etapa complementar, Gauchinho, após receber um grande lançamento de Mário, engana Dindo e decreta novo empate. 3 a 3. Prinche, o melhor em campo, comandava a armação de jogadas e ajudava a alimentar o ataque veloz e driblador que tinha a seleção. O Olaria, por sua vez, forçava a marcação do desempate, obrigando Dindo a realizar boas defesas. O time carioca era todo ataque, quando, num contra-ataque, aconteceu mais uma obra prima: Omir, rouba a bola em sua intermediária e a lança para Zizi. Este corre com a bola dominada em direção ao gol, fintando todos que vinham em sua frente. Driblou quatro jogadores e mais o goleiro Fernando, entrando com bola e tudo pra dentro do gol. Seleção 4 a 3. Estava demais. Era adrenalina pura dentro de campo e na arquibancada. Mário, o melhor de seu time, recebe a bola da esquerda e, do bico da grande área, bate enviesado uma bola com força e com efeito. Ela engana Dindo e estufa as redes. 4 a 4. Parecia um sonho de jogo. Ninguém queria que o espetáculo terminasse. Aos 40 minutos, Olavo bate uma falta de longa distância. A bola entra como um foguete ao lado de Dindo, que praticamente nem vê por onde ela passa. Olaria 5 a 4. Em seguida termina o jogo. Foi inesquecível o que viram aqueles que foram ao estádio. Foram premiados com um futebol de primeiríssima linha. Viram desfilar diante de seus olhos apenas craques, que entraram para a história do futebol.

Seleção de Passo Fundo – Dindo, Hugo Loss e Gentil; Prinche, Nívio (Auro) e Antoninho; Djalma, Omir, Zizi, Caíco e Gradin.

Olaria – Fernando, Osvaldo e Renato; Jorge, Olavo e Dodô; Toledo, Rafael, Gauchinho (Tião), Maxwell e Mário.

Árbitro – Aristocilio Rocha, carioca, que acompanhava a delegação do Olaria.

14 de Julho x Gaúcho

14 de Julho e Gaúcho estavam alijados das finais do campeonato regional de 1960, decidido entre Atlântico, que foi o campeão, e Ipiranga, um clássico erechinense. Por iniciativa da Liga Passo-Fundense de Futebol e da imprensa local, resolveu-se, para não ficar em brancas nuvens, promover dois clássicos Ga-Qua, encerrando a temporada. Ao vencedor, seria entregue a Taça da Amizade.

A primeira partida foi realizada no dia 10 de dezembro, uma quinta-feira, no Estádio Wolmar Salton. A vitória foi do dono da casa, o Gaúcho, por 1 a 0, gol de Jacy, cobrando falta. A partida foi muito disputada e nervosa, pois foram expulsos de campo Valentin e Leitão, do Gaúcho, e Cale, do 14 de Julho. O árbitro, Sargento Moisés Correia dos Santos, teve enormes dificuldades de levar a partida até o final.

No dia 13 de dezembro, segundo jogo, agora no Estádio Dr. Celso da Cunha Fiori, reduto quatorzeano. No estádio lotado, todos perceberam a deficiência no policiamento, que garantiria a segurança do jogo. Mesmo assim o representante da Liga e o trio de arbitragem, em respeito ao público, deram condições para a realização da partida.

O começo foi bastante movimentado, com as duas equipes jogando ofensivamente a procura do gol. O jogo era bom de assistir, mas à medida que passava o tempo as faltas se sucediam, cada vez mais violentas, tornando o clima do jogo muito tenso. Aos 23 minutos, Armando Rebechi recebe a bola pela meia-esquerda, entra na área e, ante a chegada de Godinho, bate forte, vencendo a perícia de Cavalheiro. 14 de Julho 1 a 0. Aos 31 minutos, numa bola “rifada” pela zaga colorada acaba sendo dominada por Godinho. Ele atrasa defeituosamente para o aflito Cavalheiro que saía do gol. Plínio Rosseto, mais rápido, chega antes e desvia para as redes. 14 de Julho 2 a 0. Se vencessem, os rubros adiariam a decisão para um terceiro confronto. Ainda no primeiro tempo, Adilson vence Piranha na corrida e bate rasteiro no canto oposto de Rebequinho, que abandonava o

gol. 14 de Julho 2 a 1. Dentro de campo, o zagueiro Bem-Hur e o meia Vando, amigos fora dele, trocavam olhares odiosos. A situação estava ficando insustentável para o árbitro controlar os atletas.

Meca, ponteiro do 14 de Julho, muito veloz e driblador, recebia faltas, com ou sem a bola, do lateral Jacy. Vando, ao tentar rebater uma bola de bicicleta, atingiu a bola com um pé, e o pescoço de Tuta com o outro. Era o segundo tempo, e as coisas estavam ficando cada vez mais difíceis. Aos 25 minutos, Paulistinha cobra um escanteio para a área. Tuta, baixinho, consegue cabecear antes da chegada de Rebequinho. Estava empatada a partida, 2 a 2. Se o clima era terrível dentro de campo, fora dele, no pavilhão e nas gerais, era pior. Focos de tumulto explodiam a todo instante. Com o empate, o alviverde era campeão. Aos 30 minutos, um golaço. Verardi, com muita habilidade, fez jogada individual, driblou três adversários, e meteu a bola para Meca, que corria pelo meio. Meca recebeu a bola, levantou-a com o pé esquerdo e, de voleio, de direita, mandou uma bomba indefensável. 14 de Julho 3 a 2. Faltando dois minutos para terminar o jogo, Leitão, da entrada da área, bate com força na bola mandando-a para a rede. Vibração de jogadores e torcedores do Gaúcho. O árbitro corre em direção ao meio de campo. Atrás dele estão os jogadores do 14, mostrando o auxiliar Dossa, que permanece estático, com a bandeira levantada, anotando impedimento. O árbitro retorna em direção ao auxiliar e, após breve diálogo, volta atrás, e anula o gol. Muita discussão. Jogadores e dirigentes do Gaúcho pressionam o auxiliar, proferindo todos os impropérios que conheciam. Mas Dossa, inflexível e com incrível coragem, mantém sua decisão. O jogo prossegue e, no minuto seguinte, Meca dá mais um dos incontáveis dribles em Jacy, e leva mais uma vez a falta. Com os nervos a flor da pele, Meca, que nunca foi de briga, desfere um tapa no rosto do adversário. Tumulto. Armando Rebechi foi tirar satisfações de Jacy, e este lhe põe o dedo indicador no rosto. Armando não teve dúvidas, deu uma mordida no dedo de Jacy arrancando-lhe a pele. O jogador do Gaúcho urrava de dor.

Pupe, ex-jogador e torcedor ardoroso do 14 de Julho, normalmente assistia os jogos no lado de fora da cerca, que circundava o Estádio da Baixada. Ficava em cima de seu caminhão, acompanhado de vários amigos,

estacionado atrás da goleira, que ficava à direita do pavilhão. Situado na hoje Estação Rodoviária, onde saem os ônibus. A mordida de Rebechi foi o sinal para que Pupe e seus amigos pulassem para dentro do estádio, arrancassem uma tábua que sustentava o alambrado e entrassem na confusão, que naquelas alturas era generalizada.

Bem-Hur e Vando se encontraram no meio do campo. Se mediram e, como conta em seu depoimento Vando, Ben-Hur disse: “o que você acha”. Vando respondeu: “você é quem sabe”. Se olharam mais uma vez e ficaram à margem do campo conversando e se divertindo com a briga.

Dizem que até tiros saiu. Foi mais uma briga, normal nos clássicos. Eram assim mesmo, Ga-Qua sem brigas era muito difícil. A Taça da Amizade não foi decidida, ninguém mais a viu e ninguém mais falou sobre ela. Amizade não existia entre Gaúcho e 14 de Julho. A rivalidade, sim, era a enorme barreira entre os dois clubes.

14 de Julho – Rebequinho, Piranha, Níveo e Vadecão; Verardi e Vando; Meca, Armando Rebechi, Plínio Rosseto, Maneca e Cale.

Gaúcho – Cavalheiro, Ben-Hur, Godinho e Jacy; Valentin e Branco; Paulistinha, Sariba, Tuta, Délio e Adilson.

Arbitragem – Sargento Moisés Correia dos Santos, com Dossa e Paulo Lopes.

14 de Julho x Avenida

O ano de 1964 foi realmente cheio de emoções para os jogadores, dirigentes e torcedores do 14 de Julho. Primeiramente decidiu, num supercampeonato, o título de campeão regional frente o Atlântico. E venceu. Pelo estadual, defrontou-se com o Riograndense de Santa Maria em três partidas memoráveis, incluindo aí uma vitória por 5 a 2, num jogo em Passo Fundo quando seu massagista Crizante Cesar faleceu de ataque cardíaco por não agüentar a tensão do jogo.

Agora o adversário era o Avenida de Santa Cruz, pela semifinal. No dia 6 de dezembro, na “Baixada Rubra”, a primeira partida. Vitória apertada por 1 a 0, gol de Armando Rebecchi, de cabeça. O Avenida, no entanto, foi superior durante todo o jogo. Nelcy, goleiro rubro, foi o melhor em campo, salvando seu time da derrota, o que deixou todos apreensivos.

Oito dias depois, a segunda partida na Capital do Fumo. Durante a semana, o meio-campista Verardi, que não vinha jogando (estava abandonando a carreira, mas tinha contrato em vigor), solicitou ao técnico Egydio Reolon para jogar. Alegou que poderia reter a bola no meio de campo para tentar ganhar o jogo nos contra-ataques. O empate bastava. Pedido atendido, Verardi jogou. Antes de começar a partida, o árbitro José Luiz Barreto observou não ter policiamento para dar segurança aos contendores. Decretou que não começaria a partida. O Delegado de Polícia local, Sr. Itamar Reis, conclamou, pelas emissoras de rádio da cidade, a presença de policiais. Vieram três brigadianos e quatro policiais civis. Começou o jogo.

Naquela época, as substituições eram feitas até aos 41 minutos do primeiro tempo. Passado esse período, mesmo que o jogador se machucasse, não poderia mudar. O jogo estava 0 a 0, com o 14 segurando bem o adversário. Aos 39 minutos, Egydio manda Mariotti entrar no lugar de Tuta. O ponteiro, afoito e desacostumado a entrar no decorrer das partidas, entra em campo e diz: “seu Juiz, sai o Verardi”. Verardi saiu e o time perdeu

a consistência no meio de campo. Resultado: Avenida 3 a 0, gols de Evaldo, aos 9, 22 e 41 minutos do segundo tempo.

Mais uma vez os rubros têm que jogar uma terceira partida decisiva. Ela foi marcada para o dia 17 de dezembro no Estádio dos Eucaliptos, em Porto Alegre, como preliminar do clássico Inter-Cruz.

O jogo começa às 19 horas e 30 minutos e os torcedores, que vão chegando ao estádio, vêem o 14 de Julho jogando um bom futebol, envolvendo completamente o Avenida. A rigor, no primeiro tempo, apenas Piranha, que marcava o veloz ponteiro Ernani, não correspondia. A marcação é a distância e o lateral é lento e tem pouca recuperação. Verardi está soberbo no meio de campo. Délio, com garra e velocidade, contagia seus companheiros. O 14 massacra seu oponente. Os dois times têm desfalques. Caneco, zagueiro rubro, estava lesionado e cedeu lugar a Osvaldo. No Avenida, o goleiro Rômulo, também contundido, saiu para dar lugar a Oacy. O gol do 14 era apenas questão de tempo, mas a sorte madrasta entra em campo. Aos 48 minutos, Betinho lança Ernani dentro da área. Ele dá um leve toque na bola, desviando de Nelcy, fazendo o primeiro gol do jogo. Avenida 1 a 0. Era uma grande injustiça.

Com a vantagem no marcador, o Avenida entra em campo tranqüilo para a etapa final. O técnico Egydio Reolon, no intervalo, acertou a marcação de Piranha sobre Ernani e seu time voltava melhor. Aos 8 minutos, numa infelicidade de Osvaldo que atrasou uma bola curta ao seu goleiro, o atacante Evaldo não bobeou e mandou a bola para as redes. Avenida 2 a 0. Os jogadores rubros não se abateram com a adversidade. Ao contrário. Sabiam que tinham tempo para reverter o resultado. Os torcedores, naquelas alturas, haviam lotado os Eucaliptos, e se identificaram com a camisa vermelha e também com Verardi, seu antigo ídolo. Verardi foi titular do Internacional na década de 50. Num contra-ataque, quase o Avenida liquidou o jogo. Com Nelcy batido, Piranha, jogando seu corpo para o alto, desviou, quase em cima da linha, uma bola que tinha o endereço certo. O goleiro reserva Oacy estava pegando tudo. Num ataque pelo meio, Délio entra na área e é derrubado por Borowski. Pênalti. O mesmo Délio

cobra e converte. Avenida 2 a 1. Aí o jogo incendiou. O 14 todo em cima e seu adversário só se defendendo. Armando Rebecchi acerta o poste. Ubiratã chuta da entrada da área, a bola bate embaixo da trave e volta ao campo. Todos pedem gol. O árbitro não confirma. A tensão é violenta. As emoções do jogo representam um teste de eletrocardiograma em cardíacos. Aos 45 minutos, Zoca cobra um escanteio da esquerda. A bola viaja para a grande área, até encontrar o cabeceio forte, certo e decidido de Ubiratã para dentro do gol. 2 a 2. Todos que estavam no banco de reservas entram campo adentro. Os jogadores do 14 correm alucinados para todos os lados. Os torcedores não querem mais saber do jogo principal. Os jogadores do Avenida se olham, querendo saber em quem pôr a culpa. O árbitro Dom Ricardo Alberto Silva, argentino, encerra a partida. Agora a prorrogação.

O ritmo da prorrogação é o mesmo. O 14 pressiona, perde seis oportunidades de gols. Oacy, o herói, faz quatro “milagres”, e salva seu time, não somente da derrota, mas de uma goleada. Os torcedores enlouquecidos não sabem mais o que fazer para ajudar o 14 de Julho. Mas os 30 minutos complementares passam sem abertura no placar. Agora eram os pênaltis.

O técnico Egydio olha para seus jogadores estirados no gramado, extenuados, e pede a Verardi fazer as cobranças. Na época somente um jogador cobrava os pênaltis, e de maneira contínua. Verardi balança a cabeça negativamente. Não agüenta ficar em pé. Na realidade ninguém tinha condições físicas, nem emocionais para as cobranças. Délio, que batera um durante a partida, assume a responsabilidade, a pedido do técnico e do presidente Oswaldo Rodrigues de Lara. Evaldo do Avenida, também cansado, vai bater. Converteu o primeiro no canto esquerdo. O segundo bateu mal e Nelcy defendeu. O terceiro, a bola foi para fora. Converteu o quarto e o quinto. 3 a 0. Délio se prepara e a expectativa é geral. Há um silêncio de velório no estádio. Délio corre para a bola, chuta e converte. Explosão de alegria. No segundo, a bola vai para fora, com o goleiro se jogando para o outro lado. Terceiro pênalti e gol. Mais um para empatar. Mas o Avenida tinha Oacy debaixo dos paus. Ele fez duas defesas magníficas e leva seu time às finais. Frustração e tristeza colorada. A torcida

aplaude e entende a derrota naquelas circunstâncias. Os gladiadores da dramática batalha estavam de qualquer forma consagrados.

No dia seguinte, a viagem de volta. Todos cabisbaixos. Já era noite quando o ônibus da delegação passava pela cidade de Marau. Desde ali, centenas de carros, no trajeto até Passo Fundo, esperavam os heróis. O ônibus foi direto para firma Bernardon, onde haveria uma recepção pela memorável campanha, oferecida pelo Sr. Mabílio Bernardon, quatorzeano roxo. Assim que o ônibus parou, foi emocionante e comovente ver alguns jogadores saírem a pé, correndo pela Av. Presidente Vargas, pois não se achavam dignos de homenagens. Esse era o verdadeiro amor à camiseta. Verardi, em seu depoimento, diz que sofreu a maior injustiça em sua carreira, e após aquele jogo a encerrou definitivamente.

14 de Julho – Nelcy, Piranha, Osvaldo, Paulinho e Chita; Délio e Ubiratã; Tuta, Verardi, Armando Rebecchi e Zoca.

Avenida – Oacy, Sady (Santa Maria), Borowski, Pedro Celso e Caneco; Aduino e Camanga; Luiz Carlos, Betinho, Evaldo e Ernani.

Árbitro – Dom Ricardo Alberto Silva.

Gaúcho x Palmeiras

Aquele domingo, 14 de fevereiro de 1965, amanheceu com sol, e isso era prenúncio de uma grande festa. Afinal, estariam em Passo Fundo jogadores de futebol campeões do mundo, como Djalma Santos e Zequinha, além de craques como Ademir da Guia, Servílio, Valdir, Djalma Dias, Tupãzinho e outros. Era a Sociedade Esportiva Palmeiras que estava pisando em solo passo-fundense, e isto era um acontecimento.

O Palmeiras estava no Rio Grande do Sul realizando amistosos de pré-temporada. Já havia jogado contra o Internacional de Porto Alegre e o Grêmio de Bagé. Num lance de ousadia, o presidente Centenário Índio do Amaral, no dia 8 de fevereiro, rumou a Porto Alegre e contratou a partida entre os dois alviverdes para o domingo seguinte.

O campeão paulista chegou a Passo Fundo, num avião da Varig, especialmente fretado pelo Gaúcho, aproximadamente às 10 horas e 45 minutos. Um cortejo de automóveis, ônibus e caminhões acompanhou a delegação palmeirense do Aeroporto Lauro Kortz, pela Av. Brasil, até o Turis Hotel, onde ficaram hospedados. Ao longo do trajeto, centenas de pessoas acenavam para os jogadores. Na portaria do hotel, completamente lotada, os craques davam entrevistas às emissoras de rádio e autógrafos aos torcedores. Passo Fundo estava visivelmente emocionado ao recepcionar aqueles “deuses” do futebol.

Na primeira hora da tarde, abriram-se os portões do Estádio Wolmar Salton. Em menos de uma hora, já estava lotado. Entre os espectadores que pagaram ingresso estavam os Srs. José Paulo Viero, Pedro Rosa e Ary Freitag. Sem que os torcedores pudessem perceber, havia um verdadeiro alvoroço nos bastidores. Dirigentes do clube e da liga haviam se esquecido de solicitar arbitragem. Começa o corre-corre, e aqueles três senhores que eram árbitros da Liga, e que comodamente assistiriam à partida, foram chamados para comandarem o espetáculo. O presidente da Liga, Eduardo Barreiro, arrumou uniforme para os dois

auxiliares, Pedro Rosa (Gradin) e Ary Freitag. O jornalista Meireles Duarte, em seu próprio automóvel, levou José Paulo Viero para casa buscar o seu. Coincidentemente, segundo depoimento do próprio, era um uniforme novo.

O Gaúcho entra em campo todo de branco, para que o Palmeiras pudesse desfilar com seu tradicional verde. Passando das 16 horas e 30 minutos, José Paulo Viero trila o apito, começando a partida, e todos puderam assistir uma exibição de luxo. Logo aos 6 minutos, a superioridade paulista começava a se estampar. Djalma Santos tocou pela meia-direita a Servílio. Esse de primeira, de fora da área, bate em gol. A bola resvala em Amâncio e engana Nadir. Palmeiras 1 a 0. Todo o estádio previu uma goleada. O Gaúcho, tímido de início, logo percebeu que nada tinha a perder e, de modo atrevido, começou a perigar a meta de Valdir. A partida era muito boa, porém aconteceram dois fatos curiosos e inusitados. Ambos no primeiro tempo. O primeiro foi quando Gildo cobrou um escanteio, no lado direito da goleira dos fundos. O técnico Nelson Filpo Nunez não admitia, em hipótese alguma, que jogador seu errasse cobranças de escanteio. Gildo há três anos sendo treinado por ele, nunca havia perdido um. Pois foi aqui em Passo Fundo que Gildo jogou a bola por trás do gol. Olhou para o banco e viu a reprovação do severo treinador.

O segundo foi ainda mais incrível. O grande Djalma Santos, além da qualidade técnica que possuía, tinha outra característica: sua cobrança de arremesso lateral era perfeita. Jogava a bola a uma longa distância, como se fosse com o pé. Naquele jogo, Djalma foi mostrar a sua habilidade, e Viero mandou reverter a cobrança, como mal feita. Nenhum árbitro, no mundo todo, havia feito isso. Aqui, em Passo Fundo, aconteceu. Mais tarde, em entrevista a Jarbas Sampaio Correa, Djalma Santos admitiu que impulsionava a bola com apenas uma das mãos para ela ganhar mais força. E parabenizou o árbitro passo-fundense que foi o primeiro e único a perceber a irregularidade.

Aos 30 minutos, Newton Queiróz faz um lançamento de 40 metros em direção a Antoninho. Djalma Santos, com sua habitual categoria, chega no atalho e manda para escanteio. Meca cobra para trás, encontrando

Machado, que bate forte em direção ao gol. Entre Djalma Dias e Valdemar Carabina surge Antoninho, que encosta o pé na bola desviando-a para dentro do gol. 1 a 1. Delírio geral da torcida do Gaúcho.

No período final, prevalecendo sua hierarquia técnica, Ademir da Guia triangula com Tupãzinho e Caravetti. A bola sobra pra Servílio, que bate, com efeito, em curva, tirando a bola do alcance de Nadir. Palmeiras 2 a 1. Doze minutos depois, Caravetti, sem ângulo, chuta com força, de esquerda, encobrindo o goleiro. Palmeiras 3 a 1. O time paulista faz várias modificações, o que torna o jogo menos atraente. Quase no final, Antoninho recebe livre na frente de Valdir e se atrapalha, chutando o chão, perdendo excelente oportunidade de descontar. Termina a partida, todos ganharam. Foi um domingo inesquecível. Sol brilhante. Estádio lotado. Futebol magnífico. A partir desse jogo, Passo Fundo entraria na área do verdadeiro profissionalismo.

Gaúcho – Nadir, Machado, Amâncio, Maneca e Vadecão (Alvin); Adair e Newton Queiróz; Meca (Moreninho), Olavo, Gitinha e Antoninho.

Palmeiras – Valdir (Silvio), Djalma Santos (Nelson), Djalma Dias, Valdemar Carabina (Santo) e Ferrari; Zequinha (Julio Amaral) e Ademir da Guia; Gildo, Servílio, Tupanzinho (Ademar Pantera) e Caravetti.

Arbitragem – João Paulo Viero, auxiliado por Ary Freitag e Pedro Rosa.

Gaúcho x Uruguaiana

Em 1965, o Gaúcho, campeão regional, venceu o Tamoio de Santo Ângelo e o São José de Porto Alegre, perdendo a final para o Riograndense de Rio Grande, uma partida dramática, nos pênaltis.

Já estávamos em 1966 e o Gaúcho era bi-campeão regional. Pelo certame estadual, coincidentemente, teve pela frente o Tamoio e o São José. Ambos foram batidos inapelavelmente. O adversário final era o Uruguaiana, time desconhecido, mas bem credenciado, pois na fase anterior vencera o Internacional de Santa Maria.

O primeiro jogo, em Uruguaiana, foi marcado para o dia 8 de dezembro, um domingo. Na quinta-feira anterior, o alvi-verde tinha jogado em Passo Fundo contra o São José uma partida com prorrogação. A longa viagem começou na sexta-feira, abaixo de uma chuva torrencial. Chegou à fronteira no sábado, para jogar no domingo. A temperatura na hora do jogo marcava mais de 40 graus à sombra. O desgaste foi terrível. Os jogadores passaram o tempo todo segurando gelo para passarem na nuca e nos pulsos. O árbitro Flávio Cavedini sentiu-se mal ainda no primeiro tempo e teve de ser medicado. O Dr. Elton Ventura, médico alvi-verde, desmaiou. No final, vitória da casa por 1 a 0, gol de Caio, aos 40 minutos do segundo tempo.

Agora era em Passo Fundo. O time visitante ficou concentrado na cidade de Marau, alegando falta de segurança para seus atletas. Chegara o dia 18 de dezembro, domingo, carregado de nuvens negras que prenunciavam chuva. E ela veio. Choveu demais, mas a “Montanha” estava lotada de ensandecidos torcedores, que pulavam, gritavam e clamavam pelos seus ídolos. O clima era mesmo de decisão. Às 16 horas e 30 minutos, o árbitro deu início ao jogo. O nervosismo fora de campo era intenso. Ninguém conseguia parar. Aos 13 minutos, Arthur tabela com Honorato, que, no lado esquerdo, quase sem ângulo, bate em diagonal, rasteira. A bola, antes de ultrapassar a linha fatal, ganha mais um impulso, o pé esquerdo de Antoninho, que confirma o gol. Gaúcho 1 a 0. Enlouqueceu a

torcida. Abraçavam-se os jogadores com os dirigentes. O gol tinha surgido cedo, o que daria mais tranqüilidade dentro de campo. O time visitante tentou esboçar uma reação, mas parou na muralha defensiva, composta por Nadir, Amâncio e Daizon Pontes. Os ataques se sucediam em velocidade, através de Meca e Arthur, este o melhor em campo. Foi Arthur que fez tremer o poste de Bagatini, e Raul perdeu um gol feito. O primeiro tempo encerrou com o Gaúcho merecendo um resultado mais dilatado.

Começa a etapa final e logo aos 2 minutos Arthur dribla dois adversários e serve Raul, que de primeira fuzila Bagatini. Gaúcho 2 a 0. Estava tudo dando certo e o massacre continuava. Aos 18 minutos, novamente Arthur lança a Antoninho, que bate cruzado, a bola choca-se contra a trave e entra. Gaúcho 3 a 0. Aí o Uruguaiana não quis mais jogo. Com o campo pesado, o time fronteiriço passou a se poupar para a prorrogação. No regulamento da competição não valia saldo de gols. O Gaúcho, por sua vez, também parou, pois a vitória estava assegurada. Começou, então, a tocar a bola e fazer o tempo passar. Aí o árbitro Flávio Cavedini entendeu que o Gaúcho estava tentando desmoralizar o adversário, chamou o capitão Maneca e disse: “o jogador que tocar a bola para trás, eu expulso”. Não adiantaram os argumentos dos atletas, que alegavam não estar desrespeitando o adversário, mas, sim, se poupando. Tendo que jogar para a frente, o Gaúcho marcou mais dois gols. Dois golaços de Arthur e Honorato. O tempo regulamentar terminava com estronda goleada de 5 a 0 para o Gaúcho.

Entre os torcedores havia um clima de festa e ansiedade. Muitos comemoravam a certeza de mais um gol. Outros, mais céticos, achavam que os gols haviam se esgotado. Como ninguém no estádio era vidente, a expectativa era apenas esperar a bola rolar. Rodolfo Ghizzoni, técnico uruguaianense, determinou que seu time avançasse desde o início da prorrogação. Isso ocorreu, e os visitantes deram um sufoco intenso na defesa alvi-verde. Após uma série de escanteios consecutivos, Abeguar perde o gol mais claro da partida. Com esse lance, uma voz ecoou no estádio. Vinha da casamata molhada do Gaúcho. Era o diretor de futebol, Flávio Araújo, que gritava: “Gitinha, avance a marcação do meio de campo”.

O recado surtiu efeito, e o periquito voltou a dominar as ações. Aos 14 minutos do primeiro tempo, numa troca de passes entre Arthur, Honorato e Raul, este serviu, dentro da área, Antoninho. O ponteiro, quase caindo, bate com força. A bola entra como um foguete para dentro do gol de Bagatini. A explosão de alegria tomou conta da cidade. O que se diria no estádio! É indescritível a emoção que contagiou a todos.

No segundo tempo da prorrogação, os dirigentes do Gaúcho abriram o portão que dava acesso ao campo, e deixaram entrar os torcedores para intimidar o adversário. Mas o Uruguaiana era valente e, aos 10 minutos, numa falha coletiva da defesa, Décio entra livre na área pequena, o goleiro tenta fechar o ângulo, e ele apenas desvia do desesperado Nadir. A bola mansamente toma a direção da linha de fundo. Seus companheiros perdem a esperança. Aos 15 minutos, Gitinha consegue acertar o travessão. Mais tensão. Mais sofrimento. Mais desespero. Com dois minutos de acréscimo, o árbitro encerra a partida.

O campo é invadido. Todos estão atônitos com a vitória e a consagração. Nenhum jogador consegue articular palavras conexas às emissoras de rádio. Começou um carnaval, fora de época, nunca visto na cidade. Foguetório se mistura a gritos e lágrimas de felicidade. As piscinas do clube são tomadas por torcedores que entram com roupa e tudo para dentro d'água. O médico Dr. Elton Ventura tem muito trabalho depois do jogo para atender torcedores ilustres que passavam mal, como os Srs. Delmidio Ferreira, Mayno Nobre, Emílio Bonissoni, Wolmar e Nilo Salton. Antigos jogadores, como o velho Zica, estavam nos braços de torcedores anônimos. Foi a maior festa do futebol que a cidade já presenciou. No dia 18 de dezembro de 1966, pela primeira vez, um clube de futebol da região era promovido à divisão especial.

Gaúcho – Nadir Machado, Amâncio, Daizon Pontes e Maneca; Honorato e Gitinha; Meca, Raul, Arthur e Antoninho.

Uruguaiana – Bagatini, Vera, Bonfiglio, Vizoreck e Valmor; Pare e Gonzaga; Barzoni, Décio, Abeguar e Caio.

Árbitro – Flávio Cavedini.

Gaúcho x Grêmio

Para o campeonato de 1976, o Gaúcho montou um bom time, cuja base vinha do ano anterior. Era bem dirigido pelo técnico Adair Lopes Bica. Mas, por “essas coisas do futebol”, a campanha era fraca, com derrotas em casa e rendimento insatisfatório desde o início do certame. Naquela tarde fria, de sol tímido, do dia 27 de junho, o visitante era o Grêmio Porto-Alegrense.

O tricolor vinha bem no campeonato, havia montado um forte esquadrão para tentar quebrar a hegemonia colorada. Para tanto, fez contratações de peso, como os argentinos Cejas e Ortiz, o ex-palmeirense Eurico e o goleador do nordeste, Alcino.

Ao anunciar a escalação do Gaúcho, pouco antes do jogo, Adair surpreendeu a todos, colocando Marianinho, um meia-esquerda reserva, na ponta-direita. A alegação era que assim seria evitada uma jogada forte do adversário. Os avanços do lateral Bolívar pela esquerda.

A partida foi cercada de grande expectativa e muita divulgação na imprensa local e de Porto Alegre. Todos falavam no emissário do Internacional, que teria oferecido 25 mil cruzeiros a cada jogador do Gaúcho como prêmio pela vitória ou mesmo empate.

O gramado estava escorregadio em razão das fortes chuvas que caíram no dia anterior. Isto não invalidou a partida, umas das mais espetaculares, dramáticas e injustas que se viu em nossa cidade. Logo aos 30 segundos, já se teve uma idéia do que seria o jogo. Bebeto recebeu um passe de Roberto, entrou na área, driblou Cejas e tocou para o gol. Antes da risca, apareceu o pé salvador de Anqueta, colocando a bola para escanteio. O tempo passava, e o Gaúcho melhor em campo. Roberto fazia um partidaço, anulando o sistema intermediário armado pelo técnico gremista Paulo Lumumba. O tricolor não conseguia jogar em razão da disposição tática, pela garra do Gaúcho e pelo gramado em más condições.

O período inicial terminou em 0 a 0, injusto para os donos da casa, que perderam pelo menos três chances de gols.

No primeiro ataque gremista da segunda etapa, Betinho faz falta em Yúra pela meia esquerda. Bolívar cobra alto, mandando a bola para a área. Ronaldo soqueia mal, nos pés de Ancheta, que bate com a canela, indo a bola mansamente para as redes. Grêmio 1 a 0. O Gaúcho continuava melhor e pressionava. Aos 10 minutos, Bebeto e Roberto envolveram a defesa gremista numa tabelinha. Bebeto viu Pedro melhor colocado, pela meia esquerda, passando-lhe a bola. Pedro entra na área, finta Cejas e, com o gol vazio, empurra a bola para a rede. 1 a 1. A partida estava carregada de emoções. O alviverde mandando no jogo, mas sem se descuidar do jogo aéreo, uma das armas do adversário, com Alcino e Neca. O Gaúcho atacava em direção à goleira, que ficava à direita do pavilhão social, e foi naquele lado que surgiu um gol antológico. Pedro carrega a bola pelo lado esquerdo, dribla Luiz Carlos e Yúra. Quando chega Eurico, Pedro passa para Roberto que vinha sozinho pelo meio. Roberto, a poucos metros da entrada da área, arrisca o chute. A bola bate nas costas de Ancheta e sobe. Ao descer, lá estava Bebeto, com o corpo enquadrado para chutar. E foi o que fez. Sem deixar cair, Bebeto enfiou o pé esquerdo na bola, mandando no ângulo de Cejas, que atônito dizia a seus companheiros: “Ni vi, Ni vi”. Um gol de concurso. Um gol para ser reprisado pela televisão em todos os programas esportivos, pelo resto dos dias. Gaúcho 2 a 1. Eram 38 minutos do segundo tempo. O jogo estava praticamente ganho e o dinheiro do Internacional quase no bolso dos jogadores.

Mas os “deuses da bola”, não só naquela tarde, mas em todo o campeonato, não estavam de bem com o time do Boqueirão. Quatro minutos mais tarde, escanteio para o Grêmio. Tarciso levanta para a área e Mário Tito rebate de cabeça. A bola sobra para Eurico que de pé direito manda ao gol. 2 a 2. A torcida tricolor, postada nas gerais, vibra intensamente. Os jogadores do Gaúcho se olham e Roberto grita ao banco de reservas: “quanto falta?”. Faltavam três minutos. Eles formam um círculo na entrada da área e alguém fala: “pelo amor de Deus. Vamos pegar juntos. Eles não podem ganhar”. O apelo é carregado de angústia. O alviverde se fechou,

pois o empate era bom. O Grêmio vai para cima. Aos 44 minutos, Serginho faz falta em Eurico, impedindo seu avanço, no meio de campo. O próprio lateral alça a bola para a área. Alcino está cercado por Mário Tito na frente e Gringo atrás. A bola vem em sua direção, na entrada da pequena área. Ronaldo, numa tarde extremamente infeliz, ele que era um bom goleiro, não sai para interceptar a bola. Ela encontra a cabeça de Alcino que dá um leve toque. O goleiro apenas coloca as mãos para trás num gesto de reflexo para tentar salvar. Em vão. A bola beija a rede. Grêmio 3 a 2. O desespero toma conta dos incrédulos jogadores de camisas verdes. Alguns se atiram no chão. A bola sai do centro e termina a partida. Os jogadores gremistas tentam consolar os da casa, dizendo que eles não mereciam a derrota.

No vestiário, jogadores como Pedro e Betinho choravam. Alguns culpavam o infeliz goleiro. Os torcedores saíram em silêncio. Uma das maiores injustiças foi escrita nos anais da história do futebol de Passo Fundo.

Gaúcho – Ronaldo, Betinho, Mário Tito, Gringo e Maurílio; Jair, Roberto e Serginho; Marianinho, Pedro e Bebeto.

Grêmio – Cejas, Eurico, Ancheta, Beto Fuscão e Bolívar; Jerônimo, Yúra e Neca; Chico Spina (Tarciso), Alcino e Ortiz (Luiz Carlos).

Árbitro – Luiz Zetermann Torres, auxiliado por Erich Fuchs e Irandi Paiva.

Capítulo III

JOGADORES E TÉCNICOS

Passo Fundo, ao longo de sua história futebolística, produziu jogadores de excelentes qualidades. Oriundos das categorias de base dos clubes, dos campos da várzea e dos colégios. Mas a realidade mostra que a grande maioria das estrelas que aqui brilharam vieram de fora da cidade.

Em relação aos técnicos, sua figura era praticamente inexistente, antes do futebol atingir o estágio do profissionalismo. O normal era algum dirigente ou mesmo um jogador mais experiente escalar o time. Dentro de campo, cada um fazia sua parte. Com o advento do regime profissional, os técnicos começaram a aparecer e sua função se destacou. No futebol de hoje, sua importância é altamente relevante para a condução de seus comandados, taticamente, dentro de campo.

Muitos jogadores tiveram passagem curta pelos nossos clubes. Alguns até mesmo meteórica. Entre eles, verdadeiros craques, como OSVALDO BRANDÃO, que chegou ao Gaúcho em 1939, mas jogou poucas partidas. Mais tarde brilhou no Internacional e Palmeiras. Após, tornou-se técnico, chegando a Seleção Brasileira. MIJUCA, ponteiro-esquerdo que veio para o Gaúcho em 1939, do Cruzeiro de Porto Alegre, jogou poucas vezes. PACHECO, meia-esquerda uruguaio, veio do Peñarol para o Gaúcho, em 1939. Em seguida se transferiu para o Santos. BENITO GONZALES, goleiro uruguaio, defendeu o Gaúcho na década de 40, vindo do Juventude de Caxias do Sul. GAFANHA, ponteiro direito, franzino e habilidoso. Estudante do IE, veio do Giruá, e jogou no 14 de Julho. MARGARIDA jogou pelo Gaúcho em 1945, vindo do Juventude de Caxias, foi um meia-esquerda de enorme habilidade. LABARTHE, atacante que veio do Grêmio Bagé para o Gaúcho. Era goleador. POUCA-ROUPA, centro-médio de muita habilidade. Esteve no 14 de Julho em 1945, depois jogou no Veterano. PADILHA, atacante, vindo de Palmeiras das Missões para estudar. Jogou pouco tempo no 14 de Julho e Gaúcho. DOM PEDRITO, ponteiro-direito espetacular, veio de Santa Maria, onde defendeu o Inter e o Riograndense, para o Gaúcho, em 1949. Fez sucesso formando a ala direita

com Libinho, jogou na Portuguesa de Desportos. MARIMBA esteve no 14 de Julho em 1952, vindo do Atlântico. Um estupendo jogador, que, em 1948, jogou no Grêmio, formando ataque com AGAPITO, que também esteve no 14 de Julho em 1952. PREGO, atacante, jogou no Gaúcho em 1946. Daqui foi para o Grêmio, que tinha um ataque formado por Bentevi, Massinha, Prego, Segura e Gaitero. Teve rápida passagem pelo 14 de Julho em 1949. BRUXO, atacante goleador, esteve no 14 de Julho em 1953, vindo do Renner. BRUNO CAMOZZATO, jogador de Passo Fundo. Saiu dos juvenis do Independente para o Cruzeiro de Porto Alegre, posteriormente Palmeiras, Internacional e Grêmio. Centromédio, dono de técnica apurada. EDSON, zagueiro vindo de Chapecó para o Atlético, em 1950. Esteve no Gaúcho, 14 de Julho e Independente. Habilidade e excelente cabeceador. PAULINHO, goleiro que jogou no Gaúcho em 1960, vindo do Floriano. Defendeu a Seleção Brasileira, representada pelos gaúchos, em 1956. MONTEZZANA, atacante, goleador e raçudo. Jogou no Guarany de Bagé e Cruzeiro de Porto Alegre antes de vir para o Gaúcho, no início da década de 60. PAULINHO, zagueiro do 14 de Julho, oriundo do Juventude de Caxias. Jogou no Ypiranga. LINDOMAR, centromédio, formou com Santarém um grande meio-campo no 14 de Julho, em 1965. Em seguida foi pra o Ypiranga, e dali para o Novo Hamburgo. LIMINHA, ponta esquerda hábil e veloz. Antes de jogar no Gaúcho, atuou no Inter e Riograndense de Santa Maria. Do alvi-verde foi para o 14 de Julho, posteriormente para o Juventude. GIGANTE, goleiro que defendeu o Gaúcho em 1967, vindo do Brasil de Pelotas. Depois jogou no Juventude. ABILIO, atacante que o 14 de Julho trouxe do Guarany de Bagé em 1968. Goleador jogou no Grêmio, Palmeiras, Náutico e Clube de Ouro do México, além de outros. PICÃO veio, na mesma ocasião que Abilio, para o 14 de Julho. Jogou no Guarany de Bagé, Cruzeiro de Porto Alegre, Dornbirn da Áustria e Liverpool de Montevidéo. ADILSON, ponta esquerda que veio para o Gaúcho do Corinthians Paulista. Um fenômeno com a bola nos pés. Teve problemas de saúde e voltou a São Paulo. ZANGÃO, lateral direito titular por muitos anos no Internacional. Chegou para o 14 de Julho em 1965, já veterano. VADI, armador que jogou no 14 de Julho em 1969 e 1970, após atuou pelo Cruzeiro, São Luiz e São Paulo de Rio Grande, entre outros. MARCIANO,

centroavante jogou no Gaúcho no início da década de 70. Goleador, foi um cigano no futebol. Atuou, entre outros, no Internacional, Flamengo, Náutico, Ceará, Fortaleza e Bahia. ZANGÃO, meia-armador habilidosíssimo. Veio para o Gaúcho dos juvenis do internacional em 1968. Também defendeu o 14 de Julho. PEDRADA, centroavante que esteve no 14 de Julho em 1971, saído dos juvenis do Grêmio. Autor do gol histórico da primeira vitória sobre o Internacional. ESCURINHO, o mesmo que foi bi-campeão brasileiro pelo Internacional, esteve no Gaúcho em 1971. DIDI DUARTE veio de Canoas para o 14 de Julho, pelas mãos do técnico Machado. Armador de boas qualidades jogou ainda no Atlético Paranaense, América de Natal e Náutico. TADEU BAURÚ, meia-direita, esteve no Gaúcho em 1971. Depois jogou no Internacional e Atlético Paranaense. PICASSO, goleiro gaúcho. Começou no Cruzeiro, tendo passado por São Paulo, Palmeiras, Juventus, Grêmio, Bahia e Seleção Brasileira. Já veterano, defendeu o 14 de Julho em 1977. JAIME BONI, lateral direito de grandes recursos técnicos, passou pelo Gaúcho em 1980. Jogou depois no Palmeiras e Santos. PICOLÉ, atacante que esteve no E. C. Passo Fundo em 1988. Antes atuou, na era Pelé, no Santos, Palmeiras e times mexicanos. BETO BACAMARTE, zagueiro que se destacou no Grêmio, jogou ainda no Flamengo, antes de defender o Gaúcho em 1980. MARCOS SILVEIRA, meia-direita fenomenal. Chegou ao Gaúcho em 1976, já em final de carreira. Saído do Brasil de Pelotas, esteve na Associação Caxias, Olaria do Rio de Janeiro e Nacional de Manaus. Defendeu a Seleção Gaúcha em 1968. CABRINHA, ponta esquerda veloz e driblador. Jogou no E. C. Passo Fundo em 1989, depois foi jogar em Portugal. JEFERSON, goleiro que veio de Soledade para o Gaúcho. Foi negociado com o Fluminense. Na seqüência defendeu o Sport Recife, e Criciúma. FABIANO saiu dos juniores do E. C. Passo Fundo para o Flamengo carioca. MARQUINHOS GABRIEL, revelado no Passo Fundo, passou pelo Internacional, Santos, Corinthians e clubes do exterior. SOUZA, meio campista, campeão brasileiro pelo São Paulo, jogou no Paris Saint German e no final da carreira defendeu o Passo Fundo.

Outros craques vieram defender as cores dos clubes locais, e aqui permaneceram em várias temporadas. Alguns começaram a jogar em

Passo Fundo e depois se destacaram em grandes clubes brasileiros. Nas próximas páginas, os dados biográficos de alguns dos principais jogadores e técnicos, em ordem alfabética.

ADAIR

Adair Lopes Bicca era um jogador de habilidade e força. Jogava tanto na lateral direita como de centromédio. Além da boa marcação, tinha nos lançamentos longos suas principais características. Começou no Olaria de São Gabriel, na categoria infantil. Como juvenil esteve no Guarany de Bagé, Cruzeiro e Grêmio de Porto Alegre. Profissionalmente jogou no Grêmio, Gaúcho, Newell's Old Boys, de Rosário da Argentina, Cachoeira, Esportivo e Encantando. Foi técnico do Gaúcho em 1976. Hoje é um dos orientadores das escolhinhas do Gaúcho.

ADÃO

Adão Pinto tinha um apelido estranho: Adão Galinha Morta. Este extraordinário ponteiro-direito, de dribles desconcertantes, veio de Porto Alegre, como soldado da Brigada Militar, para ser titular do Cruzeiro. Tinha grande habilidade com a bola e era preciso nos cruzamentos. Contam os que com ele conviveram, que sua vida particular era tão indisciplinada que seus superiores o detinham desde sexta-feira no cárcere do quartel, para que pudesse jogar no domingo. Jogou também no Riograndense.

AITA

Clóvis Aita, meia-direita ou centroavante do Gaúcho no início da década de 40. Jogador de habilidade impressionante era goleador nato. Batia na bola com os dois pés com a mesma facilidade e tinha grande precisão nos arremessos. Jogou no Cruzeiro de Porto Alegre, e, na sua estréia, marcou cinco gols contra o Internacional. Jogou, também, no Riograndense e Veterano de Carazinho.

ALFREDO DELVAUX

Veio para Passo Fundo no início dos anos 20, craque de bola, jogando como centromédio ou meia-esquerda. Jogou, a partir de 1923, no S. C. Gaúcho. Era seu capitão-geral, como se chamava na época o líder do time. Jogou até 1928 no alviverde, formando um ataque arrasador, onde também se destacavam Javel e Culmann. Esteve jogando como titular no Flamengo do Rio de Janeiro. Tinha um irmão, Ernesto ou Pitch Delveaux, também um grande jogador.

ALÍPIO RODRIGUES

Técnico que dirigiu o 14 de Julho na década de 50. Um entendedor do futebol, no que se refere a táticas e esquemas de jogo, na prática, pois era absolutamente analfabeto. Foi campeão carioca a frente do Fluminense. Treinou também o Ypiranga, Atlântico, Veterano, Grêmio Santanense e clubes do interior de São Paulo.

ALTINO NASCIMENTO

Ex-jogador do Grêmio Porto-Alegrense que veio para o Gaúcho em 1964. Já no ano seguinte, começou a carreira de treinador. Treinou principalmente o Gaúcho, em diversas oportunidades, como técnico efetivo, temporário ou tampão. Dirigiu também Ypiranga e o 14 de Julho. Acumulou as funções de supervisor e preparador físico do alviverde. Foi um técnico que privilegiava o esquema tático de jogo, sendo um bom observador do time adversário. Como jogador, recebeu o prêmio Belford Duarte, como atleta disciplinado.

AMÂNCIO

Amâncio Fróes Silveira, zagueiro central, veio do Aimoré de São Leopoldo para o Gaúcho em 1960. Jogou no alviverde até o final de 1967, transferindo-se para o 14 de Julho no ano seguinte. Encerrou a carreira jogando pelo colorado. Jogador técnico e de bom domínio de bola, era competente no jogo aéreo.

ARTHUR

Arthur Andrade de Moraes veio para o Gaúcho em 1966, do Flamengo de Caxias. Um meia-direita de habilidade deslumbrante. Tinha uma jogada característica: aplicava um “lençol” no adversário, levantando a bola de calcanhar, por trás do próprio corpo. Fez vários gols desta forma. Carregava a bola escondida e, seus pés, em velocidade, dando a seus companheiros passes milimétricos. Jogou com a mesma categoria no 14 de Julho e no Atlântico.

BARÃO

Alcindo Carlos Weimann, conhecido por Barão, também era músico. Como jogador, começou no Riograndense em 1938, passando após para o 14 de Julho. Jogou no Tabajara de Getúlio Vargas e no Independente. Em 1947, foi para o Gaúcho, ficando até encerrar a carreira. Zagueiro de estilo clássico era firme e objetivo. Saía jogando com muita facilidade, e é seguramente um dos melhores zagueiros da história do futebol de Passo Fundo.

BEBETO

Alberto Vilasboas dos Reis, o Bebeto, veio do Pampeiro de Soledade para o 14 de Julho, em 1966. No ano seguinte foi para o Gaúcho, clube que defendeu várias vezes, e que o consagrou. Jogou também no

Internacional de Porto Alegre, duas vezes, Ser Caxias, duas vezes, Grêmio Porto-Alegrense, Internacional de Santa Maria, Toledo, Corinthians Paulista, Juventus de São Paulo, América carioca e Bahia. Bebeto é o maior artilheiro da história do futebol de Passo Fundo, e um dos maiores do Rio Grande do Sul. Goleador do gauchão em 1973 e 1975, pelo Gaúcho. Quinto maior goleador do campeonato brasileiro de 1976, jogando pelo Caxias. Foi um grande artilheiro por onde passou. Apelidado de “Canhão da Serra”, pela potência de seu chute, tinha enorme precisão nos arremessos e um excelente senso de colocação e oportunismo. Depois de parar de jogar, começou a carreira de treinador, com muita competência. Dirigiu o São Luiz de Ijuí, Internacional de Santa Maria, E. C. Passo Fundo, Gaúcho, Guarany de Bagé, Pelotas, Novo Hamburgo, Brasil de Farroupilha, Tubarão de Santa Catarina e outros.

BRANCO

Luiz Wilson Ughini jogava com o apelido de Branco. Começou na várzea, jogando pelo América. Esteve, em 1954, no Independente com curta passagem, transferindo-se em seguida para o Gaúcho. Jogou, de 1954 a 1964, apenas no alviverde como centromédio ou quarto zagueiro. Jogava um futebol fino, elegante, de extrema categoria. Tratava a bola com rara intimidade, e era um atleta disciplinado. Nunca foi expulso em sua carreira. Mesmo no período profissional, jogava apenas por prazer, sem receber nada como compensação financeira.

BRASILEIRO

Brasileiro Trindade começou jogando no 14 de Julho em 1922, transferindo-se para o Gaúcho em 1925. Com o licenciamento do alviverde, em 1928, voltou ao 14 de Julho. Com a reorganização do Gaúcho em 1937, Brasileiro passou a defender suas cores, até encerrar a carreira, em 1942. Era um ponteiro-direito veloz e habilidoso. Batia bem ao gol, mérito que o

tornou artilheiro. Teve dois irmãos futebolistas: Brasil e Basileu, este conhecido por Tico Trindade.

CAÍCO

Carlos Bairon Marques jogava apenas por prazer. De porte físico pequeno, era um driblador infernal e muito habilidoso. Embora seu chute não fosse potente, marcava muitos gols. Começou no Atlético, transferindo-se depois pra o Gaúcho. Mas foi no 14 de Julho que teve seus melhores momentos, tendo jogado até 1963. Foi dele o gol que deu o título ao 14 de Julho de campeão do Centenário de Passo Fundo. Encerrou sua carreira ainda jovem.

CAPITÃO COTRIN

O Capitão do Exército, Carlos Frederico Cotrin Rodrigues Pereira Neto, foi técnico do Gaúcho em 1943. Depois foi para São Paulo, onde foi treinador do Corinthians e outros clubes. Era jornalista e ator de cinema, onde atendia pelo nome de Carlos Cotrin. Na televisão, foi o conhecido Capitão Atlas, antigo seriado, quando usava o nome de Cotrin Neto.

CÉLIO

Célio Ferreira Barbosa foi um misto de craque e músico saxofonista. Era um goleador nato. Talvez o maior da cidade, antes de Bebeto. Começou a carreira no Cruzeiro local. Com a extinção daquele clube transferiu-se para o Riograndense. Do Ferrinho foi para o Gaúcho, e posteriormente para o 14 de Julho. Jogou um ano pelo Independente. Extremamente oportunista, tinha um privilegiado senso de colocação, o que lhe valeu o apelido de “Pescador”. Ao encerrar a carreira de jogador, foi técnico e árbitro de futebol.

CHINA

Henrique Valmir da Conceição, o China, começou jogando nos juvenis do 14 de Julho, passando logo aos profissionais, mesmo sem ter alcançado idade para tanto. Foi emprestado à Chapecoense, posteriormente vendido ao Grêmio Porto-Alegrense. No tricolor alcançou as maiores glórias no futebol, como campeão da Libertadores da América e Mundial Inter-Clubes. Foi convocado para a Seleção Brasileira em 1974, pelo técnico Edu (irmão de Zico). Defendeu o Vasco da Gama, do Rio de Janeiro, antes de se transferir para Portugal, onde permaneceu várias temporadas. Ao voltar ao Brasil, defendeu o E. C. Passo Fundo. Centromédio de marcação era um jogador elegante. Sempre de cabeça erguida, embora seu forte não fosse a armação de jogadas. Hoje é técnico de futebol.

CHINÊS

José Campos de Lima era aluno do IE quando começou a jogar pelo Gaúcho. Em 1949, atuou contra o Internacional de Porto Alegre, chamando a atenção, pelo seu precioso futebol, dos dirigentes colorados. Foi a Porto Alegre, treinou alguns minutos, e foi alçado a titular do “Rolo Compressor”. Seu pai, que era gremista fanático, não o deixou vestir a camiseta do rival. Chinês voltou a Passo Fundo, e mais tarde se transferiu para o Grêmio, jogando com o nome de José. Defendeu ainda o 14 de Julho, o Ipiranga e o Veterano, entre outros. Meia-direita driblador e muito habilidoso, fazia o que queria com a bola. Um dos grandes craques de nossa história.

CLÁUDIO FREITAS

Cláudio Luiz Martha de Freitas, jogador de toque refinado, dribles, gingas, e uma malemolência ao andar ou correr, que lembram outro craque: Santarém. Filho de Alfeu, atacante do Internacional, e sobrinho de Kim e Alcindo, Cláudio tem o futebol no sangue. Começou nos juvenis do

Internacional. Veio para o Passo Fundo na época da fusão. Depois de uma disputa na justiça entre a dupla Gre-Nal pela posse de seu passe, acabou no Grêmio. Além de Passo Fundo e Grêmio, defendeu o Brusque, Goiás, Glória de Vacaria, Botafogo carioca e outros.

CULMANN

Julio Graeff Culmann foi um dos nossos primeiros craques. Chamado de “Menino de Ouro”, este ponta-esquerda tinha habilidade incomum, para a época. Muito veloz, marcava gols mesmo jogando na extremidade do campo. Jogou no Gaúcho de 1923 a 1928 e no 14 de Julho, onde ficou dois anos, encerrando a carreira em 1931.

DAIZON PONTES

Eleito, pela imprensa de Porto Alegre, como símbolo da virilidade, da rudeza e mesmo da violência do futebol gaúcho Daizon não era somente o que apregoam. Era dono da sua área, e bem verdade, e impunha respeito pelo seu tamanho e pelas declarações bombásticas que dava à imprensa. Daizon sabia jogar. Tinha boa técnica e excelente impulsão. O jogo aéreo era seu forte. Formou dupla de zaga com seu irmão João Pontes, que ficou famosa. Começou como amador do Pombal de Porto Alegre. Profissionalizou-se no Grêmio Santoangelense, jogando ainda pelo Elite, Cruzeiro, Flamengo, América do Rio de Janeiro e Pelotas. Esteve emprestado ao Gaúcho em 1960, mas voltou definitivamente em 1965. Em 1974, interrompeu a carreira, após agredir o árbitro José Luiz Barreto, pegando 18 meses de suspensão. Cumpriu um ano e foi anistiado do restante da pena. Voltou a jogar, no Guarany de Espumoso, encerrando no 14 de Julho.

DÉLIO

Délio Vianna de Oliveira começou a carreira no Riograndense em 1949. Depois se transferiu para o Nacional de Cruz Alta, posteriormente para o Nacional de Porto Alegre, Guarany de Cruz Alta, Gaúcho e 14 de Julho, quando encerrou a carreira em 1967. Começou jogando pela meia-esquerda e depois recuou para o meio-campo. Era muito veloz e se movimentava pelo campo todo. Bom marcador gostava de fazer lançamentos longos. Seus passes eram preciosos e de primeira, o que dava velocidade às jogadas.

EGYDIO REOLON

Quando estava servindo o exército, em Porto Alegre, jogava futebol, e era dirigido pelo técnico Oto Pedro Bumbel, que treinou grandes times, inclusive o Grêmio. Foi seu primeiro ensinamento. Como jogador, defendeu o Independente e o 14 de Julho, clube que o consagrou como treinador. Dirigiu os rubros em inúmeras oportunidades. Amigo dos jogadores procurava resolver os problemas de todos. Por outro lado, seus comandados lhe davam reciprocidade em campo. Foi o primeiro a trabalhar em dois turnos em clubes locais. Segundo afirma, gostava de “povoar” o meio-campo, pois é ali que se ganha os jogos. Foi também dirigente, supervisor e preparador físico do 14 de Julho.

ERNESTO GUEDES

Ernesto Rosa Guedes foi treinador do Gaúcho em duas oportunidades. Polêmico e irrequieto é um profundo conhecedor de futebol. Dirigiu e conquistou títulos em vários times grandes, como o Internacional, Grêmio, Botafogo, Santa Cruz de Recife, Náutico, Juventude de Caxias, Coritiba, além da Seleção de Honduras.

FELIPE

Felipe Reinaldo da Silva, atacante velocíssimo e oportunista. Foi revelado pelo Passo Fundo. No ano 2000 foi o artilheiro do gauchão com 13 gols. Mesmo não jogando as últimas cinco rodadas, pois havia sido negociado com o Vitória. Atuou também no Ituano, Figueirense, Caxias, América de Rio Preto, Joinville, RS Futebol de Alvorada e Ulbra. Voltou ao Passo Fundo, em 2005, e mais uma vez foi artilheiro do gauchão, com 10 gols marcados. Continuando a carreira atuou no Glória de Vacaria, retornou ao Passo Fundo, depois Náutico, Vicenza da Itália, Goiás, Atlético Goianense e América MG. Foi goleador do campeonato goiano, em 2009, com 16 gols marcados pelo Goiás.

GITINHA

Manoel Bonifácio Porciúncula Nunez era seu nome. Jogou pelo Brasil de Pelotas, 14 de Julho de Livramento, Guarany de Bagé, Pelotas, Flamengo de Caxias, Cruzeiro de Porto Alegre, antes de se transferir para o Grêmio. Originariamente meio-campista, atuou no tricolor como ponta-esquerda de recuo. Participou da excursão que o Grêmio fez pela Europa em 1961, jogando em 10 países diferentes. Já em final de carreira, veio, em 1965, para o Gaúcho. Em 1967, passou a treinador. Em 1968, foi surpreendido pelo convite do 14 de Julho para voltar a jogar. Convite aceito jogou mais um ano. Após passou a se dedicar exclusivamente a treinador. Excelente jogador, experiente, líder, foi um dos nomes mais expressivos do nosso futebol. Como técnico, tinha o poder de unir o elenco.

GRADIN

Pedro Rosa, o Gradin, foi um dos jogadores de maior longevidade nos gramados de nossa cidade. Começou a jogar em 1941, parando somente em 1960. Foram 19 anos como jogador. Iniciou na lateral esquerda, passando depois para centromédio ou ponta-esquerda. Deu seus primeiros

chutes na bola no Gaúcho. Passou em seguida para o 14 de Julho, onde permaneceu por longo tempo. Defendeu ainda o Atlântico, Lutador e Nacional de Porto Alegre, encerrando no 14 de Julho. Jogador disciplinado, habilidoso e técnico.

HEITOR MOURA

Lateral esquerdo de origem e centromédio numa emergência, Heitor começou jogando no 14 de Julho em 1940, ficando até o final de 1941. No ano seguinte, foi contratado pelo Grêmio. Titular absoluto no tricolor de 1942 a 1944, perdendo a posição com a chegada do uruguaio Sanghinetti. Heitor foi então para o Renner. Voltou, em 1949, para o Grêmio, quando foi convocado para a Seleção Gaúcha, formando linha média com Hugo e Ruarinho. Jogou contra a Seleção Brasileira antes da Copa de 50, no Estádio de São Januário, quando os gaúchos perderam por 6 a 4, tendo Heitor ótima atuação. Voltou a Passo Fundo, terminando a carreira no 14 de Julho. Aí começou a de técnico, justamente no 14 de Julho. Treinou também o Gaúcho. Foi um profissional de grandes conhecimentos.

IVO AGUIAR

Ivo Aguiar de Oliveira veio do Nacional de Cruz Alta para o Riograndense. Na sua estréia, o “ferrinho” venceu o Gaúcho, com Ivo marcando cinco gols. Honorino Malheiros, dirigente do alvi-verde e dono de Cartório, procurou o craque oferecendo-lhe emprego, pois Ivo era escrivão da Viação Férrea. Primeiro jogo de Ivo no Gaúcho. Vitória sobre o Riograndense com cinco gols dele. Era um jogador genial. Tinha um drible desconcertante, batia bem na bola e possuía incrível velocidade. Armava e concluía as jogadas com a mesma habilidade, além de ser bom cabeceador. Em 1941, foi para o Grêmio, onde formou um ataque com Sório, Ivo Aguiar, Malaquias, Foguinho e Ochotorena, ficando até 1944, quando o ataque tricolor tinha Bentevi, Bombachudo, Ramon Castro, Ivo Aguiar e Mário. Em 1945, teve seu passe adquirido pelo Internacional e seu “Rolo Compressor”.

Seu ataque arrasador tinha Tesourinha, Ivo Aguiar (que substituiu Russinho), Adãozinho, Rui e Carlitos. Foi convocado para a Seleção Gaúcha. Antecipando em muitos anos a moda atual, Ivo Aguiar jogava com chuteiras brancas.

JAIR

Jair dos Santos Pacheco começou jogando no Independente. Em 1975, quando Santarém assumiu a direção técnica alviverde, levou Jair consigo. Logo tornou-se titular, permanecendo no Gaúcho por 10 anos. Durante este período, foi emprestado para o Chapecoense e Novo Hamburgo. No auge de sua carreira, quase foi para o Grêmio, mas teve um acidente que impediu sua transferência. Já em final de carreira, defendeu o 14 de Julho e o Atlético de Carazinho. Foi um jogador de muito vigor físico e técnica. Marcava bem, sem ser desleal, e possuía excelente impulsão para o cabeceio.

JAMEGÃO

Uns dizem que foi igual a Pelé. Outros dizem que só Pelé foi melhor que ele. Mas todos que o viram jogar afirmam: “foi o melhor jogador de futebol que vimos, em campos de futebol, em nossas vidas”. Tudo o que se diz de Jamegão deixa perplexos aqueles que não o conheceram jogando bola. Jogava em todas as posições, inclusive goleiro. Tinha um domínio de bola que chegava à perfeição. Contam que, nos arremessos laterais, ele prendia a bola entre o dorso do pé e a canela e corria com ela sem deixar cair. Ou então, quando a bola vinha pelo alto, ele levantava o pé até a altura de seu peito e vinha com ela grudada até o chão. Nas cobranças de escanteio Jamegão, com quase dois metros de altura, encolhia o pescoço e “matava” a bola na cabeça. Aí, corria com ela para dentro do gol adversário. Foi um verdadeiro fenômeno. Chamava-se Orestes da Rosa Pastorini e nasceu em Bagé. No início dos anos 30, foi para Porto Alegre jogar no Internacional. Em 1934, mudou-se para o Grêmio, que tinha um time

sensacional, formado por Lara, Dario e Sardinha I; Jorge, Poroto e Sardinha II; Lacy, Russinho, Luiz Carvalho, Foguinho e Jamegão. Em 1936 veio para Passo Fundo, sentando praça na Brigada Militar. Passou a jogar pelo Cruzeiro local. Com a extinção deste, foi para o Gaúcho para formar um ataque esplêndido com Papagaio, Ivo Aguiar, Clóvis Aita, Jamegão e Micuim. Davam aulas de futebol. Do alviverde foi para o Riograndense, pois ganhara emprego na Viação Férrea. Em 1944, participou de outro ataque fabuloso: Adão Galinha Morta, Jamegão, Célio Barbosa, Marcondes e Polaco. Jogou no 14 de Julho e, já veterano, defendeu por poucas partidas o Ypiranga, o Atlântico e o 14 de Julho de Erechim. Depois transferiu-se para Santa Catarina, onde foi jogador e treinador do Joaçaba e Chapecó.

JAMIR

Jamir Geraldo da Silva, lateral esquerdo, do Corinthians Paulista, veio para o Gaúcho em 1967. Excelente jogador de bola. Habilidoso, era grande marcador, jogando elegantemente com a cabeça sempre erguida. Após ter sido protagonista de fatos nebulosos, antes de uma partida do Gaúcho contra o Grêmio, foi adquirido pelo tricolor. Ficou um ano em Porto Alegre, indo depois à Desportiva do Espírito Santo. Posteriormente foi para o interior de São Paulo.

JAVEL

Javel Morais Silveira começou no Gaúcho em 1923. Em 1929, foi para o Internacional pelas mãos do então dirigente Ildo Meneghetti. No ano seguinte, o presidente do Grêmio, Telêmaco Frazão de Lima, lhe ofereceu emprego no Banrisul e mais ajuda de custo de 350 mil réis. Foi para o tricolor, onde jogou num time formado por Lara, Dario e Sardinha; Macarrão, Poroto e Russo; Javel, Corô, Luiz Carvalho, Foguinho e Nenê. O emprego não saiu e, insatisfeito, Javel voltou ao Internacional. No primeiro Gre-Nal,

disputado no dia 15 de março de 1931 para a inauguração do Estádio dos Eucaliptos, foi a vingança do craque. Inter 3 Grêmio 0. Três gols de Javel em cima do lendário goleiro Lara. Um dos únicos a conseguir tal façanha. Jogou pelo Inter até 1934. Em 1935 foi para o Santos, retornando no ano seguinte para o São José, encerrando a carreira em 1942. Ponteiro veloz e driblador possuía um chute violentíssimo, o que o tornava goleador.

JOSÉ CARLOS KAERCHER

Técnico que veio do Santa Cruz para o alviverde. Tinha o apelido de Gaúcho. Levou seu time ao vice-campeonato da Copa Governador do Estado em 1975. Treinador disciplinador exigia muito de seus comandados, e era um estudioso do futebol.

KITA

João Leithardt Neto, o Kita, começou jogando como meia-direita nos juvenis do Gaúcho. Lá foi mal aproveitado e mudou de lado, indo para o 14 de Julho. Jogou quase dois anos no Vermelhão da Serra. Depois passou a peregrinar por vários clubes. Esteve no Criciúma, Brasil de Pelotas, onde foi escalado como centroavante, Juventude, Internacional, Internacional de Limeira, Flamengo, Grêmio, Portuguesa de Desportos, Atlético Paranaense, Figueirense, Guarany de Garibaldi, e, finalmente, encerrando a carreira no E. C. Passo Fundo. Artilheiro do campeonato gaúcho, em 1983, pelo Juventude. Artilheiro do campeonato paulista em 1986. Foi convocado para defender a Seleção Brasileira, que disputou as olimpíadas de Los Angeles, em 1984, ganhando a medalha de prata. Foi um grande goleador. Excelente no cabeceio, ótima colocação dentro da área e oportunismo, foram suas principais virtudes no futebol.

LEIVINHA

Valdir Scarsi ganhou o apelido em razão dos cabelos loiros, parecidos com o jogador da Portuguesa. Começou no juvenil do 14 de Julho, defendendo, na mesma categoria, Grêmio e Internacional. Profissionalizou-se no Gaúcho em 1970. Jogou ainda pelo São Luiz, Guarany de Bagé, Ser Caxias e Cascavel, além da Seleção Gaúcha, em duas oportunidades. Ponteiro-direito ofensivo tinha velocidade e facilidade no drible, além de ser preciso nos cruzamentos para a área. Era jogador de aplicação e dedicação em campo. Formou-se em Educação Física.

LIBINHO

Ataliba de Ávila era um meia-direita de grandes recursos técnicos. Funcionário da Empresa de Correios veio de Santa Maria para o Gaúcho. Jogou no Riograndense e Internacional de Santa Maria. Esteve no Santos, de onde saiu, porque sua licença como funcionário público estava se expirando, e era mais importante que jogar futebol. Voltou a Passo Fundo, e jogou no Riograndense. Formou ala direita com Dom Pedrito em Santa Maria e no Gaúcho. Rápido, driblava seus adversários com muita facilidade e também marcava muitos gols.

LÚCIO FLECK DA ROSA

Técnico que veio de Santa Catarina para o Gaúcho em 1973. Homem simples e amigo de todos, Lúcio era uma “raposa” do futebol. Treinador motivador armava seu time com muita inteligência. Gostou tanto de Passo Fundo que permaneceu na cidade, como dono de restaurante. Faleceu algum tempo depois.

LUIZ CARLOS

Luiz Carlos Santos começou nas categorias de base do Grêmio. Mais tarde, como juvenil, transferiu-se para o Internacional. Em 1970, profissionalizou-se no Gaúcho. Jogou no Tiradentes do Piauí, Atlético de Carazinho, 14 de Julho e Brasil de Pelotas, clube onde encerrou a carreira. Lateral esquerdo, muito técnico e bom marcador. Tinha na arrancada seu ponto forte, o que lhe dava boa recuperação. Apoiava com facilidade. Foi considerado, pela crônica esportiva do Rio Grande do Sul, o melhor jogador na sua posição em 1972 e 1973. Foi também convocado para a Seleção Gaúcha.

LUIZ FREIRE

Luiz Arnaldo Ellwanger Freire foi um jogador moderno. Meia-direita incansável na função de marcação, armação de jogadas e conclusão. Possuía grandes qualidades técnicas, como passe, lançamento e chute a gol, principais fundamentos dos atacantes. Filho do desportista Aroldo Madureira Freire, seu principal incentivador, Luiz Freire começou no futebol de salão. Jogou como amador no Planaltina, e profissionalizou-se no Gaúcho em 1971. Jogou ainda pelos seguintes clubes: Grêmio, Internacional, Atlântico de Erechim, Ypiranga, Esportivo, Ser Caxias, Aimoré, Pelotas, Brasil de Pelotas, Santa Cruz, Passo Fundo, São Luiz de Ijuí, Guarany de Bagé, Coritiba e Cascavel. Foi artilheiro do gaúchão em 1977 pelo Esportivo. Ao encerrar a carreira, passou a ser técnico de futebol.

MACHADO

Ramos da Luz começou jogando no Florestal, União da Zona e Garrat, times amadores de Porto Alegre. Atuou ainda como amador pelo Oriente de Canoas. Seu primeiro time profissional foi o Grêmio Porto-Alegrense, em 1959. Jogou no Flamengo de Caxias antes de vir para o Gaúcho, em 1964, ficando até o final de 1968. Daí mudou-se para o 14 de

Julho, permanecendo até 1970. Lateral direito de grande fôlego para as funções de marcação e apoio. Ao encerrar a carreira, tornou-se competente treinador. Segundo seus comandos e pessoas da imprensa, foi o melhor técnico de futebol que passou por times locais. Capaz de mudar seu time taticamente durante os jogos para virar resultados. Ensiava exaustivamente jogadas novas durante a semana, era disciplinador e motivador. Treinou o Gaúcho, 14 de Julho e Ypiranga, entre outros clubes.

MANECA

Darci da Silva Lopes, o Maneca, começou nas categorias inferiores do Grêmio, subindo ao time principal em 1957. Jogou ainda no São José antes de se transferir para o 14 de Julho, em 1960. Esteve apenas um ano no alvirrubro, passando para o Gaúcho. Jogou até 1969, quando encerrou sua trajetória. Lateral esquerdo técnico, não era de apoiar muito, mas quando o fazia, a jogada saía sempre qualificada. Em termos de marcação era soberbo. Estudava seu adversário nos primeiros minutos de jogo para depois dominá-lo totalmente. Muito leal, raramente desarmava com faltas.

MARCONDES

Marcondes Barbosa funcionário da Viação Férrea. Começou a jogar pelo Riograndense de Cruz Alta. Em 1941 foi transferido para Passo Fundo, quando defendeu o Riograndense local até 1944. Atacante altamente técnico e goleador, Marcondes deixou seu nome gravado na lembrança dos que o viram jogar, um verdadeiro craque. Encerrou a carreira em seu clube de origem.

MARCOS EUGÊNIO

Era treinador das equipes de base do Internacional, quando veio para o Gaúcho em 1968. Motivador e estudioso do futebol. Sabia mexer na equipe durante as partidas. Levou o alverde a bons resultados quando aqui

esteve. Treinou também, com sucesso, o Juventude e o Caxias. Faleceu há alguns anos, quando treinava o Juventude.

MECA

Américo Martins de Oliveira nasceu e começou a jogar futebol em Carazinho. Como armador, atuou pelo Ipiranga e Brasil, clubes de sua terra. Vestiu a camisa do Veterano de 1956 até 1959. Nesse mesmo ano transferiu-se para o 14 de Julho, e em 1962 para o Gaúcho. Identificou-se perfeitamente com a mística camisa alviverde e sua fanática torcida, da qual foi um dos maiores ídolos. Velocíssimo, ágil e valente, Meca enfrentava, sem se amedrontar, troncudos laterais. Figura simples e humilde, só teve amigos em sua trajetória futebolística. Foi apelidado de “Garrincha de Passo Fundo” ou “Sete de Ouro”, por causa do futebol praticado e pela sua posição de ponta-direita. Em 1966 foi escolhido craque do ano pela imprensa especializada.

MILÉO

Cândido Aristides Miléo nasceu no Uruguai, e veio para Passo Fundo oriundo do Sá Viana, de Uruguaiana. Funcionário da Viação Férrea jogou pelo Riograndense em 1940. No ano seguinte foi para o 14 de Julho. Atacante de grandes qualidades tinha uma jogada característica: esperava a bola na área, quando dos cruzamentos laterais, ficando de costas para a goleira. A bola vinha em sua direção, e Miléo, girando o corpo, pegava-a de voleio, normalmente de pé esquerdo. Invariavelmente a bola ia no ângulo. Voltou ao Riograndense e ao parar de jogar passou a ser técnico. Faleceu como indigente em Camaquã.

NADIR

Nadir Antonio Smaniotto está entre os melhores goleiros que Passo Fundo já teve. Iniciou a carreira no Independente. Vestiu a camisa do 14 de

Julho em duas partidas amistosas, para depois se transferir para o Gaúcho. Goleiro seguro e calmo dava tranqüilidade à sua defesa. Jogou no Juventude de Caxias, quando substituiu o grande Negri, e no Pelotas. Voltou ao Gaúcho para encerrar a carreira.

NANINHO

Chegou ao 14 de Julho em 1965, já veterano. Era um goleador nato. Bom domínio de bola e arrancada fulminante rumo ao gol adversário era sua jogada característica. Jogou em grandes times do futebol brasileiro, como o Vasco da Gama, Flamengo, Sport Recife, Santa Cruz, Bonsucesso, Brasil de Pelotas, entre outros. Foi convocado para as seleções Carioca, Pernambucana e Brasileira. Parou de jogar no Glória de Carazinho, em 1966. Faleceu tragicamente em Porto Alegre.

PAPAGAIO

Miguel Oliveira Monteiro começou jogando em 1936 no Riograndense. Em 1937, com a volta do Gaúcho às atividades, passou a defender o alviverde, até encerrar a carreira no final de 1945. Meia-direita, de pequena estatura, era habilidoso e goleador. Esteve na famosa campanha do Gaúcho, no estadual de 1939, quando formava o ataque com Brasileiro, Nino, Micuim e Laus. É um dos grandes nomes da história do clube.

PAULO SERGIO POLETTO

Como jogador atuou no Lajeadense, Internacional de Porto Alegre, Atlético Paranaense e Guarany de Bagé. Após parar sua trajetória como jogador, começou uma carreira brilhante como técnico de futebol. Dirigiu mais de 25 times, entre eles, o Grêmio Porto-Alegrense, Coritiba, CRB de Maceió, Joinville, Atlético Paranaense, Pinheiros do Paraná, Maringá, Criciúma, Uberlândia, Brasil de Pelotas, Ser Caxias, Clube do Remo,

Ypiranga, além do Barcelona de Guayaquil, e Nueve de Octubre, ambos no Equador. Foi assistente técnico da Seleção Equatoriana. É um técnico estrategista. Comanda seu time com o regulamento da competição nas mãos, e arma sua equipe de acordo com o resultado que pode obter. Técnico capaz de mudar seu time taticamente durante as partidas, dependendo da esquematização do adversário. Estudioso e profundo conhecedor do futebol. Um dos grandes treinadores que surgiram em nosso Estado.

PEDRO

Pedro Rodrigues iniciou como jogador de futebol, nas categorias de base do Internacional. Já como profissional, foi emprestado à Associação Caxias, na época da fusão entre Flamengo e Juventude. Voltou ao Inter e novamente ao Caxias. Emprestado para o Riograndense de Santa Maria, com o licenciamento daquele clube, veio defender o Gaúcho. Formou dupla famosa com Bebeto, no ataque periquito. Mas, tarde, com o sucesso de ambos, o Internacional os contratou. Bebeto foi embora, e Pedro permaneceu no Beira-Rio. Jogou ainda no Palmeiras, Marília, Juventus, Operário de Campo Grande, entre outros clubes. Voltou ao Gaúcho em 1984, novamente encontrando Bebeto. Pedro foi um espetacular jogador de futebol. Grande domínio e visão de jogo, dribles fantásticos e muitos gols. Verdadeiro craque de bola.

PIRATA

Antonio Severo de Freitas, o Pirata, começou no Riograndense, time em que era torcedor. Ficou até 1960, quando passou para o Independente. No alvinegro, começou a carreira de treinador, após uma séria lesão. Foi também um grande goleiro de futebol de salão, jogando pelo Americano, Capingüi e Atlanta. Mesmo com um problema físico na perna direita, nada afetava seu desempenho em campo. Dono de uma grande elasticidade e arrojo.

POLACO

Começou pelo Cruzeiro da Brigada Militar em 1935, permanecendo no clube até 1938, quando da sua extinção. Transferiu-se então para o Riograndense, encerrando a carreira em 1943. Jogava em todas as posições do ataque e tinha um potente chute, embora fosse um jogador franzino. Tinha o biótipo de um anti-atleta, mas foi considerado um grande craque.

PREGENTINO

Pregentino Luiz Parizzi, filho de tradicional família passo-fundense, foi um jogador de ótimas qualidades. Veloz e objetivo, fazia muitos gols. Começou no Independente, jogando após no Riograndense, por um breve período. Teve seus melhores momentos, defendendo o 14 de Julho. Parou de jogar ainda jovem.

PRINCHE

Clodomiro Machado, o Prinche, foi um jogador de grande habilidade. Possuía uma técnica refinada no domínio da bola. Começou na lateral direita, e graças a facilidade que tinha em sair jogando para o ataque passou a centromédio. Tinha seu lado viril, como ele próprio citou: “ninguém fazia nome em cima de mim”. Com bom porte físico, impunha respeito. Foi um cigano do futebol. Jogou pelo Gaúcho, 14 de Julho, algumas partidas pelo Riograndense, Internacional de Porto Alegre, Guarany de Cruz Alta, Grêmio Santanense, Riograndense de Santa Maria, Grêmio de Bagé, Nacional de Porto Alegre, e ainda fez testes no Corinthians Paulista. Encerrou a carreira no Gaúcho.

QUERO-QUERO

Era o apelido de João Ribeiro Filho, funcionário da Viação Férrea, que jogou no Riograndense. Iniciou em 1940, encerrando a carreira em 1951. Passou então a treinar o “ferrinho”. Atuava em várias posições, e sua versatilidade era útil ao seu time. Jogava duro, mas tinha técnica. Era chamado de “homem borracha”, pois rebatia a bola de bicicleta para o campo contrário. Marcou época, dedicando sua vida ao Riograndense.

RAUL

Raul Alves Matté foi um jogador emblemático. Símbolo da raça e dedicação nos clubes por onde atuou. Começou no Juventude de Caxias, passando, após pelo Flamengo, Aimoré e Floriano. No início de 1965, veio para o Gaúcho, jogando como centroavante. Versátil, jogava em todas as posições do ataque. Numa partida contra o Internacional, em Porto Alegre, o técnico Altino Nascimento escalou-o numa emergência como centromédio. Nunca mais abandonou a posição. Raul foi muitas temporadas capitão do time do Gaúcho. Em 1974, aceitou proposta do Atlético de Carazinho, encerrando a carreira de jogador naquele clube. Foi treinador do Gaúcho, 14 de Julho, Atlético e Chapecoense. Defendeu a seleção gaúcha, como capitão do time.

ROBERTO

Manoel Roberto Antonello foi um jogador magnífico. De porte físico avantajado, dominava o meio de campo como se fosse sua casa. Sempre de cabeça erguida, fazia o que bem queria com a bola, tratando-a com muita intimidade. Jogador que tanto carregava a bola para o tabelamento como fazia lançamentos longos e precisos ao seu ataque. Atuou no Cerâmica de Gravataí e no Taurus de Porto Alegre, clubes amadores. Depois, nos juvenis do Grêmio, 14 de Julho, Gaúcho, Ypiranga e Guarany de Bagé. Voltou ao Gaúcho para encerrar a carreira, em razão de uma lesão no joelho.

SANTARÉM

Antonio Carlos Lemos Santarém, uma lenda do nosso futebol. Começou jogando nos times de várzea de Porto Alegre, como o Auxiliadora e Clarão da Lua. Jogou também nas categorias menores do Força e Luz. Pelas mãos do Capitão Luiz Gastão Bastos, da 5ª Zona Aérea, foi para o Cruzeiro. Tinha 19 anos, era da categoria juvenil. Estreou na equipe principal num Gre-Cruz da Páscoa, saindo-se muito bem. Em 1960, o clube estrelado realizou uma excursão à Europa e Santarém foi preterido da delegação. Desgosto com a comissão técnica do clube aceitou convite para defender o Veterano de Carazinho. Esteve ainda no Glória, 14 de Julho, Gaúcho, onde formou fantástica meia-cancha, com Wilson Moraes e Sariba, e Flamengo de Caxias. Em 1965 voltou ao 14 de Julho, permanecendo até 1971. Nesse período, em 1968, foi emprestado ao Ypiranga de Erechim. Um craque extraordinário. Fazia o que bem queria com a bola, como o gol antológico que marcou no dia 16 de outubro de 1967 contra o Flamengo de Caxias, ao driblar oito adversários em direção ao gol, incluindo o goleiro, entrando com bola e tudo para as redes. Atuou ainda no Juventude de Guaporé e Colorado de Não-me-Toque. No final da carreira, atendendo convite do amigo Romeu Damian, então técnico do Independente, voltou à condição de amador.

SARIBA

Jogador de grande talento, João Carlos Fraga, Sariba veio para o Gaúcho dos juvenis do Grêmio em 1960. Jogava no meio-campo e tinha muita técnica e um chute violentíssimo. Com porte físico pequeno, era rápido e objetivo, tanto com a bola nos pés, ou realizando lançamentos perfeitos aos seus companheiros. Em 1964 foi para a Argentina, onde jogou em alguns clubes, entre eles, o Godoy Cruz, da Província de Mendoza.

SERGINHO

Sergio Mariano começou jogando pelo IE e depois pelo Independente. Passou a treinar no Gaúcho e logo assinou contrato, em 1968. Ficou até 1972, quando um desentendimento com o treinador da época o levou ao 14 de Julho, encontrando este numa fase ruim. Passada as desavenças, voltou ao Gaúcho, ficando até 1978. Neste mesmo ano foi adquirido pelo Caxias. Encerrou a carreira profissional em 1982, passando a jogar no futebol amador caxiense. Era um ponteiro-esquerdo de recuo. Voltava ao meio-campo para armar as jogadas, e tinha força para chegar à linha de fundo para os cruzamentos, ou concluir a gol. Jogador de grande utilidade ao time.

TORÓ

Estupendo goleiro. Chegou de São Paulo para Passo Fundo em 1935, jogando até 1938 pelo Cruzeiro da Brigada Militar. Defendeu o Riograndense em 1940. Depois voltou a São Paulo. Aqueles que tiveram o privilégio de vê-lo jogar, falam dele maravilhas. Goleiro arrojado e acrobático. Era de origem polonesa e tinha grande porte físico, o que lhe facilitava para a posição.

TUTA

Luiz Carlos da Silva nasceu em São Leopoldo e começou a jogar no Lansul de Esteio. Depois passou por diversos clubes, como o Floriano, Cruzeiro, São José, 14 de Julho, Gaúcho, Veterano, Juventude e Ypiranga, entre outros. Baixinho e franzino, Tuta era um valente. Jogava tanto na ponta como na meia-direita, e fazia muitos gols. Figura humana exemplar e querido por todos. Tinha um sorriso permanente e inconfundível, mesmo dentro de campo.

VACARIA

Olávio Dorico Vieira chegou a Passo Fundo em 1967 com jeito tímido e futebol de craque. Veio para o 14 de Julho do Brasil de Vacaria, jogando no meio-de-campo ou na ponta-esquerda. Acabou se fixando na lateral-esquerda. No princípio era reserva de Noé, após ganhando a titularidade. Logo chamou a atenção de dirigentes do Internacional, que o contratou. Em sua estréia, marcou o gol da vitória, cobrando falta, aos 45 minutos do segundo tempo, contra o Flamengo. Atuou no Palmeiras em 1977. Encerrou a carreira prematuramente, em razão de lesões. Trabalhava a bola com maestria, com o pé esquerdo. Fazia lançamentos longos e era preciso nas cobranças de falta. Jogou na melhor fase, recente, do Internacional, e hoje é competente técnico de futebol.

VADECÃO

Oswaldo Spanemberg começou jogando no Riograndense em 1956. No ano seguinte, à convite do dirigente rubro Manoel Falcão, transferiu-se para o 14 de Julho. Permaneceu na “Baixada” até 1962, quando se transferiu para o Gaúcho. No alviverde ficou até início de 1965, quando voltou para o 14 de Julho, para encerrar a carreira. Jogava em todas as posições da defesa. Usava bem a perna esquerda, o que lhe dava condições para marcação daquele lado. Jogador forte e decidido, também tinha boa técnica.

VADILA

Oswaldo Mendes Marques, o Vadila, foi simplesmente um dos maiores jogadores produzidos por Passo Fundo. Seus irmãos, em número de 10, eram quase todos futebolistas. Além de Vadila, destacaram-se Josino, Inácio e Argemiro. O craque começou no Riograndense em 1935, tendo passagem pelo Gaúcho em 1937. Voltou ao Riograndense, e, no ano seguinte transferiu-se para o Cruzeiro de Porto Alegre. Formou ataque com

Zanini, Vadila, Clóvis, Ordovaz e Trado. Em 1940 foi jogar no Internacional como titular, no time que tinha: Julio Petersen, Álvaro e Alfeu; Assis, Magno e Pedrinho; Tesourinha, Russinho, Vadila Marques, Rui e Carlitos. No mesmo ano defendeu a Seleção Gaúcha. Em 1941 esteve emprestado ao Gaúcho, retornando em seguida aos Eucaliptos. Em 1946 voltou a Passo Fundo para jogar pelo Independente. Artilheiro de muitos predicados técnicos era manhoso e difícil de ser marcado. Usava qualquer artimanha para ludibriar seu adversário ou o árbitro. Extremamente habilidoso, é, seguramente, um dos melhores jogadores que desfilaram em nossos gramados.

VALMOR

Zagueiro que veio de Uruguaiana para Passo Fundo defender o 14 de Julho, em 1969. Jogador muito seguro e técnico tinha também grande impulsão, o que compensava sua baixa estatura. Por muitos é considerado um dos últimos grandes zagueiros que jogou em clubes da cidade. Esteve na iminência de jogar no Grêmio, mas a sorte não lhe favoreceu. Num simples recreativo, ele saltou para o cabeceio, e, ao cair, rompeu os tendões do calcanhar direito. Ficou muito tempo parado. Ainda jogou algumas partidas pelo 14 de Julho. Ao voltar à sua terra natal, defendeu o Ferro Carril.

VERARDI I

Valdemar Verardi começou jogando no Independente em 1946. Transferiu-se para o Grêmio em 1950, jogando no tricolor por dois anos. Encerrou a carreira ainda jovem, e voltou a Passo Fundo para ser treinador no Independente. Em seguida, fixou-se em Porto Alegre, onde reside até hoje. Jogador que possuía uma técnica perfeita e excelente visão de jogo. Tais predicados e uma grande habilidade o levaram a defender a Seleção Gaúcha.

VERARDI IV

Heitor Verardi, assim como seus irmãos, começou jogando pelo Independente. Em 1954 foi estudar em Porto Alegre, sendo convidado pelo irmão Valdemar para jogar no Grêmio, como juvenil. Sabedor disso, o Internacional, através do Sr. Tarzan Numer, pulou na frente, colocando para o craque um contrato profissional bem remunerado. Heitor estreou no time aspirante do Internacional num Gre-Nal, “acabando com o jogo”. Ficou nos Eucaliptos até final de 1959, quando encerrou a Faculdade de Odontologia prioridade em sua vida. Durante sua permanência no colorado, recusou convites para jogar no Palmeiras, Santos e Botafogo. Voltou a Passo Fundo em 1960, aceitando jogar, por prazer, no 14 de Julho. Novamente o Grêmio voltou a carga para contratá-lo, mas Verardi, agora torcedor rubro, não aceitou o convite. Parou de jogar em 1964. Jogador clássico, técnico e habilidoso. Usava bem os dois pés para fazer lançamentos e principalmente para proteger a bola. Dificilmente algum jogador a roubava de seus pés. Era excelente marcador, sem ser desleal. Foi campeão universitário pela Seleção Gaúcha em 1956. Heitor Verardi, um de nossos grandes craques.

VETE

Luiz Carlos Mader, Vete, era lateral-direito de origem. Formou, com Vicente e Auro, a linha média mais famosa de Passo Fundo. Jogador forte, técnico e viril, vestiu as camisas do Gaúcho, 14 de Julho. Atlético e Independente, sempre com a mesma garra e vontade. Foi treinador do Gaúcho, e coincidentemente faleceu no dia 12 de maio de 1971, data de aniversário do alviverde, seu clube de coração.

VICENTE

Luiz Vicente Pszybyovicz foi um centromédio clássico. Tinha um bom domínio de bola e passes precisos. Vicente começou nas categorias menores do Grêmio Porto-Alegrense, passando depois para o Cruzeiro.

Veio para o Gaúcho em 1946, clube onde encerrou a carreira. Nesse período teve rápida passagem pelo Nacional de Cruz Alta.

VICENTE SOUZA

Jogador técnico e inteligente. Vicente Souza é de uma família de bons jogadores. Assim como eles, seus irmãos Angelo e Ernesto tiveram passagens por grandes clubes brasileiros. Vicente jogou no Flamengo do Rio de Janeiro, Portuguesa Santista, Internacional, Internacional de Santa Maria, Guarany de Bagé, 14 de Julho, Gaúcho e outros. Ao findar a carreira de jogador, começou a de técnico, graças ao grande conhecimento adquirido ao jogar em times de primeira linha. Dirigiu o 14 de Julho, Gaúcho, Independente, Glória de Carazinho, Ypiranga e outros.

VOLMY BOCORNY

Técnico de futebol que dirigiu o 14 de Julho vários anos, a partir de 1947. Tenente do Exército e professor de educação física, Bocorny foi treinador do Internacional de Porto Alegre em 1941 e 1943. Era um estudioso em esquematizações táticas.

WALDEMAR

Waldemar da Silva foi um fenômeno como goleiro. Aqueles que o viram atuar dizem que nunca viram nada igual. Com aproximadamente dois metros de altura, negro, usando uniforme preto, foi apelidado de Pantera, em razão também de sua agilidade. Jogou pelo Riograndense e Gaúcho, mas não ficou muito tempo em Passo Fundo. Recusou convite para jogar pelo Fluminense, preferindo o Peñarol do Uruguai. Seu maior tempo, em clubes, foi no Atlântico de Erechim. Já veterano, e sem a mesmo performance, esteve no 14 de Julho por pouco tempo.

WILSON MORAIS

Jogador de grande talento. Tinha um perfeito domínio de bola e era preciso nos lançamentos longos. Também cobrava faltas com maestria. Iniciou no Lutador, de Estação Getúlio Vargas, em 1954, ficando por quatro anos. Foi servir o Exército em Uruguaiana, quando defendeu o Ferro Carril. Passou depois por vários clubes, como o Atlético de Joaçaba, Juventus de Tangará do Sul, Flamengo de Curitiba, Internacional e Guarany de Lages, Gaúcho de Passo Fundo, Internacional e Riograndense de Santa Maria, Floriano de Novo Hamburgo, Metropol de Criciúma, Atlético Paranaense e Sadia de Concórdia. Teve rápida passagem pelo Peñarol de Montevideú.

ZOCA

Urbem Machado era seu nome. Zoca foi um ponta-esquerda rápido e driblador. Tinha enorme facilidade em chegar à linha de fundo para cruzamentos certos. Chutava bem e marcava muitos gols. Começou e encerrou a carreira no Glória de Carazinho. Mas durante dois anos, em 1964 e 1965, brilhou com a camisa vermelha do 14 de Julho.

Capítulo IV

A CRÔNICA ESPORTIVA

Hoje é inconcebível pensar em esporte com a crônica esportiva. A relação se faz necessária. O esporte se torna conhecido através dela. Na era da comunicação instantânea o que não é divulgado deixa de fazer parte da vida das pessoas. Mais do que nunca a vibração pelo esporte se faz sentir com a informação e a formação da finalidade do esporte em geral, e em especial do futebol.

Considerando o aspecto histórico, a crônica esportiva é uma fonte de informação valiosa.

Desde a fundação dos primeiros clubes de futebol, em nossa cidade, os jornais (único meio de comunicação existente), destacava cronistas para a difusão e a análise dos eventos futebolísticos. Os clubes, por outro lado, se serviam dos jornais para levarem ao conhecimento público tudo o que tinha de referência a eles, como convocações, chamamentos, notas, etc.

O jornal A Época, edição nº 72, de 22 de junho de 1922, por exemplo, relata a realização do clássico Gaúcho e 14 de Julho, um dois primeiros que se tem notícia pela imprensa. Além da análise do jogo em si, o jornal tecia comentários de cunho moral, como o trecho inserido na mesma matéria, que dizia: “O único fato a lamentar durante o jogo, foram certos incidentes desagradáveis, produzidos por torcedores e jogadores menos calmos, os quais, felizmente, não tiveram maiores conseqüências. Mas assim mesmo é de ter em conta esses incidentes porque o temor por eles se reproduzirem e é o principal empecilho ao comparecimento de grande número de famílias aos matchs realizados. Seria, pois, conveniente que as diretorias dos clubes locais se esforçassem ainda mais para manter completa ordem no campo. Da mesma forma, as vaias aos jogadores deveriam ser completamente abolidas. É necessário que os civilizemos esportivamente” (a grafia foi atualizada).

O mesmo jornal a Época, embora circulando semanalmente, e, com apenas quatro páginas, em determinadas edições, trazia página inteira com

assuntos sobre o futebol local. Na edição nº 111, de 24 de maio de 1923, aparece uma nota assinada pelo capitão-geral Alfredo Delvaux, que convoca seus colegas sócios-jogadores, do Sport Club Gaúcho, a comparecerem “ao nosso ground, para um training de classificação” e abaixo relacionava todos os convocados.

Em 19 de junho de 1925 nascia o jornal O Nacional, que a partir de 1930, passou a circular diariamente. Também teve e ainda tem relevante importância na divulgação do futebol, propagando notícias relacionadas ao futebol.

Nessa época a imprensa se utilizava de termos em inglês. Era comum utilizar, por exemplo: match (jogo); ground (campo de jogo); team (time); shot (chute); goal (gol); goal-keeper (goleiro); Center-half (centromédio); back (zagueiro); Center-foward (centroavante) e outros. Alguns anos após utilizava-se termos em espanhol, graças ao desenvolvimento técnico/tático de uruguaios e argentinos, e dizia-se: pelota (bola); munheca (pulso); hinchada (torcida), etc.

Na primeira metade dos anos de 1930, com a inatividade dos clubes, o jornal O Nacional mantinha seu departamento esportivo da mesma forma. Publicava matérias sobre a rivalidade entre os colégios Gimnásio Conceição x Gimnásio Instituto Educacional, bem como notícias de outros esportes praticados pelos passo-fundenses, como basquete, bolão, ping-pong, tênis, boxe e luta livre.

Em 1935 foi fundado o jornal Diário da Manhã, que igualmente deu ênfase ao esporte de Passo Fundo, colaborando, de forma permanente sua divulgação.

Com o passar dos anos os avanços tecnológicos na área técnica dos jornais, as matérias foram sendo enriquecidas com material fotográfico, dando assim, ao leitor uma idéia mais ampla dos fatos.

Vários foram os comentaristas, colunistas, repórteres e articulistas, que, através dos jornais, noticiaram grandes eventos esportivos. No início eram omitidos os créditos aos cronistas esportivos. No máximo eram

colocadas suas iniciais, como por exemplo: Orp (O Nacional, 1939); J.P. (O Nacional, 1946). Após, nomes como Antonio Augusto Corrêa, que trabalhou no jornal O Globo, do Rio de Janeiro, seu irmão, Jarbas Sampaio Corrêa, Antonio Augusto Meireles Duarte, Jorge Antonio Gerhardt, Flávio de Freitas Caetano, Wolly Venhofen, Antonio Missel, Paulo de Castro, Argeu Santarém, Hélio Freitag, Vitorino Oliveira, Luiz Carlos Schneider, Gerson Costa Lopes, Cleber Bertoncello, Mateus Rodighero, Kleiton Venhofen, entre outros, levaram ao conhecimento do grande público, através de textos bem elaborados, claros e no “linguajar da bola”, todos os grandes acontecimentos do futebol de nossa cidade.

No dia 19 de agosto de 1946 foi inaugurada, oficialmente, já que funcionava em caráter experimental, a ZYF-5, Rádio Passo Fundo, filiada à Rede de Emissoras Reunidas, cujo proprietário era Frederico Arnaldo Balvé. Seu primeiro gerente foi Maurício Sirotski Sobrinho, e os estúdios funcionavam na Rua Coronel Chicuta, 441.

No dia 15 de setembro de 1946, transmitiu seu primeiro jogo de futebol. Era a decisão do campeonato citadino, entre Independente e 14 de Julho, disputado no campo da Vila Vergueiro, pertencente ao Gaúcho. O narrador foi Leonel Silveira, que vinha de Cruz Alta, especialmente para esta finalidade. Não havia comentarista e muito menos repórter de campo.

Conforme conta o radialista Meirelles Duarte, a parte técnica era muito precária. As emissoras instalavam suas linhas nos postes de luz, quando não ficavam no chão, e a cada jogo se fazia necessária a revisão. Andavam os técnicos com escadas nos ombros, percorrendo distâncias entre a emissora e o estádio, contado com a ajuda na Cia. Telefônica.

Algum tempo depois a Rádio Passo Fundo contratou um narrador exclusivo. Chamava-se José Alcebiades de Oliveira Junior, conhecido apenas por Oliveira Junior, que posteriormente trabalhou na Radio Bandeirantes de São Paulo.

O primeiro jogo narrado fora da cidade, segundo Meirelles Duarte, foi em Cruz Alta, na partida entre Nacional x Gaúcho.

Em 1954, foi criada pelo Poder Público, cujo Prefeito era o senhor Daniel Dipp, a Rádio Municipal. Além das transmissões de jogos, mantinha programações diárias voltadas ao esporte, passando a ser mais um veículo de comunicação esportiva.

Já no final da década de 1960, entrava no ar a Rádio Planalto, emissora da Diocese de Passo Fundo, que, com o passar do tempo, aderiu às transmissões futebolísticas, mantendo até os dias atuais sua equipe de esportes, realizando transmissões de jogos.

No início dos anos de 1950, já na Rádio Passo Fundo, posteriormente na Rádio Municipal, o narrador era Meirelles Duarte. Sua primeira narração foi no jogo entre Independente x Palmeirense, em 1952. O detalhe curioso foi que Meirelles narrou apenas o segundo tempo. No primeiro, quem narrou foi Gelson Longhi, que conhecia melhor os jogadores, pois Meirelles recém havia chegado de Getúlio Vargas. Ocorre que na época as camisas dos jogadores não tinham números, o que dificultava o reconhecimento do atleta pelos homens de rádio. Meirelles também introduziu a função do comentarista de intervalo de jogo. Segundo seu depoimento, solicitava a algum torcedor ilustre ou dirigente dos clubes, para que tecessem alguma análise do que viram no primeiro tempo. O primeiro a ser convidado foi o advogado Dr. Celso da Cunha Fiori, num clássico realizado na Baixada Rubra. O ilustre jurista e dirigente do 4 de Julho, Dr. Celso Fiori se empolgou e ao invés de analisar o jogo, fez um tremendo discurso.

Em 1954, seguindo o que faziam as grandes emissoras, foram introduzidos os repórteres de campo, o que facilitava a vida do narrador e comentarista, além de fornecer maiores informações e detalhes do jogo para os ouvintes.

A convite de Meirelles Duarte, em 1957, Jarbas Sampaio Corrêa, então linotipista do jornal Diário da Manhã, passou a ser o primeiro comentarista profissional do rádio passo-fundense. Seu primeiro jogo foi um clássico Gaúcho x 14 de Julho, realizado na Baixada Rubra.

Leonel Silveira, Oliveira Junior, Gelson Longhi, Jorge Antonio Gerhardt, Wolly Venhofen, José Auri da Rosa, Telmo Sampaio Corrêa, Antonio Augusto Corrêa, Rubens Ruas, Flávio de Freitas Caetano, Rafi Dadia, Ezevir Vilhena da Silva, Ben-Hur Silva, Darcy Ughini, Duarzan Bittencourt D'Avila, José Guedes, Paulo Roberto Mafessoni, José Gomes, Hélio Freitag, Gilson Jorge Paz, Argeu Santarém, José Fernando Belém de Carvalho, Paulo de Castro, Rogério Silva, Éden Pedroso, Jaime Freitag, Ricardo Dadia, Hugo Bittencourt, Luiz Carlos Carvalho, Ben-Hur Borges, Ari Machado, Luiz Carlos Schneider, Gerson Costa Lopes, Cleber Bertoncello, Mateus Rodigheiro, Kleiton Venhofen, Paulo Bigóis, Carlos Dantas, são alguns dos nomes da história do rádio e da imprensa passo-fundense, onde, juntamente com os técnicos, que passaram por toda a sorte de agruras, labutaram e ainda labutam para levar aos lares as emoções de um jogo de futebol.

Contudo foram dois abnegados lutadores que fizeram, e ainda fazem parte da galeria dos ilustres representantes da crônica esportiva.

Antonio Augusto Meirelles Duarte voltou a residir em Passo Fundo, em 1952, vindo de Getúlio Vargas, onde era cronista da Rádio Vera Cruz. Em 1954, com a criação da Rádio Municipal, foi convidado pelo então Prefeito Daniel Dipp, a ingressar na emissora. Assim foi feito.

Foi também, por muitos anos cronista esportivo do jornal Diário da Manhã, passando, posteriormente para o jornal O Nacional. Foi correspondente da Cia Jornalística Caldas Junior, em Passo Fundo, por ininterruptos 17 anos.

Meirelles Duarte foi, dentro da crônica esportiva, um dos maiores incentivadores do nosso futebol. Tanto nas rádios como nos jornais, suas crônicas e comentários levaram a verdade sobre os fatos e sempre tiveram caráter otimista, mesmo quando a situação era desesperadora. E sempre demonstraram clareza e lealdade com as pessoas diretamente à eles ligadas.

Meirelles é sinônimo de competência, luta, dedicação, denodo e emoção pelo futebol de Passo Fundo.

Jarbas Sampaio Corrêa nasceu em Palmeira das Missões, vindo a Passo Fundo com cinco anos de idade. Cresceu em meio ao futebol e a imprensa. Seus irmãos Jorge, apelidado de Pirilo e Miguel, o Didi, foram jogadores do nosso futebol, na época do amadorismo. Os outros, Antonio Augusto, jornalista renomado e Telmo, homens da imprensa esportiva.

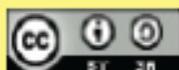
Como comentarista esportivo Jarbas iniciou em 1957, na Rádio Municipal. Trabalhou nos jornais, Diário da Manhã e O Nacional. Após a extinção da Rádio Municipal, em 1978, transferiu-se para a Rádio Passo Fundo, e posteriormente para a Rádio Planalto.

Foi convidado a cobrir importantes eventos esportivos, com o Clube Náutico Capingui, nas finais dos estaduais juvenil e adulto de futebol de salão, em 1960 e 1965, respectivamente; jogos abertos brasileiros, em Santo André, São Paulo e torneio internacional de voleibol, em Assunção, Paraguai, entre outros.

Um dos seus grandes orgulhos foi ter sido diretor de esportes do SESI, por ocasião da construção de seu moderno ginásio poliesportivo, o primeiro do interior do Rio Grande do Sul.

Homem simples e amigo de todos, Jarbas foi dono de uma imensa facilidade para expressar aos seus ouvintes os detalhes e os fatos inerentes uma partida de futebol. Estudioso e profundo conhecedor do esporte, transmitia com clareza e excelente vocabulário, através de seus textos jornalísticos, as análises e os acontecimentos do mundo da bola.

Com mais de 40 anos de crônica esportiva, Jarbas Sampaio Corrêa, faleceu em Passo Fundo.



Portal
Domínio Público
Biblioteca digital disponibilizada por software livre.



Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
Passo Fundo
Biblioteca Digital

